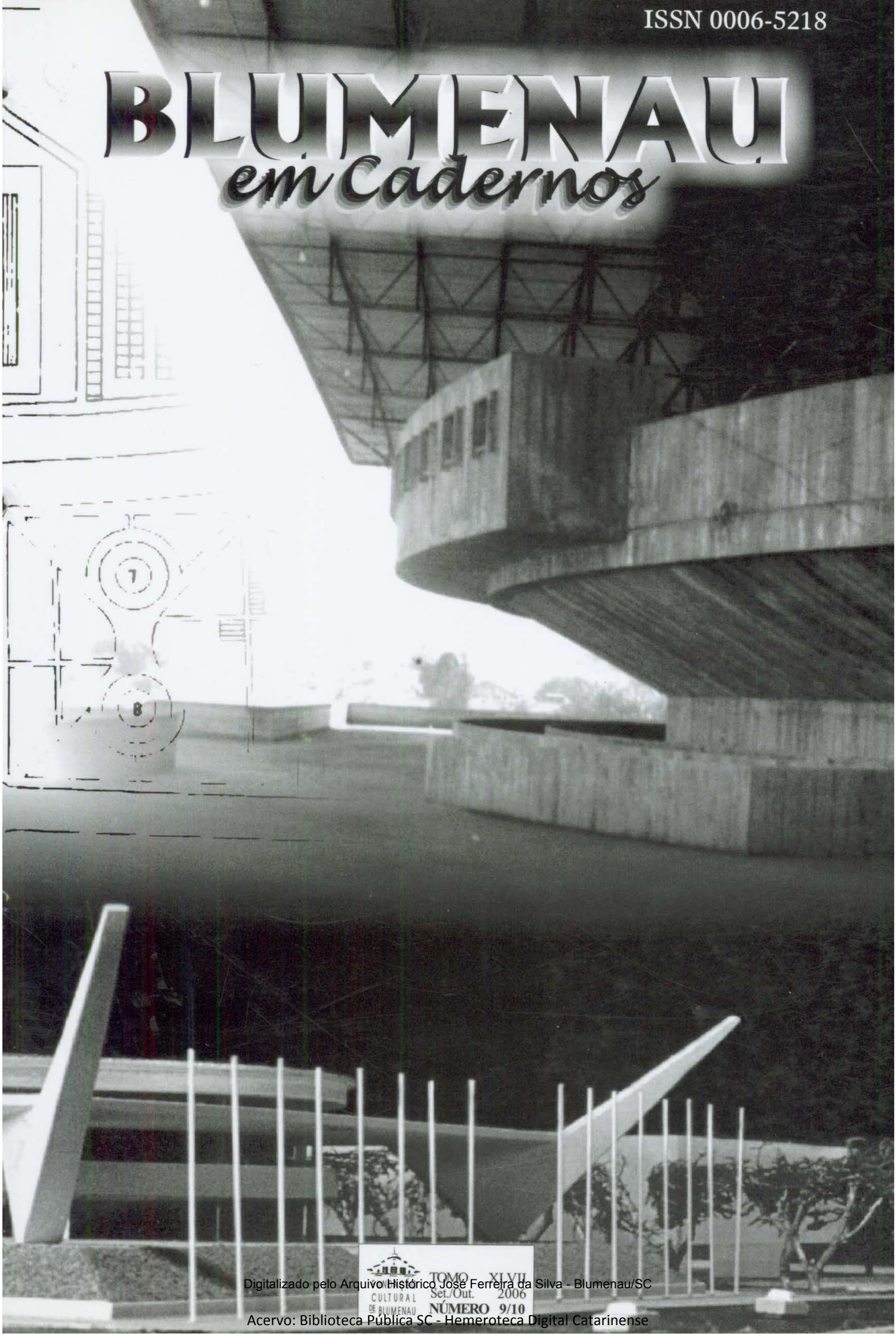
ISSN 0006-5218

BLUMENAU em Cadernos



CULTURAL DE BLUMENAU
TOMO XLVII
Set./Out. 2006
NÚMERO 9/10

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC
Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

BLUMENAU em Cadernos

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

PREFEITURA MUNICIPAL DE BLUMENAU

João Paulo Kleinübing
Prefeito Municipal

Edson Brunsfeld
Vice-Prefeito

FUNDAÇÃO CULTURAL DE BLUMENAU

Marion Bubeck Willecke
Presidente

Iúry Bugmann Ramos
Diretor Administrativo-Financeiro

Sueli M. V. Petry
Diretora Histórico-Museológica

Rafaela Hering Bell
Diretora do Museu de Arte de Blumenau – MAB

BLUMENAU EM CADERNOS

Fundada em 1957 por José Ferreira da Silva

Sueli Petry
Diretora

CONSELHO EDITORIAL

Annemarie Fouquet Schünke *(Presidente)*
Cristina Ferreira
Gervásio Tessaleno Luz
Ivo Marcos Theis
Marcos Schroeder
Roberto Marcelo Caresia
Urda Alice Klueger
Viegas Fernandes da Costa

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

FUNDAÇÃO CULTURAL DE BLUMENAU

Arquivo Histórico "José Ferreira da Silva"

Prêmio Alm. Lucas Alexandre Boiteux,
na Área de História – edição 1998, concedido
pelo Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina
Prêmio Destaque - 2002
concedido pela Academia Catarinense de Letras.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

© 2001 by Fundação Cultural de Blumenau

BLUMENAU EM CADERNOS

Expediente: Alameda Duque de Caxias, 64 - Caixa Postal, 425 - 89015-010 - Blumenau (SC)

Fone (047) 326-6990 - E-mail: arquivohistorico@fcblu.com.br**

Capa: Imagens do Projeto do "Galegão"
Silvio Roberto de Braga
Revisão: Valdir A. Petry
Digitação: Elton Cardoso
Secretária: Mirela Nolasco

CULTURA EM MOVIMENTO editora

EDITORA CULTURA EM MOVIMENTO
Rua XV de Novembro, 161 – Centro – Caixa Postal 425 - 89010-001 - Blumenau - SC
Fone (0**47) 326-7511 - E-mail: editora@fcblu.com.br
http://www.fcblu.com.br

Ficha Catalográfica
Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Biblioteca Pública Dr. Fritz Müller - Blumenau – SC

Blumenau em Cadernos. (Fundação Cultural de Blumenau) Blumenau, SC, 1 (06) 1957 -
Il.
Bimestral

ISSN 0006-5218

Depósito legal na Biblioteca Nacional, conforme Decreto nº 1.825, de 20 de dezembro de 1907
© Reservados todos os direitos de publicação total ou parcial pela Editora Cultura em Movimento
"Impresso no Brasil / Printed in Brazil"

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

SUMÁRIO

Documentos Originais - *Artigos*

Outras excursões à mata virgem
Karl Kleine 09

Artigos

O ginásio de esportes Sebastião Cruz
Egon Belz 36

O complexo social urbano e as lógicas da cidade
Claudir von Dentz e Edson von Dentz 54

Imigração e Globalização
Márcia Fagundes Barbosa 74

Memórias

Lembranças do Hotel Restaurante Delphy
Dr. Walmor Erwin Belz 81

Com automóvel e câmera rumo às Cataratas do Iguaçu
Dr. Heinrich Christian Zimmermann 84

Burocracia & Governo

Transcrições de documentos extraídos de fontes originais localizadas no acervo do Arquivo Público do Estado 102

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Crônicas do Cotidiano

Encontro com a infância

Urda Alice Klueger 112

Fragmentos da história de Blumenau

Cidades e Colônias alemãs em Santa Catarina - Blumenau

Ernst Von Hesse Wartegg 115

Autores Catarinenses

Quem escreve o que e onde

Enéas Athanázio 123

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Apresentação

Blumenau em Cadernos reúne, nesta edição, artigos, textos, traduções de memórias e comentários que, além de terem o mérito de enriquecer a história regional e catarinense, envolvem as mais diversas esferas sociais.

Na coluna bilíngüe **Documentos Originais – Artigos,** publica-se mais um texto da obra "*Blumenau de Ontem: experiências e recordações de um imigrante*" (*Blumenau einst Erlebnisse und Erinnerungen eines Eingewanderten*), de autoria de Karl Kleine, cuja tradução é um trabalho que vem sendo realizado por Annemarie Fouquet Schünke. Neste episódio, intitulado "*Outras excursões à mata virgem*", o autor, com muita desenvoltura, narra uma expedição realizada ao rio Benedito, afluente do Grande Itajaí, desta vez, sob o comando do agrimensor HansBreithaupt.

Na seção **Artigos,** o professor do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Regional de Blumenau – FURB, arquiteto Egon Belz, traz para o leitor uma síntese histórica do processo de construção do complexo esportivo do "Galegão". O autor foi o arquiteto da obra, e ao escrever o artigo que intitulou "*O Ginásio de Esportes Sebastião Cruz*", baseou-se em fontes produzidas na época, procurando de forma muito clara e ilustrada revelar os contratempos ocorridos durante a construção deste complexo esportivo que fugiu da sua concepção original.

Continuando com **Artigos**, o mestrando em Educação pela Universidade Regional de Blumenau – FURB, professor de Filosofia, Claudir von Dentz, e o historiador e especialista em História Social e Ensino de História, Edson von Dentz, através do texto "*O complexo social urbano e as lógicas da cidade: um estudo sobre a história do loteamento Dona Edite de Blumenau – SC*", apresentam o problema da ocupação ilegal no contexto urbano da cidade.

Ainda em **Artigos**, sob o título *"Imigração e Globalização"*, a doutoranda em Teoria Literária pela Universidade Federal de Santa Catarina, Márcia Fagundes Barbosa, aborda, através da análise das correspondências dos imigrantes, o processo de globalização centrado nas narrativas de vida em outro lugar, que aproximam e multiplicam diferenças, diversificam culturas e pluralizam identidades.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Ao escrever *"Lembranças do Hotel Delphy"*, o médico Dr.Walmor Erwin Belz, na seção **Memórias**, registra as reminiscências de sua juventude e suas relações de amizade com os freqüentadores daquele hotel- restaurante que marcou época entre as décadas dos anos 30 e 60 do século passado.

Em outro momento, publica-se o relato da viagem realizada ao Paraguai e Foz de Iguaçu pelo Dr.Heinrich C. Zimmermann. A mesma ocorreu há 57 anos, sendo realizada em companhia da filha Hanne Júlia, na época noiva do Dr. Carlos Gofferjé, que os acompanhou nesta viagem cheia de emoções e surpresas.

Dando prosseguimento à série de transcrições extraídas dos manuscritos datados do Século XIX relacionados à colônia Blumenau, publica-se, na seção **Burocracia e Governo,** correspondências trocadas entre a administração da Província de Santa Catarina e a direção da Colônia.

A escritora e historiadora Urda Alice Klueger, membro da Academia Catarinense de Letras, escreve a crônica *"Encontro com a infância"*, na qual relembra aspectos de sua infância.

Em **Fragmentos da História de Blumenau**, são publicados textos extraídos do periódico Der Urwaldsbote no ano de 1914, escritos pelo viajante alemão Ernest von Hesse Wartegg, que aqui passou, deixando as suas impressões sobre a cidade.

Continuando esta seção, é publicado um texto sobre a mostra fotográfica *"Hotéis em Blumenau"*, abordando a história da hotelaria blumenauense.

E, finalizando, o advogado e escritor Enéas Athanázio, em **Autores Catarinenses**, escreve sobre literatura e autores do Estado catarinense.

Encerramos a edição deixando o convite aos memorialistas, historiadores e pesquisadores a enviarem seus textos para publicação na revista Blumenau em Cadernos.

Sueli M. V. Petry
Diretora da revista Blumenau em Cadernos

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Outras excursões à mata virgem

Karl Kleine[1]

Documentos Originais - *Artigos*

Em certa ocasião estávamos acampados à margem direita do Benedito, junto a um grande poço, como aqui se designa um lugar calmo e fundo de um rio e onde há fartura de peixes. Schmaucher trouxera consigo um alemão recém-imigrado chamado Lohmeier, o qual queria conhecer de perto a vida na mata virgem. Ele era uma das pessoas mais agradáveis que se pode imaginar sobre a face da terra. Foi conosco para se divertir. Certamente imaginara a vida na mata bem diferente, pois esta, mesmo em boas condições, sempre está ligada ao perigo e às dificuldades, mas é bem mais penosa para um iniciante do que para um mateiro experiente. Além disso, era um verão quente, havia muitos mosquitos e borrachudos, que conseguiam levar ao desespero os mateiros

1 Imigrante alemão veio para a Colônia Blumenau em 1856. Suas memórias foram publicadas em alemão sob o título "Blumenau de Ontem: experiências e recordações de um imigrante" - (*Blumenau einst Erlebnisse und Erinnerungen eines Eingewanderten*). Os originais manuscritos em 35 cadernos foram doados pela família. Os mesmos estão sob a guarda do Arquivo Histórico Prof. José Ferreira da Silva, órgão vinculado à Fundação Cultural de Blumenau. Fundo Memória da Cidade – Coleção "Família Kleine". A tradução : Annemarie Fouquet Schünke.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Documentos originais - Artigos
Weitere Urwaldreisen

KLEINE, Karl. Blumenau einst p.ß2

So lagen wir auch einmal wieder am rechten Ufer des Benedito an einem großen Poço, wie hier eine tiefe, ruhige Stelle des Flusses genannt wird, in dem es von Fischen nur so wimmelte. Schmaucher hatte einen sogenannten Neudeutschen namens Lohmeier mitgenommen, der erst kürzlich eingewandert war und einmal den Urwald und das Urwaldleben aus nächster Nähe kennenlernen wollte. Lohmeier war der gemütlichste Mensch, den man sich auf Gottes weiter Erde nur denken konnte. Er war als Gast, nur zu seinem Vergnügen mitgegangen und hatte sich wohl das Bild des Urwaldes etwas anders ausgemalt, konnte auch nicht wie wir das Leben im Walde vertragen, welches selbst unter den günstigsten Umständen immer mit Beschwerden und Gefahren verbunden ist, die dem Neuling aber doppelt so schwer werden wie dem abgehärteten Waldläufer. Zudem war es heiße Sommerzeit, wo das Ungeziefer- namentlich Moskitos und Botukas – selbst den abgestumpftesten Wadläufer zur Verzweif1ung bringen können, wie viel mehr einen frisch Eingewanderten. Unser Gast wäre wohl geme bald wieder umgekehrt, aber er schämte sich wohl dessen und hielt tapfer die ganze Reise aus. Lohmeier aß ebenso geme Fisch wie Wildpret. Hier konnte er seine Gelüste in vollem Maße befriedigen.

Eines Abends fischte ich mit Lohmeier in dem Poço. In dem Canô zappelte es schon lustig von lauter Jundiá-Fischen, obwohl wir kaum eine Stunde gefischt hatten. - "Na, Karlemann", sagte Lohmeier zu mir, "wir wollen doch einmal zählen, wie viele wir eigentlich schon haben." - Es stellte sich heraus, daß es 99 Fische waren. "Das Hundert muß vo1l sein", meinte Lohmeier und warf die Angel aus. Ich sah ihm ruhig zu. Den einen Fisch zog er ja gleich heraus! - Aber die Schnur hing schlaff im Wasser. Eine geraume Zeit sah ich mir das an, dann warf auch ich die Angel vieder aus. Nicht das geringste Zucken ließ sich spüren! - So saßen wir wie die Ölgötzen viele Stunden lang, einer so hartnäckig wie der andere. Im sti1len bereute ich, daß ich nicht einen Fisch mehr gezählt hatte; denn ich wurde müde. - Nach Mittemacht ging der Mond auf. Wir wußten a1le beide, daß bei Licht kein Jundiá mehr beißt. - Lohmeier aber blieb sitzen! Ich dachte: wenn du's aushältst, halt ich's auch aus! Dasselbe mochte der andere denken. - Endlich merkte ich, daß Lohmeier mich verstohlen beobachtete. Um dahinter zu kommen, was er im Schilde führte, schloß ich die Augen und ste1lte mich schlafend. Lohmeier bückte sich vorsichtig, hob einen Fisch auf, zog seine Schnur ein, befestigte den Fisch an dem Angelhaken und ließ die Angel wieder leise ins Wasser gleiten. Kaum zog der Fisch an, stieß Lohmeier einen Freudenruf aus: "Karlemann, jetzt haben wir den Burschen! Sehen Sie nur, was für ein Kerl; das war ja die reinste Geduldsprobe!" -Fast hätte

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

mais insensíveis, quanto mais um novato. Nosso convidado, certamente, teria gostado de retornar mais cedo, mas sentiu vergonha e resistiu com coragem até o fim. Lohmeier apreciava comer, tanto peixe quanto caça. Aqui, ele pôde satisfazer sua vontade plenamente.

Em uma noite, eu estava pescando no poço com Lohmeier. A canoa estava repleta de jundiás, apesar de estarmos pescando menos de uma hora.

- Karlemann, vamos ver quantos peixes já temos? - falou Lohmeier.

Constatamos que havia noventa e nove peixes.

- O cento precisa estar completo - disse Lohmeier , atirando o anzol.

Olhei tranqüilo. Ele logo pegou outro peixe. Mas a linha continuou frouxa na água. Fiquei observando durante algum tempo, então joguei novamente o meu anzol. Nada se movia! Obstinados, permanecemos sentados durante horas, parecendo uns patetas. Estava ficando cansado e me arrependi de não ter contado um peixe a mais. A lua apareceu depois da meia-noite. Ambos sabíamos que o jundiá não morde a isca na claridade. Mas Lohmeier continuou sentado! Pensei: "Se tu agüentas, eu também agüento!" Ele deve ter pensado o mesmo. Então percebi que Lohmeier me olhava de esguelha. A fim de descobrir o que ele queria, fiz de conta que adormecera. Lohmeier se abaixou com cuidado, pegou um peixe, puxou a linha e o prendeu no anzol, deixando que deslizasse silenciosamente na água. Mal o peixe se moveu, ele exclamou alegre:

- Karlemann, agora o temos. Veja o tamanho! A nossa paciência realmente foi posta à prova.

Por pouco não desatei a rir alto pela artimanha, mas estava saturado da pescaria, além disso, ansioso para deitar-me. Não podia deixar de fazer-lhe esse favor. Eu fiz de conta como se tivesse acordado assustado e fiquei feliz pelo centésimo, assim como ele mesmo. *(Agora, Karl enumera as espécies de pássaros e mamíferos encontrados na época na mata virgem e os descreve; então percebi que Lohmeier abatera alguns destes animais com sua espingarda.)*

Em outra ocasião, retornávamos do trabalho até nosso rancho, de canoa. Lohmeier estava entre nós. Tivemos de passar por um grande banco de areia. Bem ao meio deste, sob um sol escaldante estava deitado um jacaré muito grande, como ainda não havia visto; dormia profundamente, tanto que nem nos percebeu. Lohmeier estava sentado na proa e disparou sua arma, mas ele a havia carregado somente com chumbo grosso. O ani-

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

ich laut aufgelacht über seine Finte, aber ich hatte nachgerade für heute das Fischen satt und sehnte mich viel zu sehr nach meinem Lager, um ihm den Gefallen nicht zu tun. Ich ste1lte mich also an, als ob ich erschreckt aufwachte und freute mich nun so über Nummer Hundert wie er selber. *(Karl zählt nun auf, welche Vögel und Säugetiere damals im Urwald anzutreffen waren, beschreibt sie und bemerkt, daß Lohmeier mit seiner guten Jagdflinte einige davon erlegte.)*

Einmal fuhren wir in der Canoa von der Arbeit nach unserem Rancho. Lohmeier war auch dabei. Wir mußten an einer großen Sandbank im Flusse vorbei. Mitten auf der von der glühenden Sonne heißen Sandbank lag ein Jacaré (das in Brasilien heimische Krokodil), so groß, wie ich noch keines gesehen hatte, und schlief so fest, daß es uns gar nicht bemerkte. Lohmeier, der vom im Kahn saß, legte sofort an und schoß. Er hatte aber nur groben Schrot geladen. Das Tier regte sich nicht. Lohmeier spannte den zweiten Hahn, aber Schmaucher schrie: "Nicht doch! Die kleine Eidechse ist tot!" Das Canô lief auf den Sand, und wir sprangen, fünf Mann hoch, aus dem Boot, urn die Sache zu untersuchen. Die große Amphibie lag unbeweglich. Dennoch näherten wir uns vorsichtig, denn die riesige Echse flößte uns doch einigen Respekt ein. Bald sahen wir aber, daß aus dem rechten Auge des Jacarés ein kleiner Blutstreifen floß, auch an anderen Stellen des Kopfes sickerte Blut hervor. Das Tier war wirklich mausetot. Ein einziger Schrotkom war durch das Auge in das Gehim gedrungen und hatte es blitzartig getötet. Wir maßen die Länge des Tieres mit unserer Meterkette, es waren reichlich fünf Meter. Diese abscheulichen Amphibien, welche widerlich, moschusartig stinken, haben ein schreckliches Gebiß. Zu jener Zeit gab es im Benedito und Cedro noch ziemlich viele von ihnen, obgleich solche großen Exemplare, wie Lohmeier eines geschossen, nur selten vorkamen. Im Durchschnitt waren sie zwei bis drei Meter lang. Seiner Größe wegen konnten wir das erlegte Tier nicht rnitnehmen. Mit der Axt, die wir stets bei der Arbeit mit uns führten, hieb Schmaucher ein Stück von dem Schwanze des Ungetüms ab, um das Fleisch zu probieren. Schmaucher aß nämlich alles, was ihn nicht fraß. Das Schwanzstück wurde dann schön geschmort, aber es war nicht möglich, auch nur den kleinsten Bissen davon hinunterzuwürgen; selbst Schmaucher brachte dieses Kunststück nicht fertig. Sogar die Urubús, die Aasgeier, vergreifen sich nicht an dem Kadaver eines Jacarés. Nachdem wir dieses Riesentier gesehen hatten, traute sich keiner von uns mehr im Benedito oder Cedro zu baden, womit uns ein gesundes und angenehmes Vergnügen verloren ging, welches wir in der Folge sehr entbehrten.

Lohmeier wollte gem einige Fischotterfelle mitnehmen, aber er kam nur ein einziges Mal zum Schuß. Das Tier kam ganz allein flußabwärts mit einem großen Fisch im Maule vorbeigeschwommen und suchte augenscheinlich einen geeigneten Platz, urn die Beute zu verzehren. Diese Tiere gehen nämlich bei ihren Mahlzeiten

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC
Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

mal nem se mexeu. Ele quis puxar o gatilho novamente, mas Schmaucher gritou:

- Não, o pequeno jacaré está morto!

Paramos no banco de areia, os cinco homens desembarcaram para verificar o que aconteceu. O grande anfíbio estava imóvel. Mesmo assim nos aproximamos com cautela, pois tínhamos receio do enorme jacaré. Logo percebemos que um filete de sangue escorria pelo olho direito, bem como de outras partes da cabeça. O animal estava realmente morto. Um único chumbo penetrara no cérebro através do olho e o matara instantaneamente. Medimos o animal, tinha uns bons cinco metros. Estes repugnantes anfíbios que fedem a almíscar têm uma dentadura terrível. Naquele tempo, havia muitos desses exemplares no Benedito e Cedro, mas eram raros os animais deste porte. Em média mediam dois a três metros. Não pudemos levar o animal por causa de seu tamanho. Com um machado, que sempre levávamos conosco para o trabalho, Schmaucher cortou um pedaço da cauda do monstro para provar, pois ele comia tudo que não o devorava. O pedaço da cauda foi assado, mas foi impossível comer um bocado sequer. Mesmo Schmaucher não conseguiu a façanha. Nem os urubus se arriscam num cadáver de jacaré. Depois de termos visto este animal enorme, nenhum de nós mais teve coragem de se banhar no Benedito ou no Cedro. Assim, perdemos um divertimento saudável e agradável, que nos fez muita falta.

Lohmeier queria levar consigo algumas peles de lontra, mas conseguiu atirar apenas uma vez. O animal nadava solitário rio abaixo com um peixe na boca, parecia à procura de um lugar adequado para devorar sua vítima. Na hora da refeição, esses animais mantêm muita higiene. Caso o bocado sujar com areia ou lodo, eles o lavarão cuidadosamente na água. É por isso que se encontra seu comedouro em cima de pedras ou troncos de árvores. Eles preferem nadar um longo trecho até alcançá-los, ao invés de matar sua presa na areia ou no lodo. Eu nunca os vi alimentar-se na água, provavelmente, porque até do peixe pequeninho tiram as escamas e os limpam por dentro antes de devorá-los. Lohmeier casualmente estava na margem do rio quando uma lontra passou velozmente. Apesar da carga pesada a debater-se energicamente, ela nadava rapidamente, e antes de Lohmeier se dar conta desaparecera na curva do rio. Ele correu para buscar sua espin-

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

sehr reinlich zu Werke. Kommt etwa Sand oder Schlarnm an ihren Fraß, so spülen sie denselben sorgfàltig im Wasser ab. Daher findet man ihre Fraßstellen nur auf Felsen oder dicken Baumstämrnen. Sie schwirnrnen lieber große Strecken weit, urn an ihre Freßplätze zu gelangen, als daß sie ihr Opfer irn Sand oder Schlarnrn abschlachten. Irn Wasser selbst habe ich sie nie fressen sehen, was daher kommen rnag, daß sie selbst den kleinsten Fisch erst abschuppen und säuberlich ausnehrnen, ehe sie ihn verzehren. -Lohrneier stand gerade am Ufer, als der Fischotter vorbeisegelte. Er schwamm trotz seiner schweren Last, die dazu noch tüchtig zappelte, ungeheuer schnell und war, ehe sich Lohrneier recht besinnen konnte, schon urn die nächste Biegung des Flusses verschwunden Lohrneier eilte nun, seine Flinte zu holen, dabei gab er rnir einen Wink und wir setzten nun, so schnell wie rnöglich dem Tiere nach. Lohrneier lag vom in der Canoa auf den Knien im Anschlag. Diesrnal hatte er eine Kugel im Lauf.

Als wir um die Flußbiegung karnen, sahen wir den Fischotter auf einem platten Felsen sitzen und sich eben anschicken, sein Opfer zu verzehren. Wir ließen nun das Boot rnit dern Strome treiben und wagten kaurn zu atmen. Das Tier ließ uns auch wirklich nahe herankommen. - Der Schuß blitzte auf, und der Fischotter schien tödlich getroffen zu sein. Er wälzte sich auf dern Felsen, fiel aber leider dabei ins Wasser und war verschwunden. Wir haben ihn nie wieder gesehen. Auf dern Felsen lag ein großer Traira, kein Koch könnte ihn besser zurechtgernacht haben. Er war so kunstgerecht ausgeschlachtet und abgewaschen, daß man ihn nur in die Pfanne oder in den Topf zu legen brauchte. Den Fisch nahrnen wir rnit; sein Jäger wäre uns freilich lieber gewesen.

Ein anderes Mal traf es sich, daß ich Schrnaucher rnit seinen Leuten in der Canoa von der Arbeit abholen rnußte. Um vier Uhr nachrnittags sollte ich an einern gewissen Punkte zur Stelle sein. Es war eine gute Stunde strornaufwärts zu fahren. Lohrneier wollte rnit rnir fahren. Ihm zu Gefallen fuhr ich schon rnittags fort. Wir hatten also Zeit genug, urn unterwegs zu burnmeln. Ich kannte aber Lohrneiers Gewohnheiten schon und rnachte rnich daher beizeiten auf die Strümpfe. Wir kutschierten also los, das heißt, ich rnußte rudem und Lohrneier saß rnit der Flinte zwischen den Knien und beobachtete den Fluß und den Wald nach Wild und allerlei anderen Dingen. Der Fluß war hier ruhig und ohne Schwierigkeit zu befahren; dennoch kamen wir nur sehr langsarn voran, weil Lohrneier jeden Augenblick ausstieg. Bald war es eine seltene Orchidee oder ein stachliger Kaktus, welche er haben rnußte, bald erregte ein Waldriese seine Aufrnerksarnkeit, dessen Umfang er erst gewissenhaft messen mußte. Dann lief er wieder hinter einem großen Schmetterling her, bis er sich in dem reichlich vorhandenen Rohrdickicht und den Schlingpflanzen verfing und auf die Nase fiel, wobei er regelmäßig seine Brille verlor. Dabei hatte Karlemann das Vegnügen, auf den Bäumen herumzuklettern

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

garda, fez um sinal e fomos o mais rápido possível atrás do animal. Ajoelhado na proa, estava pronto para atirar. Desta vez havia uma bala no cano.

Quando chegamos à curva do rio, vimos a lontra sentada sobre uma pedra começando a comer sua vítima. Deixamos a correnteza nos levar e não nos atrevemos nem a respirar. O animal deixou que nos aproximássemos. O tiro saiu, parecia que a lontra fora atingida mortalmente. Ela se contorceu sobre a pedra, infelizmente caiu na água e desapareceu. Nunca mais a vimos. Sobre a pedra havia uma grande traíra. Nenhum cozinheiro poderia tê-la preparado melhor. Havia sido limpa e lavada de tal maneira que bastava colocá-la na frigideira ou panela. Levamos o peixe, porém teríamos preferido seu caçador.

Em uma outra ocasião, tive de buscar Schmaucher e seus ajudantes de canoa. Eu deveria estar no lugar combinado pelas quatro horas da tarde. O percurso era de aproximadamente uma hora rio acima e Lohmeier queria me acompanhar. Para agradá-lo, partimos ao meio-dia, assim, haveria tempo suficiente para perambular pela região. Como eu já conhecia seus hábitos, achei apropriado sair mais cedo. Partimos, porém, era eu que precisava remar. Lohmeier observava o rio e a mata a procura de caça e outras coisas mais. Aqui o rio corria tranqüilo, no entanto, avançávamos devagar porque Lohmeier desembarcava a todo o momento. Uma vez era uma orquídea ou um cacto espinhento que queria, depois concentrava sua atenção num gigante do mato, cuja circunferência precisava medir meticulosamente. Então corria atrás de uma borboleta até emaranhar-se no bambuzal ou enrascava nas lianas e caía com a cara no chão; fatalmente perdia seus óculos. Karlemann tinha o prazer de subir nas árvores e retirar as plantas com muita dificuldade, usando o facão. O que não se faz pela ciência! E, além disso, catava insetos! Se Lohmeier tivesse catado apenas mosquitos e butucas ao invés de carochinhas e borboletas, teríamos tido mais sossego dessas pragas. Com tudo isso, ele não teve sorte com sua coleção. O calor intenso destruiu praticamente tudo. Conseguiu levar apenas algumas orquídeas e pedras para seu museu. Tudo o que colecionou durante esse dia foi deixado à beira do rio para levarmos na volta. Já havíamos montado alguns desses depósitos, que dariam pelo menos umas seis viagens, antes dele se dar por satisfeito. Continuamos a navegar. De repente Lohmeier falou:

- Veja, veja, Karlemann! Lá em cima há uma pessoa!

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

und mit dem Facäo mühsam die Pflanzen auszugraben. Aber was tut man nicht alles für die liebe Wissenschaft! - Und num erst die Insektensammelei! Hätte Lohmeier statt seiner Käferlein und Schmetterlinge doch nur Moskitos und Botuken gesammelt, so würden wir bedeutend mehr Ruhe vor diesen Plagegeistern gehabt haben. Übrigens erging es ihm schlecht mit seiner Sammlung. Die große Hitze zerstörte fast alles. Nur einige Orchideen und die Steine brachte er glücklich in sein Museum. Bei der heutigen Tour wurde alles Gesammelte am Ufer aufgestapelt, um es auf der Rückreise mizunehmen. Wir hatten schon eine ganze Reihe solcher Depots angelegt, welche alle zusammen wohl sechs Bootsladungen ausmachten, ehe Lohmeier endlich genug hatte.

Wir fuhren weiter. Plötzlich rief Lohmeier: "Sehen Sie! Sehen Sie Karlemann! Dort oben steht ein Mensch!" Wahrhaftig, ungefähr auf doppelte Schußweite stand eine Gestalt am Wasser und schien mit der Hand Wasser zu schöpfen und zu trinken. Sie war aber so von Gesträuch verdeckt, daß man nicht erkennen konnte, ob es einer der Unsrigen oder ein Buger war. Nur wenn die Gestalt sich zum Wasser bückte, konnte sie von uns bemerkt werden. Imrner näher kamen wir, und immer verdächtiger kam uns die Sache vor. - Wir hatten wohl einen rothaarigen Kameraden unter uns, aber rote Beine hatte er nicht. Auch war er als Koch beim Rancho geblieben und konnte also unmöglich hier den Buger spielen. – Lohmeier hob die Flinte. – "Nicht schießen!" raunte ich ihm zu, "erst sehen, wen wir vor uns haben". Ich dachte an Baptista. Aber es war schon zu spät. Der Schuß donnerte über das Wasser, und ein gräßliches Geschrei war die Antwort. Da krachte auch schon der zweite Schuß. Das Geschrei ging in ein klägliches Gewinsel über. Lohmeier griff jetzt nach seinen Pistolen und schrie: "Ranfahren, ranfahren! Das ist ein Buger!" – Ich wußte gar nicht, was ich davon halten sollte. Ich fuhr ran, aber nicht an die Gestalt, sondern direkt ans Land, steckte das Paddelruder im Ufergrund fest und hielt den Kahn an. – "Wenn das vor uns wirklich ein Buger ist, so müssen Sie erst das Gewehr wieder laden", sagte ich zu Lohmeier. "Warum?" fragte dieser verwundert. "Nun, weil sich dann jedenfalls noch mehrere Buger hier herumtreiben und uns leicht auf den Hals können". Das schien ihm einzuleuchten, und er schickte sich an, das Gewehr neu zu laden. Gerade als er das letzte Zündhütchen aufsetzte, brach die seltsame Gestalt zusammen. Jetzt sahen wir erst, mit wem wir es zu tun hatten. Es war ein riesiger alter Brüllaffe, der hier vor uns im Wasser kauerte, überaus klägliche Töne ausstie und sich mit der einen Hand am Gesträuch festhielt, um nicht ganz zu versinken. Mit der andem Hand aber fuhr er wiederholt über die behaarte Brust und streckte sie uns dann voll Blut entgegen. - Ich fuhr bis auf zehn Schritt an ihn heran. Er wimmerte wie ein Mensch, der im Sterben liegt. Sein Wimmem und Stöhnen drang uns durch Mark und Bein. Auch sahen wir ganz deutlich, daß er weinte wie ein Mensch. Lohmeier schoß ihm eine Kugel zwischen die Augen und

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Realmente havia um vulto na margem, parecia estar bebendo água da mão. Estava protegido pelos arbustos, tanto que não dava para reconhecer se era um dos nossos ou um bugre.

Era possível percebê-lo somente quando se agachava para chegar até a água. Quanto mais nos aproximávamos, mais suspeitas nos vieram. Tínhamos um companheiro mono, mas ele não tinha pernas avermelhadas. Era o cozinheiro e ficara no rancho. Portanto, não podia estar se passando por um bugre. Lohmeier levantou a espingarda.

- Não atire! - falei baixinho. - Primeiro vamos ver quem é.

Pensava em Batista, mas já era tarde demais. O disparo atravessou o rio com estrondo e em seguida ouvimos um berreiro. No mesmo momento o segundo disparo. O berreiro passou para lamento. Lohmeier pegou suas pistola e gritou:

- Encosta, encosta, é um bugre!

Eu nem sabia o que pensar. Aproximei-me, não do vulto, mas da margem, finquei o remo no fundo do rio e parei a canoa. Disse para Lohmeier:

- Se realmente for um bugre é preciso carregar a arma novamente.

- Por quê? - perguntou admirado.

- Bem, porque nesse caso, certamente, teremos mais bugres que poderão nos atacar.

Isso ele entendeu e quis carregar novamente a espingarda. Mas o estranho vulto tombou quando ele estava colocando a última espoleta. Agora vimos do que se tratava. Era um bugio enorme, estava agachado na água diante nós, gemia e se segurava num arbusto para não sucumbir na água. Passou a mão no peito e a estendeu toda ensangüentada. Aproximei-me dele até uns dez pés de distância. Ele gemia como uma pessoa agonizante. Seus gemidos nos atingiram profundamente. Percebemos nitidamente que ele chorava como gente. Lohmeier deu um tiro de misericórdia entre os olhos, para terminar com esta agonia. Ele caiu na água antes de conseguirmos segurá-lo e não mais reapareceu.

Nunca mais vi um macaco beber água no solo, e nunca mais vi um daquele tamanho. Esse incidente ficou em minha mente durante muito tempo, tanto, que quando me lembrava do acontecido eu chegava a escutar o gemido do macaco agonizante. Lohmeier ficou em silêncio...

Schmaucher e seus ajudantes já estavam à nossa espera. Ele escutara

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

machte damit seinem Leiden ein Ende. Er kippte um und fiel vollends ins Wasser; ehe wir zufassen konnten, war er schon untergegangen und kam auch nicht wieder zum Vorschein.

Niemals hatte ich, weder vor - noch nachher, einen Affen gesehen, der am Boden Wasser getrunken hätte. Auch sah ich nie wieder einen von solcher Größe. Noch lange nachher schwebte mir dieser Vorfall vor Augen, und ich glaubte, dabei das Jammern des sterbenden Affen zu hören. Lohmeier war bei dieser Begebenheit ganz still geworden...

Schmaucher erwartete uns schon mit seinen Leuten. Er hatte unsere Schüsse vernommen und wollte nun die Ursache des Schießens wissen. Wir gaben irgend etwas anderes an und verschwiegen das Abenteuer . Der Eindruck des jämmerlichen Schauspiels war noch zu frisch, und wir wollten uns nicht die ganze Geschichte noch einmal vor Augen führen. - Einige Tage später zogen wir wieder heimwärts.

Die folgende Reise nach dem Benedito lief sehr kläglich ab. Diesmal war der Oberbefehlshaber, Hans Breithaupt, selber mit. Schmaucher wurde nach dem Cedro geschickt, und Breithaupt wollte die Arbeit am Benedito fortsetzen. Schmaucher war so gescheit und behielt die alte Garde für sich. Breithaupt hatte lauter frische Rekruten, worunter sogar einige Neulinge waren, die überhaupt erst einige Monate lang in Blumenau lebten und von der Waldarbeit rein gar nichts verstanden. Einer war ein Mechaniker, der andere ein Kürschner, der dritte sogar ein Barbier, und so ging es fort. Breithaupt hatte sie aus purem Mitleid mitgeschleppt, damit die armen Kerle etwas verdienen sollten. Das war ja ganz schön und gut, aber hier im Urwald waren die Geister absolut nicht zu gebrauchen, und er hätte ihnen das Geld lieber gleich in Blumenau schenken sollen, dann hätte er wenigstens die Kost gespart.

Weil es an Bootsfahrern fehlte, mußte ich mit Breithaupt gehen. Das wäre mir schon recht gewesen, denn Breithaupt war ebenso human zu seinen Arbeitem wie Schmaucher. Aber er hatte zu wenig erfahrene Waldläufer, und Bootfahren konnte kein einziger von ihnen. Wir hatten nur ein einziges Boot zu unserer Verfügung, das zum Transport der Sachen und Lebensmittel dienen mußte. - Breithaupt marschierte mit seinem Handwerkerverein die Meßpikade hinauf. Ich und ein gewisser Jakob Kantel, der schon eine längere Zeit in Brasilien war und das Waldleben einigermaßen kannte, aber leider nur in ruhigem Wasser Bootfahren konnte, wir mußten das große, ganz neue Boot, das seine erste Reise machte, jetzt führen. Gleich oberhalb der Mündung des Cedroflusses liegt im Benedito ein kleiner Wasserfall, der für erfahrene Bootfahrer nicht gefährlich ist. Kantel, der vor der kleinsten Stromschnelle einen heiligen Respekt hatte, sollte nun auf einmal einen regelrechten Salto überwinden, der für ihn ungefähr einen Niagarafall bedeutete. Dennoch kamen wir ohne Unfall durch. Oberhalb des Salto ist der Fluß wieder ruhig. Da wir an unseren Kameraden in der Pikade, die uns von Zeit zu Zeit Signale gaben, nicht

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

os tiros e queria saber o motivo. Demos uma desculpa qualquer, não revelamos a verdade. O triste espetáculo ainda estava diante de nós, não queríamos nos lembrar disso mais uma vez. Alguns dias mais tarde, seguimos para casa.

A viagem seguinte, ao Benedito, foi um fracasso. Desta vez, o chefe Hans Breithaupt nos acompanhou. Schmaucher foi enviado para o Cedro e Breithaupt queria continuar o trabalho no Benedito. Schmaucher foi sensato em manter os mesmos trabalhadores. Breithaupt recrutou homens sem experiência, entre eles novatos da Colônia Blumenau, que não entendiam absolutamente nada sobre o trabalho na mata. Um deles era mecânico, outro curtidor, o terceiro um barbeiro e assim por diante. Breithaupt os levara por compaixão a fim de ganharem um pouco. Tudo bem, mas aqui na mata eles eram totalmente dispensáveis. Melhor teria sido se ele lhes tivesse dado o dinheiro em Blumenau, pelo menos teria economizado em mantimentos.

Eu tive de ir com Breithaupt porque faltavam barqueiros. Por mim tudo teria estado bem, pois Breithaupt era tão humano quanto Schmaucher, mas ele levara poucos mateiros e nenhum sabia manobrar uma canoa. Apenas uma canoa estava à nossa disposição para o transporte da carga e mantimentos. Breithaupt foi a pé pela picada demarcada com sua confraria de artífices. Eu e um fulano, Jakob Kantel, que estava a algum tempo no Brasil e já conhecia um pouco da vida na mata, tivemos de fazer a primeira viagem com a nova canoa grande. Logo acima da desembocadura do Rio do Cedro há uma pequena queda d'água no Benedito, que para canoeiros experientes não é perigosa. Kantel tinha receio de qualquer corredeira. Agora teria de ultrapassar um Salto, que para ele era como se fossem as cataratas do Niágara. Apesar de tudo conseguimos vencer o obstáculo. Acima do Salto o rio se torna plácido. Nosso trabalho foi fácil, pois não podíamos ultrapassar os companheiros que iam pela picada, pois de vez em quando eles nos faziam um sinal, indicando onde estavam.

Felizmente, chegamos a tempo ao fim da picada. Ao levantarmos o rancho, logo percebemos o valor dos novatos. Kantel e eu tivemos de fazer sozinhos todo trabalho; na picada foi a mesma coisa. Apesar da boa vontade eles não conseguiram acertar. O mecânico e o barbeiro tinham o trabalho mais leve. Eles precisavam remedir diariamente tudo o que havíamos aberto. Nos primeiros dias eles usaram mais o corpo do que a corrente que

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

vorbeifahren sollten, hatten wir leichte Arbeit.

Glücklich kamen wir noch beizeiten an dem Endpunkt der Pikade an. Schon beim Bau des Rancho zeigte sich, was Neulinge im Urwald wert sind. Kantel und ich mußten die Arbeit allein machen. In der Pikade war es ebenso. Bei allem guten Willen konnten sie sich nicht dareinfinden. -Der Mechaniker und der Barbier bekamen den leichtesten Posten, sie kamen an die Kette, das heißt, sie mußten jeden Tag nachmessen, was wir aufgehauen hatten. In den ersten Tagen maßen sie aber mehr mit ihren Leibern als mit der Meßkette. Wenn der vordere Kettenmann stolperte und wankte, riß ihn der hintere zurück. Nun fiel dieser erst recht zu Boden, geriet darüber in Wut und zerrte nun seinerseits so lange an der Kette, bis auch der andere kopfüberging. Drum gab es großen Spektakel, darauf folgte die Versöhnung - und Wiederholung der höheren Meßkunst. Das Ende vom Lied war, daß sie sich um einige hundert Meter vermaßen. Erst nach vielen Standreden und Strafpredigten brachte es unser Chef so weit, daß er sich auf seine beiden Kettenhelden einigermaßen verlassen konnte.

Der Kürschner und noch ein unglücklicher Stubenmaler mußten mit Pikade aufhauen. Diese beiden Menschen mußten einen heimlichen Groll aufeinander haben; sie konnten sich nicht sehen, ohne miteinander zu zanken. Gleich am zweiten Tage hieb der Maler mit seinem langen Säbel dem Kürschner durch Stiefel und Strumpf dermaßen in die Ferse, daß dieser ohnrnächitg hinstürzte. Vor lauter Blut konnten wir nicht sehen, was er eigentlich angerichtet hatte und mußten daher den Stiefel runterschneiden. Eine breite und tiefe Wunde klaffte die ganze Ferse auseinander. Mit Mühe und Not schafften wir den Verwundeten nach dem Rancho. Seine Wunde heilte aber schneller, als wir alle gedacht hatten. Schon nach einigen Tagen konnte er die Kocherei übemehmen. Der Maler hatte es nicht mit Willen getan, und es war ihm herzlich leid darum. Von der Zeit an zankten sie sich wenigstens nicht mehr.

An des Kürschners Stelle kam jetzt der Koch mit in die Pikade. Dieser war ein ganz origineller Kauz. Ein kleines Kerlchen, mit einem schrecklich großen Maul behaftet, und zwar im wahren Sinne des Wortes: erstens ging ihm der Mund von einem Ohr zum anderen und zweitens war er der größte Prahlhans, der existierte. Dafür hielt ihn Kantel, der als erster in der Reihe den Busch niederhauen mußte und so ein bißchen den Oberbefehl über die "Neudeutschen" hatte, den ganzen Tag zum Narren. Der Prahlhans hieß Simon Urbansky. Er war der Abkömmlig einer deutschen Mutter und eines polnischen Vaters, sprach aber kein Wort Polnisch, dafür aber ein sehr schlechtes Deutsch. Er hatte rote struppige Haare und einen fuchsigen dünne Bart. Kantel nannte ihn nicht anders als "Ochsenfrosch", worüber Simon einmal so in Wut geriet, daß er Kantel allen Ernstes zu Leibe ging. Er erlitt aber eine so schmähliche Niederlage, daß er von jedem anderen Angriff abstand und sich den "Ochsenfrosch" ruhig gefallen ließ. Man kann sich leicht vorsteller

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

servia como medida. Quando o da dianteira tropeçava e se desequilibrava, o de trás o puxava de volta. Aí mesmo ele caía, ficava furioso e puxava tanto a corrente até o outro também cair. Era um reboliço. Depois faziam as pazes, por fim a repetição do trabalho. Resumo da história: enganaram-se em alguns cem metros. Nosso chefe somente pôde confiar neles após tê-los repreendido várias vezes.

O curtidor e mais um infeliz pintor de interiores precisaram ajudar na abertura da picada. Estes dois tinham uma antipatia mútua, nem podiam se enxergar sem brigar. Logo no segundo dia, o pintor atravessou a bota e a meia do curtidor com sua espada longa, atingindo o calcanhar, e desmaiou. Devido à quantidade de sangue não pudemos ver o ferimento e precisamos cortar a bota. Um corte largo profundo abrira o calcanhar. Com muito custo o carregamos até o rancho. Mas o ferimento curou mais depressa do que o esperado. Já alguns dias mais tarde ele pode assumir a cozinha. O pintor não fez de propósito, sentindo muito o acontecido. Desde então, pelo menos, não brigaram mais.

O cozinheiro substituiu o curtidor na tarefa de abrir picada. Este era uma figura! Era baixinho, tinha uma boca enorme no verdadeiro sentido da palavra, ia de uma orelha a outra, Além disso, era o maior gabola. Por isso, Kantel, que era o primeiro da fila a abrir a picada, fazendo a vez de supervisor dos "novos alemães", zombava dele o tempo todo. O gabola se chamava Simon Urbansky. Era descendente de mãe alemã e pai polonês, no entanto, não falava nenhuma palavra da língua paterna, além disso, seu alemão era péssimo. Seus cabelos eram vermelhos e revoltos, a barba rala tinha a mesma cor. Kantel somente o chamava de *Ochsenfrosch* "sapo-boi". Em certa ocasião ele se enfezou tanto que o agrediu. Mas a derrota foi humilhante. Daí em diante manteve-se distante de qualquer briga, aceitando pacificamente ser chamado de "sapo-boi". Pode-se imaginar que não era fácil realizar um bom trabalho com este tipo de trabalhador, tanto que ficamos aliviados ao voltarmos, finalmente, para casa.

Como os mantimentos haviam acabado, todos os empregados foram conosco de canoa até o Salto. Lá desembarcaram para Kantel e eu levarmos a canoa rio abaixo. Quando subíramos o rio tínhamos puxado a canoa por uma corda ou mesmo com a mão através do Salto, mas estávamos em terra firme. Agora, eu não queria desembarcar, queria ficar na canoa para

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

daß mit solchen Waldarbeitern kein gutes Arbeiten war, und wir waren froh, als es endlich wieder nach Hause ging.

Da die Lebensmittel alle aufgezehrt waren, packten wir die ganz, Mannschaft ins Boot, um sie bis an den Salto mitzunehmen. Da mußten sie dann aussteigen, und Kantel und ich sollten das Boot nun allein f1ußabwärts fahren. Flußaufwärts hatten wir es am Strick oder mit den Händel durch den Salto gezogen, standen dabei also auf festem Boden. Jetzt wollte ich aber nicht aussteigen, sondem den Salto durchfahren. Ich kannte das Fahrwasser ganz genau, aber bei diesem Wagestück muß der vordere Bootsmarm ebenso gut steuern können wie der hintere. Beide müssen sich durch die Bewegungen des Ruders schon verstehen. Zum Winken oder zu anderen Zeichen hat man keine Zeit mehr, wenn man erst in der Stromschnelle drinsitzt, und das Rufen hört kein Mensch bei dem Getöse des Wasserfalls. Mein Jakob zitterte aber schon, als er den Wasserfal! von weitem vemahm Mir ahnte schon, was kommen würde, und wollte daher den Salto allein durchfahren. Aber Breithaupt wollte davon nichts wissen; also mußte ich Kantel im Boot behalten

Mitten in der Stromschnelle mußten wir eine Biegung machen. Solche Stellen sind immer gefährlich, aber wir kamen an dem Bogen glücklich vorbei und waren schon fast am Ende der Stromschnelle, als Kantel den Kopf verlor und dem Boot eine falsche Richtung gab. In demselben Augenblick rannte das Boot auf einen Felsen und wir lagen im Wasser. Kanlel konnte nicht schwimmen, war aber von der Gewalt des Anpralls ein gutes Stück fortgeschleudert worden, glücklicherweise in ruhiges flaches Wasser, wo er Grund fassen konnte. Er war aber so verwirrt, daß er anstatt dem Ufer zu, wieder in den Salto zurück strebte. Erst als ihn der Strom packte, kam er zu sich und konnte der Gefahr noch gerade entgehen. Jetzt lag er ganz erschöpft halb im Wasser und halb auf dem Land und hielt sich mit beiden Händen krampfhaft an einem überhängenden Busch fest. - Ich konnte gut schwimmen, aber hier half kein Schwimmen. Ich hing mitten im Salto an einem wilden Myrtenbusch. Diese Büsche haben ein sehr zähes Holz und haben schon manchem Canoeiro gute Dienste geleistet. - Mit Mühe richtete ich mich so weit auf, daß ich meine Lage übersehen konnte. Ich erkannte, daß ich nur nach dem linken Ufer zu, wo auch Kantel sich befand, durchkommen konnte, das heißt, wenn ich Glück hatte. Vor mir schoß ein breiter Wasserschwall, der aber tief und felsenfrei war. Es war die Wasserrinne, die wir hätten nehmen müssen. In sie mußte ich hinein, um mich von ihr in ruhiges Wasser tragen zu lassen. Ich besann mich auch nicht lange, ließ den Ast los und wurde nun von dem ungeheueren Wasserstrahl blitzschnell mit fortgerissen. An Schwimmen dachte ich gar nicht, blieb aber, ohne eine Bewegung zu machen, über Wasser. Unversehrt schleuderte rnich der Strom zur Seite in ruhiges, aber tiefes Wasser. Das ging alIes so schnell, daß ich im ruhigen Wasser lag, ehe ich es selbst wußte. Erst als ich unterging, machte ich unwillkürlich

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

ultrapassar o Salto. Eu conhecia muito bem aquelas águas, mas nesse lance arriscado o canoeiro da proa deveria saber remar tão bem quanto o que estava na popa. A comunicação entre os dois deveria ser através dos movimentos das remadas, porque não haveria tempo para emitir sinais quando se estivesse no meio da correnteza; além disso, sequer se ouviria grito algum com o estrondo da queda d'água. Jakob começou a tremer quando escutou ao longe o som da corredeira. Eu já desconfiava do que estava por vir e por isso queria passar o Salto sozinho. Mas Breithaut nem queria saber disso, assim tive de manter Kantel na canoa.

Tivemos de fazer uma curva no meio da corredeira. Estes lugares são muito perigosos. Felizmente conseguimos realizar bem a manobra e quando quase havíamos passado a corredeira, Kantel, desnorteado, deu uma direção errada à canoa. No mesmo instante a canoa foi parar sobre uma rocha e nós na água. Kantel não sabia nadar. Com o impacto foi arremessado para longe, felizmente, para águas mais rasas onde alcançou o fundo. Ele ficou tão confuso, que ao invés de ir para a margem foi em direção ao Salto. Somente quando a correnteza o puxou, voltou a si, conseguindo escapar do perigo. Exausto, segurava-se com toda força num galho que pendia sobre ele. Estava com parte do corpo na terra e parte na água. Eu sabia nadar bem, mas aqui de nada adiantava. Eu estava pendurado num arbusto de murta, no meio do Salto. Estes arbustos têm uma madeira resistente e já ajudaram a muitos canoeiros. Ergui-me o tanto que pude, para avaliar minha situação. Percebi que somente poderia ir para a margem esquerda onde Kantel se encontrava, caso tivesse sorte. À minha frente havia uma cascata larga, embaixo era fundo, mas não havia rochas. Era o canal por onde deveríamos ter passado. Teria de entrar nele e deixar-me levar até águas mais calmas. Não pensei muito. Larguei o galho, deixando-me arrastar pela forte correnteza. Era impossível nadar. Permaneci imóvel e consegui manter-me sobre a água. Tudo foi muito rápido, e antes de me dar conta estava em águas calmas. Somente quando afundei, comecei a nadar, e logo estava num banco de areia que o rio formara.

Eu não estava atordoado nem machucado, porém muito abatido porque a canoa não estava nestas águas tranqüilas como imaginara, certamente afundara no Salto. Também não vi Kantel. Enquanto isso, Breithaupt e seus homens alcançaram a margem oposta abaixo do Salto e começaram a

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

die Bewegung des Schwirnmens und stand bald auf der Sandbank, die der Strom hier abgelagert hatte.

Ich war weder betäubt noch verwundet, aber sehr niedergeschlagen, als ich sah, daß das Canô nicht hier unten im ruhigen Wasser trieb, wie ich angenommen, sondem im Salto untergegangen sein mußte. Auch von Kantel sah ich nichts mehr. - Unterdessen war Breithaupt mit seinen Leuten unterhalb des Saltos am gegenüberliegenden Ufer angekommen und fing an zu rufen und zu schießen. Ich ließ ihn spektakeln, soviel er wollte, und lief voller Angst, um Kantel zu suchen. Da lag er immer noch an derselben Stelle und sprach verwirrte Worte vor sich hin, ohne mich zu beachten. Ich untersuchte ihn, ob er vielleicht verwundet sei, befühlte seinen Kopf nach Beulen, aber ich fand nichts. Der Schreck allein hatte ihn ganz konfus gemacht. Endlich bekam ich ihn so weit, daß er aufstand und auf der Praia hin und her ging. Aber nun wollte er mit aller Gewalt das Canô im Salto aufsuchen, um seine Lumpen und seine neuen Kniestiefel zu retten. Wir hatten nämlich alle Sachen im Boot festgebunden. Die Meßinstrumente hatten die Fußgänger bei sich. -Jetzt hatte ich meine liebe Not mit Kantel und mußte ihn mit Gewalt von seinem unsinnigen Vorhaben zurückhalten. Erst als ich ihm klarmachte, daß wir auf jeden Fall unsere verlorenen Sachen ersetzt bekämen, beruhigte er sich.

Ich wollte jetzt über den Fluß schwimmen, um Breithaupt die Hiobspost zu überbringen, aber Kantel litt es nicht. Um keinen Preis wollte er allein zurückbleiben. Er gebärdete sich gerade so, als ob er seine fünf Sinne nicht mehr beisammen hätte. Er bildete sich nämlich ein, daß ich nicht lebend über den Fluß käme, entweder fräßen mich die Jacarés unterwegs, oder ich ginge vor Mattigkeit unter. So lief ich denn am Ufer entlang, bis ich Breithaupt und seinen Leuten gegenüber war. Jetzt suchte ich mich durch Zeichen verständlich zu machen und winkte, es solle einer herüberkommen, aber es kam keiner. - Ich wollte Kantel bis an diese Stelle mitnehmen, um Breithaupt wissen zu lassen, daß wir alle beide noch lebten, aber Kantel hatte sich hingesetzt und war nicht zu bewegen aufzustehen. Hinüberzuschreien nutzte mir nichts, das Rauschen des Wasserfa1les übertönte jedes Wort, weiter f1ußabwärts laufen konnte ich auch nicht, weil ich Kantel nicht lange allein lassen durfte; auch hätte ich erst den Cedro durchschwimmen müssen, wenn ich so weit laufen wollte, daß ich mich mit Breithaupt verständigen konnte. Also mußte ich so schnell wie möglich zurückeilen, damit Kantel keine Dummheiten machte.

Breithaupt mußte die lange Pikade bis an die Mündung des Benedito zurückmarschieren. Dort wohnte schon ein deutscher Fährmann namens Krambeck, ein echter Holsteiner, aus gutem Holz geschnitzt, der mit mehreren anderen Familien aus den Kaffeeprovinzen hierher gekommen war und den Rummel in Brasilien schon kannte. - Breithaupt war abmarschiert, und ich saß mit dem halb verrückten Kantel an der Mündung des Cedro. Für mich wäre es eine Spielerei gewesen, über

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

chamar e atirar. Eu os deixei fazendo barulho. Amedrontado, fui procurar Kantel. Ele ainda estava deitado no mesmo lugar, falava palavras desconexas, sem me dar atenção. Examinei-o para ver se estava ferido, apalpei sua cabeça para verificar se havia algum calombo, mas não encontrei nada. Foi o susto que o deixou assim. Enfim, consegui que levantasse e caminhasse pela praia. Agora ele queria a todo custo ir até a canoa que estava no Salto para buscar sua trouxa e suas botas novas; havíamos amarrado todas as nossas coisas à canoa. Os instrumentos de demarcação estavam com o pessoal que foi por terra. Precisei usar de força para fazê-lo desistir dessa maluquice. Ficou mais calmo depois de explicar-lhe que seríamos ressarcidos pelos objetos perdidos.

Eu quis atravessar o rio a nado para dar a Breithaupt a má notícia, mas Kantel não permitiu. Ele não quis ficar sozinho de jeito nenhum. Comportava-se como um maluco. Estava convencido de que eu não chegaria com vida à outra margem, achava que seria devorado pelos jacarés ou me afogaria porque estava exausto. Por isso, caminhei pela margem até encontrar Breithaupt e seus homens no lado oposto. Tentei comunicar-me através de gestos para que alguém viesse para este lado, mas ninguém veio. Queria que Kantel me acompanhasse até ali, para Breithaupt ver que estávamos vivos, mas não houve jeito de fazê-lo levantar. Gritar não adiantava, pois o estrondo da cachoeira abafava qualquer som. Também não podia correr rio abaixo, porque não podia deixar Kantel tanto tempo sozinho. Além disso, teria primeiro de atravessar a nado o Cedro para comunicar-me com Breithaupt. Assim, tive de retornar o mais rápido possível para Kantel não cometer nenhuma bobagem.

Breithaupt teve de retornar pela extensa picada até a desembocadura do Benedito. Lá morava um balseiro alemão chamado Krambeck, um autêntico cidadão de Holstein, homem íntegro que veio para cá com outras famílias das províncias do café e conhecedor da desorganização no Brasil. Breithaupt se afastou e eu fiquei com o maluco do Kantel junto à desembocadura do Cedro. Para mim teria sido uma brincadeira atravessar o Cedro a nado, mas não podia deixar Kantel sozinho no estado em que se encontrava. Eu havia arrancado um cipó de uma árvore, para amarrá-lo debaixo dos braços dele para atravessar o Cedro. O cipó teria agüentado três Kantel. Mas ele se negou terminantemente, tanto que desisti da idéia. Choramingava:

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

den Cedro zu schwimmen, aber Kantel konnte und wollte ich in seinem verwirrten Zustande nicht allein lassen. Ich hatte einen starken Cipó (Liane) von einem Baume abgerissen, denselben doppelt zusammengedreht, um ihn Kantel unter die Arme zu binden und über den Cedro zu lotsen. Der Cipó hätte drei Kantels ausgehalten. Aber Kantel wehrte sich so dagegen, daß ich davon abstehen mußte. "Ich habe Frau und Kinder", jammerte er, "und will mich hier nicht von den Jacarés auffressen lassen oder wie eine Katze im Wasser versaufen. Ich bleibe hier ruhig sitzen, bis Hans eine Canoa heraufschickt". - Ich stellte ihm vor, daß im allergünstigsten Fall vor morgen mittag keine Canoa dasein könne, und machte ihm den Vorschlag, den Cedro hinauf zu laufen, um entweder Schmaucher zu treffen oder weiter oben eine Furt zu entdecken, wo er gefahrlos hindurchwaten könne. Er antwortete nicht, sondern saß, vor sich hinstarrend und leise alle Heiligen anrufend (er war nämlich ein eifriger Katholik), in seinen nassen Kleidem auf einem dicken Baumstarnm und ließ sie in der Sonne trocknen. Es war nichts mit ihm anzufangen. So ließ ich ihn sitzen und ging allein los, um eine flache Stelle im Cedro zu finden. - Ich war schon ein gutes Stück flußaufwärts gelaufen, da hörte ich ihn hinter mir herkeuchen. Ich nahm aber gar keine Notiz von ihm, und er sagte auch kein Wort. So liefen wir wohl drei Stunden den Cedro hinauf, um einen günstigen Übergang zu finden, aber das Wasser war überall zu tief und strömte hier viel stärker als unten. Also immer vorwärts! Schmaucher, wenn er überhaupt noch da war, konnte nicht mehr weit sein, denn der Wald war hier so verwachsen mit dem feinen Taquari - Röhricht, daß er mit seinen Pikaden nur langsarn vorwärts kommen konnte.

Endlich fanden wir eine Stelle, wo Kantel ohne Gefahr hindurch konnte. Nur ungefähr zehn Schritte war im Wasser kein Grund. Es war dies zwischen einer kleinen Insel und dem Ufer, aber hier lag ein dicker Baum darüber und bildete eine Naturbrücke. Dieser Baum lag ziemlich schräge und teilweise noch im Wasser. Er war ganz und gar von Schlingpflanzen und Röhricht überwachsen. - Ich ging vorsichtig vorneweg, Kantel dicht hinter mir. Auf einmal hörten wir ein Geräusch und gleich darauf das uns schon bekannte Rasseln und Klappern einer Jararaca-açu, einer Art Klapperschlange, die sehr giftig ist. Nun wußten wir zu unserem großen Schrecken, mit wem wir es zu tun hatten und in welcher Gefahr wir schwebten. Die Schlange mußte sich dicht vor uns befinden; wir sahen aber nicht das Geringste von ihr. Das Gewirr von Schlingpflanzen verbarg sie vollständig vor unseren Blicken. Im ersten Schrecken wären wir alle beide um ein Haar in den Fluß gestürzt, wo wir unbedingt ertrunken wären; denn Kantel hätte mich zweifellos gepackt und mit unter Wasser gerissen. – Nun ist es schon auf festem Boden gefährlich genug, ohne Schießwaffe einen Kampf mit solch einem Reptil aufzunehmen, wie viel mehr aber auf einem schräg liegenden glatten Baumstamm, wo kein Ausweichen möglich ist. Zudem hatte jeder von uns nur sein Facão als Waffe bei sich. - Mit der größten

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

- Eu tenho mulher e filhos e não quero ser comido pelos jacarés ou afogar-me como um gato. Ficarei aqui até Hans enviar uma canoa..

Expliquei-lhe que na melhor das hipóteses nenhuma canoa poderia chegar amanhã antes do meio-dia. Propus caminhar Cedro acima para talvez encontrar Schmaucher ou um vau onde daria para atravessar o rio com segurança. Ele não respondeu. Estava sentado num tronco de árvore em seus trajes molhados, deixando-os secar ao sol, olhava para o vazio e invocava todos os santos. Era católico praticante! Não havia o que fazer. Deixei-o sentado e fui procurar um lugar raso no Cedro. Já havia caminhado algum tempo rio acima, quando o ouvi ofegante atrás de mim. Ignorei-o, também não disse uma palavra. Caminhamos mais ou menos durante três horas Cedro acima para achar um lugar adequado, mas todos os lugares eram muito fundos, também a correnteza era mais forte do que rio abaixo. Então, avante! Schmaucher não poderia estar muito longe, caso ainda estivesse por aqui, pois nesta região a taquara era espessa e a mata cerrada, tanto que somente conseguiria avançar lentamente na abertura das picadas.

Finalmente, encontramos um lugar onde Kantel poderia passar sem perigo. Eram apenas uns dez passos onde não se alcançava o fundo do rio. Ficava entre uma pequena ilha e a margem, mas, ali uma árvore grossa formava uma ponte natural. Esta estava tombada na transversal com uma parte ainda na água. Estava totalmente coberta por cipós e taquaras. Fui com cuidado, Kantel logo atrás de mim. De repente ouvimos um ruído familiar, o chocalhar de uma jararaca-açu, um tipo de cascavel, muito venenosa. Estávamos muito assustados, agora sabíamos do perigo à nossa espreita. A cobra devia estar bem diante de nós, mas não víamos nada. O emaranhado dos cipós a escondia de nossa vista. Quase caímos na água de susto, onde certamente nos teríamos afogado, pois Kantel com certeza me agarraria, arrastando-me também para o fundo. Já é perigoso enfrentar um réptil desses em terra firme sem arma alguma, quanto mais num tronco de árvore liso onde não havia escapatória. Cada qual trazia seu facão. Com muito cuidado recuamos passo a passo, respiramos aliviados somente quando alcançamos a ilha. Ali, o rio depositara muitas pedras. Resolvemos bombardeá-la com estas para enxotá-la do tronco. Providenciamos uma vara caso o inimigo atacasse. O bombardeio começou com toda força, não havia falta de munição. Devíamos tê-la acertado com as primeiras pedra-

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Vorsicht und sehr langsam gingen wir Schritt für Schritt rückwärts auf dem Stamm und atmeten erst wieder auf, als wir auf der Insel standen. Hier hatte das Wasser eine Menge Kieselsteine abgesetzt, und wir beschlossen, die Schlange damit zu bombardieren, um sie von dem Stamm zu verscheuchen. Erst besorgten wir uns aber einen guten Stock für den Fall, daß unser Feind uns angriff. Das Bombardement begann mit aller Macht, an Kugeln fehlte es ja nicht. Gleich bei den ersten Schüssen mußen wir sie getroffen haben. Sie hatte sich aufgerichtet, um nach ihrem Feind zu spähen, hatte aber den Kopf von uns abgewendet und sah uns nicht. An ihrem dick angeschwollenen Halse und an ihrem Zischen erkannten wir ihre Wut; sie war aufs äußerste gereizt und hätte uns wohl gar zu gern ein bißchen gezwickt. Wir sahen sie nur halb, aber wir hatten an der Hälfte schon genug. - Jetzt kamen aber die großen Kieselsteine wie ein Regenschauer über sie. Wir hatten das Glück, sie tödlich am Kopf zu treffen. Es war gerade die höchste Zeit; denn sie hatte sich eben sprungfertig gemacht, um sich auf uns zu stürzen. Ihr Kopf senkte sich nach dem Wasser zu, der riesige Leib folgte, und mit lautem Autklatschen schlug das Ungeheuer ins Wasser. Hier machte die Schlange noch einige Zuckungen und Windungen, dann ging sie unter. In dem klaren Wasser konnten wir sehen, wie sie der Strom auf dem Grunde mit fortriß. Wir waren von unserem schrecklichen Gegner befreit und konnten nun ungehindert die Brücke passieren.

Wir befanden uns nun auf dem linken Ufer des Cedro und hatten jetzt Meßpikade bis an die Mündung desselben. Weil wir aber annehmen mußten, daß Schmaucher in der Nähe sei, liefen wir wieder flußaufwärts. Aber schon nach etwa 200 Metern standen wir am Ende der Pikade und wußten nun, daß Schmaucher mit seinen Leuten schon abgezogen war. N un ging es immer im Trab flußabwärts. An diesem Ufer fanden wir auch Schmauchers Ranchos. Im ersten, also in dem zuletzt von ihm verlassenen, glühten noch die Kohlen, und die Blätter des Daches waren noch grün. Im Dach hing ein kleines Stückchen Speck, welches aber voll Eiern der Schmeißfliegen war. Auf einem Stück Baumrinde lag noch ein Klumpen Pirão, wahrscheinlich war er für die Hunde zurechtgemacht worden. Pirão und Speck nahmen wir mit, damit sie uns als Abendbrot dienten. Wir fanden noch eine weggeworfene leere Konservenbüchse und benutzten sie, um Kohlen darin mitzunehmen; unten hinein kam eine Lage Asche, dann die gühenden Kohlen, auf die wiederum etwas Asche gestreut wurde, ein fester kurzer Stock wurde etwas aufgespalten und die Blechbüchse darin eingeklemmt, auf diese Weise konnten wir die glühend heiße Blechbüchse ganz gemütlich transportieren.

Noch drei Lager mußten wir passieren, bis wir wieder an die Mündung des Cedro kamen. Schnell wurde Feuer angemacht, Holz für die Nacht gesammelt und ein paar trockene Blätter zusammengekratzt für das Nachtlager. Nachdem wir unseren Speck und den "Plump-Pudding" verzehrt hatten, sank ich todmüde aufs

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

das. Ela se ergueu para espreitar o inimigo, mas não o viu porque ela estava com a cabeça virada para o outro lado. Pelo pescoço inchado e pelo seu sibilar, percebemos sua raiva. Estava muito irritada e certamente teria tido vontade de nos dar umas beliscadas. Somente a vimos pela metade, mas isso nos bastou. Agora, as grandes pedras de saibro caíam sobre ela como chuva. Tivemos sorte em acertá-la mortalmente na cabeça. Foi na hora certa, pois ela havia se posicionado para dar o bote. Sua cabeça caiu na água, seguida pelo enorme corpo que estalou com força ao cair. Ainda se debateu, então afundou. Conseguimos ver na água transparente como a correnteza a levou. Estávamos livres de nosso temido adversário e pudemos atravessar a ponte sem qualquer impedimento.

Estávamos na margem esquerda do Cedro. Daí em diante havia a picada de demarcação até a desembocadura do mesmo. Achávamos que Schmaucher estava perto, por isso caminhamos rio acima. Duzentos metros adiante era o fim da picada, no entanto ele e seus homens já haviam ido embora. Andamos o mais rápido possível rio abaixo. Neste lado encontramos os ranchos de Schmaucher. No primeiro, o último a ser abandonado, encontramos carvão em brasa, além disso, as folhas da cobertura ainda estavam verdes. Havia um pedaço de toucinho pendurado no teto cheio de varejeiras.Em cima de uma casca de árvore um bolo de pirão duro, provavelmente preparado para os cães. Levamos o pirão e o toucinho, isso seria nosso jantar. Achamos ainda uma lata de conserva vazia, a usamos para levar o carvão. Espalhamos sobre o fundo da lata um pouco de cinza, depois o carvão em brasa e por cima mais um pouco de cinza.Rachamos uma haste dura e nela prensamos a lata quente, e desse modo pudemos carregá-la.

Passamos por mais três acampamentos até chegar à desembocadura do Cedro. Acendemos o fogo, coletamos lenha para a noite e juntamos algumas folhas para fazer as camas. Caí exausto na cama, após termos comido o toucinho e o bolo de pirão. Kantel permaneceu sentado, desfiando sua ladainha. Apenas o escutei mencionar o nome de alguns santos, então adormeci. Não sei quanto tempo havia dormido. De repente acordei com uma forte dor no pé. Kantel torcia o dedão do meu pé para conseguir me acordar. À luz do fogo vi como Kantel tremia, apontando para a mata. Como não percebi absolutamente nada, perguntei o que queria dizer:

- Uma onça, uma onça! - foi o que conseguiu falar.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Lager. Kantel blieb sitzen und leierte seine Litanei ab. Ich hörte nur noch einige Heiligennamen, dann war ich weg. - Wie lange ich schon geschlafen hatte, weiß ich nicht. Plötzch weckte mich ein heftiger Schmerz am Fuß auf. Kantel hatte mir beinahe die große Zehe abgedreht, um mich wach zu kriegen. Ich sah nun beim Schein des Feuers, wie Katel am ganzen Leibe zitterte und mit der Hand in den Wald zeigte. Da ich nicht das geringste wahrnehmen konnte, fragte ich, was er eigentlich meine. "Ein Tiger, ein Tiger!" brachte er mühsam hervor. Ich hörte nun wirklich ein Geräusch, das offenbar von einem großen Tier herrührte, aber es konnte ebenso gut eine Anta (Tapir) oder Capivara (Wasserschwein) sein. Zu Kantels Beruhigung hätte ich gern mit gewacht, aber ich kippte gleich wieder um und schlief weiter. Als ich aufwachte, war es heller Tag. Das Feuer war beinahe ganz erloschen. Kantel lag in tiefem, totenähnlichem Schlaf. Er war wohl erst gegen Morgen eingeschlafen bei seiner Tigerwacht. Gern hätte ich ihn noch liegen lassen, aber wir mußten weiter, es half alles nichts. Als Revanche für die große Zehe machte ich ihm jetzt eines von seinen Ohren locker. Erschrocken, aber noch ganz schlaftrunken sprang er auf und griff sogleich nach seinem Waldmesser. Vermutlich meinte er, daß ihn der Tiger bei den Ohren hätte; denn er fuchtelte ganz wild mit seinem Messer umher und hielt den Kopf immer schief nach der Seite hin, wo ich ihm das Ohrläppchen ein wenig länger gezogen hatte. Ich mußte laut auf1achen über die komische Szene. Dadurch kam er zur Besinnung und dankte seinem Schöpfer für gnädigen Schutz und Schirm gegen das grimmige Tigertier von heute nacht.

Wir wuschen uns im Benedito gehörig ab, und nun ging es irnmer im Sturmschritt flußabwärts. Um Mittag herum konnten wir unten sein, wenn alles gut ging. Es ging besser, als wir dachten. Auf halbem Wege schon trafen wir neue Deutsche an, die hier Wald schlugen. Es war ein Pommer mit seiner Frau und einem Knaben von ungefähr zehn Jahren. Der Mann fällte die Bäume, die Frau hackte das Unterholz raus und der Junge mußte kochen. Sie freuten sich wie die Schneekönige über unsere Ankunft, obgleich wir nicht sehr einladend aussahen. Aber rnitten im Urwald sind auch zerlumpte und zerrissene Gäste stets willkommen. Sie gaben uns Kaffee, das heißt braunes Wasser, auch Brot mit Fett beschmiert, geschmiert konnte man nicht sagen. Die armen Leute mußten halt alles gut einteilen und konnten nicht mehr geben, weil die Lebensmittel auf eine gewisse Zeit berechnet und schwer zu transportieren sind. Sie waren voller Freude, daß sie auf ihrem eigenen Land arbeiten konnten, und hätten mit keinem König getauscht, obgleich der Anfang mühselig genug war. Sie erzählten uns auch, daß Schmaucher mit seinen Leuten vorgestern vorbeigefahren wäre.

Wir blieben nur ein Weilchen, und nach vielem Dank galoppierten wir wieder weiter; aber nicht lange, so wurden wir durch frisch gehauene Roças aufgehalten, die wir entweder umgehen oder durchklettem mußten. Doch war die Pikade im

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Agora também escutei o barulho. Evidente, era de um animal de grande porte, mas também poderia ser uma anta ou capivara. Para a tranqüilidade de Kantel gostaria de ter mantido a guarda com ele, mas logo tombei e adormeci novamente. Quando acordei, era dia claro, o fogo estava praticamente extinto. Kantel dormia profundamente. Certamente adormecera pela manhã espreitando a onça. Bem que eu queria deixá-lo dormindo, mas precisávamos prosseguir. Como revanche por ter torcido meu dedão, pequei-o pela orelha. Meio dormindo e assustado levantou num pulo, pegando seu facão. Com certeza achava que a onça o tinha pela orelha, debatia-se desesperadamente com o facão e virava a cabeça para o lado no qual eu puxava o lóbulo de sua orelha. Tive de rir alto, estava muito engraçado. Com isso recuperou a razão e agradeceu ao Criador pela benevolente proteção desta noite.

Nós nos lavamos muito bem no Benedito, então fomos a passos rápidos rio abaixo. Caso tudo corresse bem, estaríamos perto do meio-dia embaixo. Foi melhor do que pensamos. No meio do caminho encontramos alemães recém-chegados, que derrubavam a mata. Era um pomerano com sua mulher e um garoto de aproximadamente dez anos. O homem derrubava as árvores, a mulher retirava a vegetação rasteira e o filho precisava cozinhar. Eles se alegraram demais com a nossa chegada, embora nossa aparência não fosse convidativa. Mas, no meio da mata os esfarrapados também são bem-vindos. Serviram um café, quer dizer uma água marrom e pão lambuzado com banha. As pobres pessoas precisavam repartir tudo muito bem e não podiam oferecer mais, porque os mantimentos eram calculados para um determinado tempo, além disso, difíceis de transportar. Sentiam-se felizes em trabalhar sua própria terra e não teriam trocado isso com nenhum rei, embora o início tenha sido muito difícil. Também nos disseram que Schmaucher e seu pessoal haviam passado anteontem.

Ficamos somente durante algum tempo. Agradecemos e saímos correndo. Um pouco adiante, roças recentemente derrubadas impediam nosso caminho, precisaríamos contorná-las ou atravessá-las. Porém a picada já fora melhorada pelos alemães recém-chegados, tanto que parecia estarmos numa estrada aberta. De vez em quando encontrávamos novatos trabalhando, não parávamos, apenas perguntávamos se hoje passara uma canoa e corríamos adiante.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Walde von den neuen Deutschen hier schon so ausgebessert und ausgetreten, daß es uns vorkam, als befänden wir uns auf offener Landstraße. Hin und wieder trafen wir auch noch Anfänger bei der Arbeit, aber wir hielten uns nicht auf, fragten nur, ob heute eine Canoa vorbeigekommen sei, und flitzten weiter.

In dieser Pikade begegnete uns ein Trupp von 8 Männem, drei davon hatten ihre Frauen und ältesten Kinder mitgenommen. Es waren lauter Pommern, alle waren noch bepackt mit Lebensmitteln und Werkzeug. Sie alle waren naß von Schweiß und hochrot im Gesicht und keuchten unter der schweren Last; denn es war sehr heiß und das Ungeziefer sehr schlimm. Die Leute dauerten mich wirklich sehr, und ich sprach meine Verwunderung aus, warum sie sich die Sachen nicht mit der Canoa transportieren ließen. – "Ih", meinte die eine der Frauen, ein echtes, strammes, flachshaariges Pommernweib, "dat is ganz gaut, wenn man dat blos nit so veel kosten däht! Das Gild kenne wie uhs allein verdiene". Damit nahm sie ihren schweren Huckepack wieder auf, zeigte mir lachend ihre weißen Zähne und stampfte wieder los. Ich sah der Gesellschaft kopfschüttelnd nach und hatte so meine eigenen Gedanken dabei. - Wir befanden uns zum Glück gerade in einer Waldlichtung, als wir die Canoa ankommen sahen. Wir hätten immer noch gut zwei Stunden laufen müssen. So hatten wir es nun etwas bequemer. Krambeck selber und ein Brasilianer holten uns ab. Wir bekamen erst einmal gründlich den Text gelesen, weil wir unser Canô verloren hatten. Ich bekam natürlich die Hauptschuld, nahm es mir aber nicht allzusehr zu Herzen, weil ich wußte, daß ich meine Schuldigkeit getan hatte.

Als wir am Fährhaus anlangten, war es doch schon über drei Uhr nachmittags geworden. Etwas beklommen trat ich ein. Breithaupt saß gemütlich mit "Ochsenfrosch" am Tisch und spielte Sechsundzechzig. Es mußte also nicht so schlimm sein, wie ich dachte. Ich hatte Vorwürfe erwartet, statt dessen tröstete mich der menschenfreundliche Breithaupt noch und versicherte, daß wir unsere verlorenen Sachen ersetzt bekämen. Weil er Kantel am Salto nicht bei mir gesehen hatte, war er schon in großen Sorge gewesen, daß dieser ertrunken sei. - Nun war alles gut. Wir bekamen vollauf zu essen und zu trinken, und am nächsten Morgen ging es nach Muttern. Unterwegs aber wollte sich Simon an Kantel für den "Ochsenfrosch" rächen und fing an, ihn mit unserem Unglück aufzuziehen. Wahrscheinlich fühlte er sich hier auf der Kaiserlich brasilianischen Landstraße, inmitten seiner Kameraden, ganz sicher und wollte die Gelegenheit zur Rache nun benutzen; aber er kam leider an den Falschen.

"Habe Sie denn keine Kompaß nicht gehatt", fing der "Ochsenfrosch" zu hänseln an, "wie Se gefahre habt an de Salto?" – Kantel würdigte ihn keiner Antwort. Dadurch wurde der "Ochsenfrosch" immer dreister und fuhr fort zu quaken: "Wenn Sie bezahlen muß von rechtswegen die Kahn, wird reichen die Lohn?" - Kantel schwieg noch immer. Simon nahm sein Schweigen für Furcht und wurde ganz

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Nessa picada, encontramos um grupo de oito homens, três deles levavam suas mulheres e filhos. Eram pomeranos, carregavam mantimentos e ferramentas. Todos estavam suados e com o rosto vermelho, arquejavam sob o peso. Estava muito quente e os insetos incomodavam. Fiquei com pena dessas pessoas e demonstrei meu espanto por não transportarem suas coisas de canoa.

- Ih - disse uma das mulheres, uma autêntica pomerana forte de cabelos loiros. - Tudo bem, se não custasse tanto! Esse dinheiro podemos guardar.

Colocou o fardo pesado nas costas, e ao sorrir, mostrou seus dentes brancos e seguiu em frente. Pensativo, fiquei olhando o grupo. Estávamos justamente numa clareira quando vimos a canoa se aproximar. Sorte nossa! Senão, ainda teríamos de andar umas duas horas. Assim foi bem mais confortável. Krambeck em pessoa e um brasileiro vieram nos buscar. Em primeiro lugar fomos repreendidos severamente por termos perdido a canoa. A mim foi atribuída a maior culpa, mas não me importei muito porque havia feito o que podia.

Quando chegamos à casa do balseiro já passava das três horas da tarde. Entrei meio constrangido. Breithaupt estava sentado à vontade com o "sapo-boi" à mesa jogando sessenta e seis. Então, provavelmente, as coisas não estavam tão ruins. Eu esperava por repreensão. Em vez disso o simpático Breithaupt me consolou, garantido que seríamos ressarcidos pelos objetos perdidos. Como ele não vira Kantel junto a mim no Salto, ficou muito preocupado pensando que tivesse se afogado. Agora tudo estava bem. Recebemos comida e bebida suficientes, e na manhã seguinte fomos para casa. Durante a caminhada Simon queria vingar-se pelo apelido de "*Ochsenfrosch*" e começou a debochar de nós pelo infortúnio sofrido. Com certeza ele se sentia muito seguro na estrada imperial brasileira junto a seus camaradas. Queria aproveitar a oportunidade para sua vingança, mas infelizmente se deu mal.

"*Ochsenfrosch*" começou assim:

- Vocês não tinham um compasso quando foram para o Salto?

Kantel não se dignou a responder. Por isso "*Ochsenfrosch*" ficou mais atrevido e coaxava:

- Por direito teriam de pagar a canoa. O que vai sobrar do ordenado?

Kantel mais uma vez manteve o silêncio. Simon achou que seu silên-

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

frech: "Müssen Sie haben eigentlich viel Straf dazu, weil Sie gemacht so dummes Streich!" - Naja, nun war Kantels Geduld am Ende. Er sagte noch immer kein Wort, drehte sich nur um und gab dem Roten eine so fürchterliche Ohrfeige, daß dieser sich überschlug und in den Straßengraben kollerte. Hier hockte er wie ein richtiger "Ochsenfrosch". Wir ließen ihn sitzen und kümmerten uns weiter nicht um ihn, bekamen ihn auf dieser Reise auch nicht wieder zu Gesicht.

Später wurde unser verunglückter Kahn noch gerettet, aber unsere Sachen, die darin waren, waren alle verdorben. Uns konnte das einerlei sein; denn wir hatten das Geld dafür schon in der Tasche. Geärgert hat mich aber diese Affäre doch sehr, aber ich konnte leider nichts daran ändem.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

cio era demonstração de medo e ficou malcriado.

- Por ter feito essa bobagem você deveria receber um castigo bem grande.

Bem, a paciência de Kantel se esgotara. Ele não disse nada, simplesmente se voltou e deu uma bofetada violenta no "mono". Este deu uma cambalhota e parou na vala da estrada. Lá ele estava qual "*Ochsenfrosch*". Deixamo-lo lá sentado, não nos importamos mais e nem mais o vimos nesta viagem.

Mais tarde, nossa canoa foi resgatada, mas nossos pertences estavam arruinados. Isso já não nos importava mais. Tínhamos o dinheiro no bolso para cobrir o prejuízo. Esse incidente me aborreceu muito. Infelizmente não havia o que mudar.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC
Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

O ginásio de esportes Sebastião Cruz

Egon Belz[1]

Artigos

Síntese histórica-Projeto original do ginásio

O Ginásio de Esportes Sebastião Cruz, o Galegão, é o signo moderno da evolução do esporte blumenauense, assim como o ginásio da Sociedade Ginástica de Blumenau o foi no passado.

Sintetizar a história do mesmo significa reconhecer a dignidade e importância dos espetáculos culturais nele exibidos.

Mas é preciso também reconduzir aos momentos de perplexidade e ansiedade revelados pelas intervenções irrefletidas, acompanhadas de um descaso sem precedentes.

1 - Antecedentes

A Revolução Industrial na Europa, no século XIX, ocasionou profundas mudanças culturais, políticas e técnicas provocando a emigração de grandes contingentes populacionais para as Américas.

A colonização na região de Blumenau foi iniciada por imigrantes alemães que trouxeram como um dos seus componentes culturais a vocação pelo esporte, a qual foi se fixando gradativamente nas gerações posteriores.

[1] O autor, natural de Blumenau, é Arquiteto (crea no 20.156 – formado na UFSC) e Professor do curso de Arquitetura e Urbanismo (FURB), além de ex-Atleta Amador.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Tanto assim que no ano de 1873 foi fundada a Sociedade de Ginástica de Blumenau e, em 1924, inaugurada a **"Turnhalle"**, isto é, o primeiro ginásio de esportes de Santa Catarina, destinado especificamente para a ginástica.

Foi, por assim dizer, uma semente, cujos frutos continuam sendo colhidos até os dias de hoje.

Durante os episódios da Segunda Guerra Mundial houve uma estagnação cultural, face a uma campanha de nacionalização inadequada, que também afetou o esporte. Sua reabilitação se deu a partir de 1945.

Após aquele ano, várias modalidades esportivas em franco desenvolvimento careciam de espaços apropriados, principalmente para o enfrentamento das intempéries. Iniciou-se aí um movimento para a construção de um ginásio público coberto. As solicitações para que isso viesse a acontecer tornaram-se cada vez mais freqüentes.

Em 1960, com a criação e a realização dos primeiros Jogos Abertos de Santa Catarina, surgiu um novo tempo que transcendeu, principalmente no que tange ao campo social, promovendo a aproximação dos catarinenses através do esporte.

A realização de tão importante evento exigiu uma estruturação administrativa e infra-estrutural de equipamentos, construções e técnicas.

Com a retomada vitoriosa do esporte blumenauense, a cidade merecia um marco significativo através de uma arquitetura contemporânea. "*Cidade de espírito esportivo evoluído e de grande tradição como esta, faz por merecer uma obra tão maravilhosa como seu ginásio de esportes.*" (Carta de Pedro Toledo, técnico paulista de Atletismo, em 1978, após a construção do ginásio.)

Nessas condições, surgiram as Comissões Municipais de Esporte.

2.1. Comissão de Esportes e Comissão Organizadora de Exposições

A Comissão Municipal de Esportes – CME – de Blumenau foi fundada em 1962, tendo sido o seu primeiro presidente o Sr. Sebastião Miranda Cruz, pelo qual fui convidado, em 1963, a assessorá-lo.

No ano seguinte foi criada a COEB – Comissão Organizadora de Exposições de Blumenau (em consonância com as classes produtoras) com a finalidade de construir um Parque de Exposições e uma Praça Esportiva.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Em seu Memorial, de 31 de agosto de 1964, encontramos, nos itens 4 e 5, o que se segue:

4 – No estudo da fórmula de patrimônio próprio contou a COEB com o mais vivo interesse do Executivo Municipal e da Comissão Municipal de Esportes, no sentido de se conjugar esforços e harmonizar interesses do poder público com as classes produtoras. A prefeitura já estava tratando de adquirir uma grande área de terra, bem próxima do centro da cidade, e localizado no Bairro da Velha, na Rua João Pessoa e ladeado pelas Ruas Alberto Stein e Itapiranga, de cerca de 80.000 m², para instalação de uma praça desportiva. No mesmo local, e conjunto e dos mesmos proprietários, verificou-se existirem, mais 40.000 m².

5 – Examinando essa circunstância a COEB constatou que esse local serviria perfeitamente aos seus propósitos, com a vantagem de um melhor aproveitamento do conjunto, fazendo coincidir o uso comum de parque de estacionamento e outros interesses, para o Parque de Exposições Industrial e a praça esportiva.

Da ata de 3 de setembro de 1964 REF 192/64 M.S. extraímos o seguinte texto:

Exmo. Sr.
Hercílio Deeke
DD. Prefeito Municipal de Blumenau
NESTA
Senhor Prefeito:

Conforme é do conhecimento de V. Excia., formou-se, há semanas, nesta cidade, uma Comissão de Estudos que, prestando inestimáveis serviços à nossa Comunidade, elaborou um "Memorial e um ante-projeto de lei", visando a realização de um sonho de há muito acalentado não só pelas classes produtoras, mas ainda , por toda a população de Blumenau – a concretização da construção de um ginásio coberto, que não só atendesse à realização de certames esportivos, mas, também, servisse de local para exposições industriais a serem levadas a efeito em combinação com as classes produtoras de Joinville.

O Governo de V. Excia., da mesma maneira procurava de há muito, dar solução ao mesmo problema, pelo menos, no que se refere à construção de um ginásio coberto e de uma praça esportiva, para os quais essa prefeitura já tem em vista um terreno situado à Rua João Pessoa.

Esta Associação, através de seus órgãos dirigentes, tomou conhecimento dos

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

esforços que vinham sendo empregados, tanto pela referida Comissão, bem como por esse Executivo e, dando forma concreta ao desideratum convocou uma Assembléia Geral Extraordinária de seus associados para, expondo o "Memorial e o Ante-projeto de lei" aos quais acima nos referimos, obtivesse a aprovação dos mesmos e, sobretudo, as bases financeiras que permitissem a essa Prefeitura, a realização urgente das obras de tão longe almejada por todos que mourejam nesta Comuna.

1.2. Localização

Pelas condições acima expostas, a Comissão Municipal de Esportes foi contemplada, para construir um ginásio, com uma área de terreno comprimida entre a Rua Alberto Stein, a Rua Itapiranga e uma avenida projetada ao longo do Ribeirão da Velha. Essa avenida, nunca executada, seria a ligação do centro urbano com a rua Bahia e previa a retificação do trecho do ribeirão próximo do ginásio.

1.3. O Programa

Em função da grandiosidade dos Jogos Abertos de Santa Catarina, seus organizadores elaboraram um regulamento que se ativesse às necessidades vigentes naquela época. Entre outras medidas, o Congresso Técnico dos JASC de 1968 fixou a capacidade mínima para os ginásios em 3.500 espectadores.

No caso de Blumenau, pólo esportivo por excelência, cidade em crescimento, centro de convergência, tinha que se pensar no futuro, elevando a capacidade para 5.000 pessoas, adequando este número à área disponível.

A arena central do ginásio deveria permitir jogos das seguintes modalidades: basquete, voleibol, handebol, tênis, ginástica artística e futsal, todas obedecendo às regras oficiais em vigor na época.[2]

A utilização do ginásio deveria incorporar também a realização de espetáculos culturais diversificados e a Prefeitura enfatizou que o espaço servisse como suporte complementar para as exposições da COEB.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

2. O Projeto

2.1. Pesquisas

Analisado o programa e as condições da localização dentro do parque, o Complexo Esportivo e de Lazer teve o seu projeto iniciado em 1968.

Foram efetuadas, então, pesquisas e visitas em caráter pessoal, para que este arrojado projeto pudesse contar com a maior segurança possível em todos os seus estágios.

Dentre as principais empresas visitadas, podemos citar as seguintes:

- STUP: Sociedade Técnica para a Utilização da Pré-tensão. Processo Freyssinet S.A. – Rio de Janeiro.
- Hidráulica: Escritório Hidráulico Homero Vieira de Mello Lopes. São Paulo.
- Isoterma – Impermeabilização - São Paulo.
- Phillips-Inbelsa: Projetos de Sonorização - São Paulo.
- Coel: Controles eletrônicos - São Paulo.
- Estruturas Metálicas: Fichet, Schwartz, Haumont - São Paulo.
- Andratel - São Paulo.
- Estruturas Hauff - São Paulo.
- Castelo - Curitiba.
- Alufer - São Paulo.

Dentre as principais estruturas esportivas visitadas, destacamos:

- Centro Baeta Neves – Santo André.
- Cidade Universitária - São Paulo.
- Parque Ibirapuera – São Paulo.
- Esporte Clube Pinheiros – São Paulo.

E, em março de 1971, o presidente da CME Sr. Edgar Paulo Muller, Egon Belz e Reinaldo Werner, tesoureiro da CME, fizeram uma viagem de observação ao interior do Paraná e visitaram as cidades de Londrina, Maringá e Arapongas, cujas estruturas esportivas eram avançadas.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

2.2. O Projeto Original

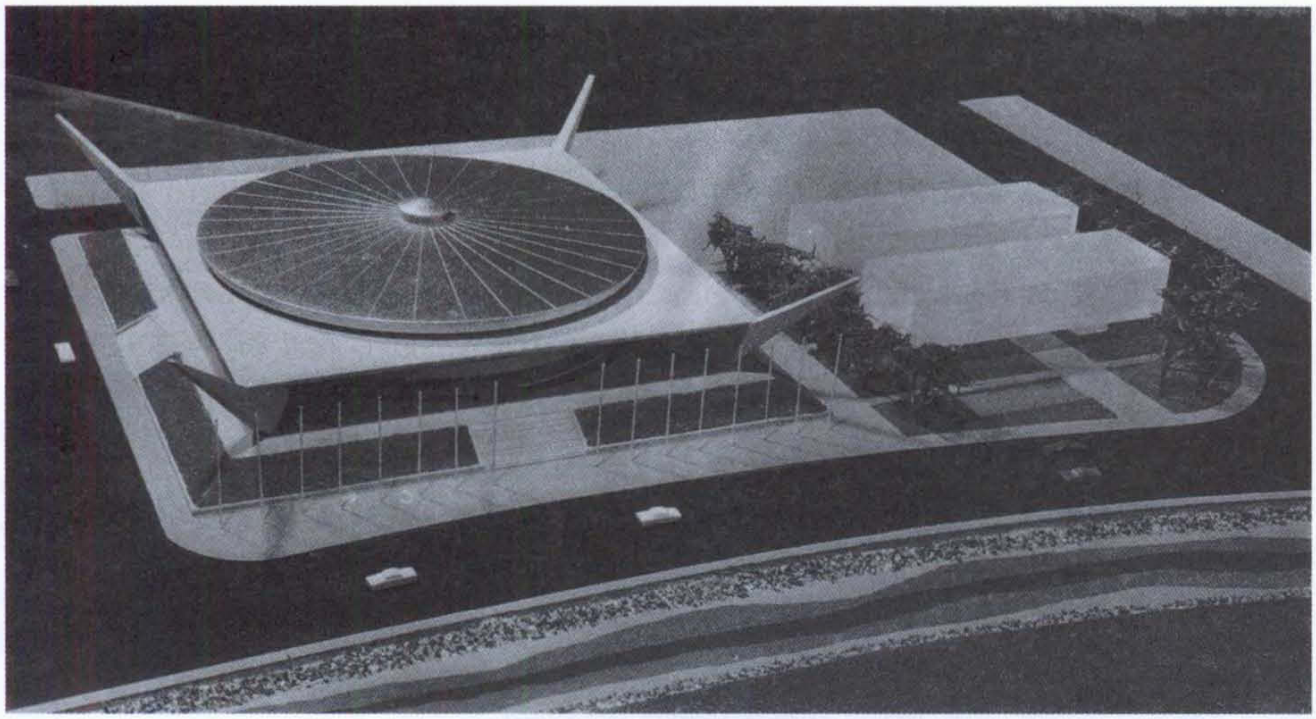


Foto: Maquete do Projeto Original.

Após o período de estudos, optei por uma arena circular pelo fato de sua forma permitir uma visão privilegiada dos espetáculos, eliminando percalços de acomodações retangulares. "*The seating arrengement is excelent. All person can easily see the game and the size of the seats and space between them is good. The steps are also a very good idea.*" - *O arranjo dos assentos é excelente. Todas as pessoas podem facilmente ver o jogo e o tamanho dos assentos e os espaços entre eles é bom. Os degraus também são uma ótima idéia.* (Paul Webb, professor de Educação Física e Técnico de Basquetebol – Virginia, EUA. Em carta a Egon Belz, em 1973.)

A nossa preocupação foi acomodar os 5.000 lugares através de uma arena que permitisse alternância de espetáculos, além de criar espaço para o desafogamento do público, especialmente após os mesmos, para que proporcionasse o conforto e a segurança de uma circulação sem atropelos até alcançar a calçada e o estacionamento.

Isto foi possível com a inclusão da ampla ESPLANADA quadrática, inicialmente entaludada. Do centro emerge, independentemente, em forma de tronco de cone invertido, a arquibancada e a quadra de jogo.

O acesso e a saída do público faz-se através dessa esplanada, o que

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

não conflita com a entrada de serviço e de atletas situada no térreo, à Rua Humberto de Campos.

A cobertura prevista pelo projeto arquitetônico foi a de uma laje de concreto protendido de 74,00 x 74,00 metros apoiada em 4 pilares-vértice e vazada no interior.

De acordo com a análise da firma STUP, a solução possível apresentava as seguintes características:

"*1. Divisão em 4 painéis isolados descansando sobre os seguintes apoios: - uma viga anelar (anel); - 2 vigas sobre os pilares-vértices existentes.*

2. Armadura principal seria na direção radial a semelhança de uma marquise, cujo engaste seria garantido pelo anel (viga anelar).

3. Armar a estrutura de concreto protendido com cabos Freyssinet 12 ø 7mm (Na = 40t), com aço CP – 125/140 Kg/m²".

O anel de protensão serviria também como apoio para a estrutura metálica da cobertura do vazio central e estaria destacada da laje protendida para permitir um contínuo arejamento interno.

Diga-se de passagem que este projeto não foi executado em sua versão original, invocados pretextos econômicos.

2.3. O Projeto Executado

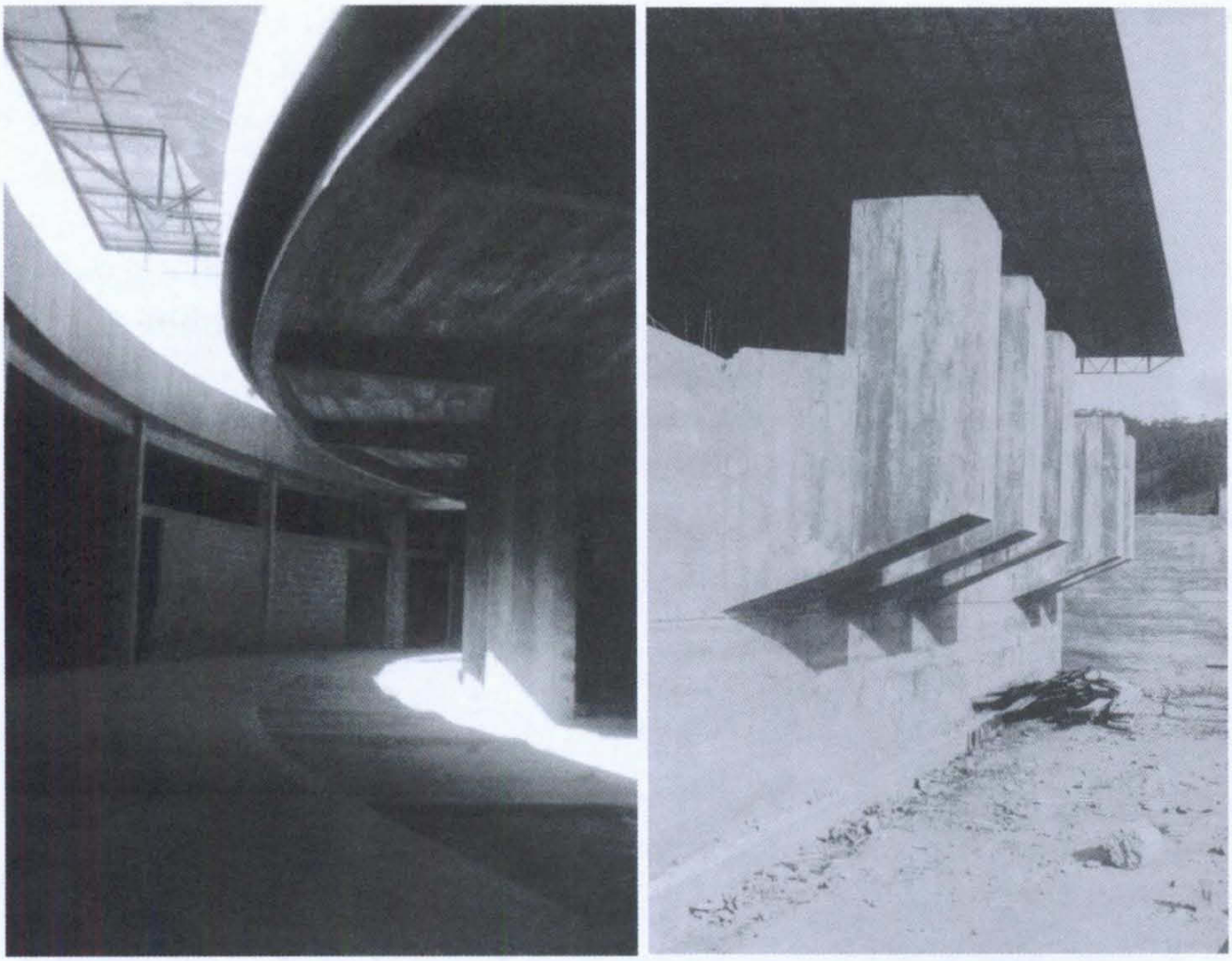
Como segunda opção, foi cogitada para a cobertura uma estrutura metálica do tipo ESPACIAL, a qual, por sua vez, também não foi compreendida.

Decidimos eliminar o entaludamento previsto por razões econômicas e aproveitamos a oportunidade para ampliar e ocupar o espaço deixado pelo talude para uso esportivo ou, eventualmente, para áreas comerciais.

Verifica-se pelo projeto que as dependências relativas à arena de jogo são independentes das áreas do "quadradão" por meio de duas vias circulares internas. Essas, em conjunto com as clarabóias situadas na periferia, permitem a formação de um micro-clima, arejando e iluminando as dependências.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense



Fotos: Circulação Interna (esquerda) e Detalhe das Clarabóias de Iluminação e Ventilação em Construção (direita).

Finalmente, foi projetada e futuramente executada uma estrutura metálica do tipo convencional assentada sobre 4 pilares de concreto recuados, formando um quadrilátero de 48,00 m de vão livre entre eixos com 13,00 m em balanço, uma espécie de enorme guarda-sol, como proteção dos raios solares, impedindo a transmissão do calor por condução para o interior do recinto.

A nossa preocupação, desde a fase do projeto original, foi a de minimizar o calor interno na arquibancada e na área de jogo através de procedimentos naturais, uma vez que a climatização por meios mecânicos estava fora de cogitação devido ao alto custo financeiro e ambiental e de manutenção.

Por outro lado, tomou-se cuidado no sentido de que a arquitetura neste caso não se tornasse diametralmente o oposto do projeto original.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

3. A Construção

3.1. Verbas Iniciais para a Construção

As verbas iniciais para a construção do Ginásio originaram-se a partir do convênio firmado entre o Governo Ivo Silveira, com a participação do Estado com uma dotação de CR$ 250.000,00 (duzentos e cinqüenta mil cruzeiros), e a Prefeitura, que doou também CR$ 250.000,00 (duzentos e cinqüenta mil cruzeiros). Fonte: Jornal "A Nação" de 11.07.1969. [3]

O SESI – Serviço Social da Indústria "... *deliberou prestar magnífica ajuda à edificação do Ginásio traduzida pela concessão... de CR$ 500.000,00...*" (Fonte: Jornal A Nação de 15.07.1970). Na época houve intenção de vincular o SESI ao Complexo Esportivo e de Lazer da Velha.

A liberação destas verbas foi um bom começo para viabilizar a construção.

3.2. O Início da Construção

Com a definição da cobertura, foram ultimados os detalhes essenciais para o início da construção, isto é, a execução dos 4 pilares e o assentamento da cobertura.

Assim, com a área de construção livre das intempéries, a concretagem do conjunto poderia ser executada em turnos distribuídos durante as 24 horas do dia, acelerando as obras para a sua conclusão num espaço de tempo bastante reduzido. Isto não aconteceu e a obra ficou paralisada.

3.3. O Reinício

3.3.1. Mudança de Gestão

No mês de fevereiro de 1970 assumiu o prefeito Sr. Evelásio Vieira, o qual tomou conhecimento do projeto do Complexo Esportivo e da construção do Ginásio.

Foram efetuados os cálculos da estrutura de concreto das arquibancadas pelo escritório do Dr. Venevérito da Cunha, de Curitiba, após visita ao mesmo, realizada em conjunto com o Dr. Orlando Gomes, diretor do D.O.P. (Departamento de Obras Públicas).

Durante a gestão de 1970 a 1972, mais precisamente em 1971, após

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

entregues os cálculos estruturais, foram reiniciadas as obras com a construção das arquibancadas.

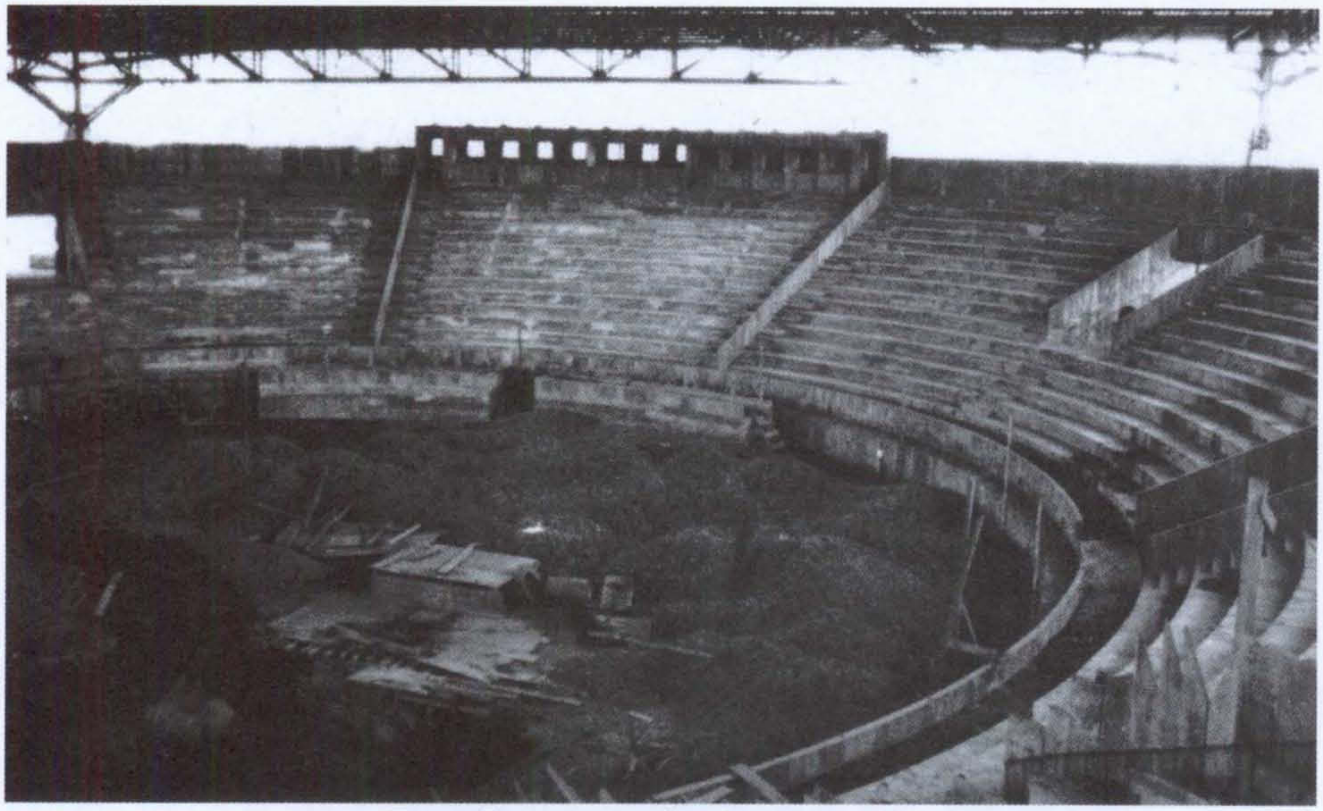


Foto: Construção das Arquibancadas.

Foi nesta oportunidade que eliminamos o talude e foram conquistadas régias áreas para os esportes e usos afins.

Com os sucessos nos Jogos Abertos de Santa Catarina, evidenciados pelo biótipo da nossa mocidade achávamos mais do que natural que a Região possuísse um Curso de Educação Física e, nestas circunstâncias, realizou-se em 24.08.1973 uma reunião para uma análise a respeito[4], no sentido do curso ocupar espaços disponíveis no Ginásio, vindo ao encontro, inclusive, de exigências do MEC.

Com a estrutura projetada no Complexo Esportivo e a sua proximidade com a FURB, seria óbvia a vinculação com a Universidade.

3.3.2. Obtenção de Novas Verbas

Em abril de 1973, Egon Belz entrega ao Presidente da Confederação Brasileira de Desportos, Dr. João Havelange, no Rio de Janeiro, uma Expo-

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

sição de Motivos para a obtenção de verbas para a implantação do Complexo Esportivo, solicitando ao Presidente uma nova reunião com os membros da C.M.E. de Blumenau, o que foi concedido em 07.08.1973.[5]

Embora houvesse um sentimento expresso pelas autoridades esportivas da Confederação para uma possível liberação de verbas, motivos alheios fizeram com que esta esplêndida oportunidade caísse no esquecimento.

Depois de vários meses paralisada, a obra foi reiniciada com a complementação da arquibancada.

Em 1974 foi feita uma visita em Brasília, ao Ministro da Educação e Cultura, Nei Braga e assessores, para obtenção de verbas. A visita foi realizada pelo então Reitor da FURB, Inácio Riecken, Egon Belz (autor do projeto) e Sr. Werner Siebert (secretário da CME).

Foto: O Projeto Executado.

3.4. A Inauguração

Em 19.07.1974, no governo do Sr. Felix Theiss, houve a abertura do Ginásio de Esportes para o público, ainda em construção, para as comemorações do Sesquicentenário da Colonização Alemã, com a realização do "Festival Folclórico Internacional", demonstrando a versatilidade do espaço que estava sendo criado.

Após a abertura, em 27.07.1974, o arquiteto paulista João Carlos Bross se manifestou: "... *apreciaria consignar minha satisfação em deparar com um projeto*

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

que exprime uma síntese perfeita: correto no traçado, racional na função e orgânico na sua forma." (Em manuscrito para Egon Belz).

O Ginásio começou a ser utilizado timidamente, porém com alguns eventos significativos. Em 1972 a C.M.E. iniciou preparativos para a realização dos Jogos Abertos em 1975 ("Blumenau diz porque pretende a Sede dos Jogos Abertos em 1975" - Jornal "O ESTADO" - 11 de outubro de 1972 pág 6 – Florianópolis).

Blumenau pôde realizar esses jogos pretendidos somente em 1979.

A impressão dos jornalistas e dirigentes dos Jogos sobre o Ginásio pode ser resumida pelo texto seguinte:

"*A última visita foi feita ao Ginásio de Esportes Sebastião Cruz. A surpresa dos cronistas foi grande porque jamais esperavam encontrar algo tão belo*".(Seção de esportes do Jornal Santa Catarina de 29.09.1979, pág 7).

A obra, no entanto, ainda se achava em construção.

4. O Uso

4.1. Diversidade de Espetáculos

Como arquiteto e ex-atleta, além da arquitetura e o progresso do esporte, visei a possibilidade da emancipação econômica da Comissão de Esportes pela capacidade e abrangência em se poder proporcionar espetáculos culturais diversificados. Dentre o grande número de eventos realizados no Galegão podemos apontar alguns:

1974 - Abertura informal do Ginásio - Comemoração do Sesquicentenário da Imigração Alemã.

1º Festival Internacional de Danças Folclóricas.

Apresentação do grupo "Os Trapalhões", com público estimado entre 7.000 e 8.000 pessoas, em 1982.

Conferências do evangelista canadense Leo Jans, em 1983.

Reunião de Sindicatos Têxteis.

Congresso de Distrito das Testemunhas de Jeová.

Realização da VI OMISUL - Olimpíada Mirim da Região Sul, com participação de 3.000 crianças.

Festa Oktoberfest, se transformando em Pavilhão D.

Show do cantor Roberto Carlos, em 1980.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

FUC - 1º Festival Universitário da Canção, em 1982, com público estimado de 7.000 pessoas. Houve também edições em anos seguintes, também realizados no Galegão.

Show do cantor Sérgio Reis.

Show da cantora Sandra de Sá.

Show do grupo musical Cavalinho Branco.

Apresentação da Orquestra de Câmara de Blumenau.

Apresentação da Orquestra de Ray Coniff.

4.2. Uso Esportivo

"*Com ele* (o Galegão) *a cidade terá condições de sediar torneios e competições nacionais e internacionais; será mera redundância dizer o quanto isto representa para o progresso do esporte Catarinense.*" (Emil Rached, ex-jogador da Seleção Brasileira de Basquete. Em carta a Egon Belz, 1973.)

Na seqüência, algumas apresentações e competições:

Jogos de Interseleções de Basquete, com público de 4.500 pessoas, em 1979.

Jogos Abertos de Santa Catarina, com realização de diversos jogos e público de 7.000 pessoas, em 1979.

Exibição do campeão brasileiro de Tênis Thomaz Koch, que considerou as instalações do Ginásio excelentes para a prática do esporte.

Seleção de Voleibol Feminino do Japão.

Seleção de Voleibol Feminino de Cuba.

Jogos Abertos de Santa Catarina, com realização de diversos jogos e competições, em 1991.

Apresentação da Equipe Campeã de Ginástica Artística Feminina de Blumenau, em 1994.

Jogos da Liga Nacional de Basquete.

5. Modificações impróprias

"*Velha aspiração dos blumenauenses a construção do Estádio Coberto...*" (Jornal A Cidade – 11.07.69) teve um início promissor, mas nem tudo foi um mar de rosas.

À margem dos espetáculos brilhantes nele realizados, faltou sensibilidade, ética, senso de responsabilidade e energia para a complementação

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

da obra, interpondo-se momentos de tristeza e angústia pelas interpretações equivocadas, injustificadas por quem não tinha o discernimento, o comportamento e o pleno conhecimento do projeto para poder intervir em seara alheia.

Acréscimos indevidos e aleatórios descaracterizaram a obra, criando inclusive condições de instabilidade da estrutura da cobertura, com a anexação de cargas não previstas, motivo de severas críticas do Eng. Alfredo Rutzig, calculista-autor da estrutura da cobertura.

Podemos registrar a aplicação de telhas translúcidas no lanternim não previsto, provocando o ofuscamento da visão dos atletas e incidência do sol diretamente sobre a quadra, aumentando o calor interno, ocasionando mal-estar.

Rutzig ainda se pronunciou a respeito dos pilaretes metálicos acrescentados: "*Foram construídas, posteriormente, colunetas metálicas em toda a periferia, com longarinas para fechamento lateral.*

As colunetas são fixadas na estrutura original, e com a ação do vento introduzem dezenas de toneladas de forças horizontais não previstas na mesma.

A estrutura original é estaticamente determinada, ao passo que, com a ligação das colunetas na estrutura, forma um esquema esteticamente indeterminado. ... O mais grave é, sem dúvida, a introdução das cargas verticais e horizontais adicionais não previstas no projeto inicial.".

Também dentre as modificações, podemos citar a elevação do piso da arena central do ginásio, com prejuízos na capacidade de público. Blumenau, que podia se orgulhar de um ginásio coberto para 5.000 pessoas, hoje não o pode mais. Perdeu-se uma grande oportunidade de proporcionar espetáculos para um público maior. Na época, essa elevação foi justificada pela cota de enchente. Mas cabe lembrar que o nível em projeto era mais alto do que o executado.

Ao final de 1972 houve rumores de que Blumenau não estava à altura de um empreendimento como o Parque Olímpico e sugeriu-se a implantação da rodoviária em substituição ao parque. "*A opinião pública blumenauense pactua da idéia do industrial Curt Zadrozny (ex-prefeito) e é provavelmente contra a possibilidade da área destinada à Vila Olímpica vir a servir para a instalação da*

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

nova rodoviária" (Jornal O Estado - Florianópolis 22.12.72). A idéia foi rechaçada por ser, como afirmou o ex-prefeito, "*pueril e ingênua*" (Jornal O Estado - Florianópolis 22.12.1972).

As modificações e adaptações feitas à minha revelia, além de boa dose de insegurança, causaram grandes prejuízos para a estética não só do prédio, mas também para o urbano. "*Com o tempo, a majestosa arquitetura original foi, infelizmente, descaracterizada. Encontramos dificuldade para enxergar o belo com tantos anexos que escondem uma obra limpa e pura e que levam a conclusões errôneas sobre seu valor.*" (Carolina Viviane Nunes, arquiteta, em artigo publicado no Jornal de Santa Catarina, em 10.03.2006)

6. Falta de manutenção

É contristador ver tão importante obra para todo o Vale do Itajaí em abandono, permanecendo quase 40 anos sem ser concluído em razão da falta de sensibilidade e respeito ao esporte e ao cenário urbanístico.

Em razão da não-conclusão e falta de conservação do ginásio, Rogê Ferreira (ex-atleta e político paulista) se manifestou, em junho de 1983, por carta: "*Gostei do ginásio e lamento a falta de melhor acabamento, ou seja, o término da obra. A concepção arquitetônica de linhas modernas e funcionais demonstra talento criativo, colocando o mencionado ginásio de esportes entre os mais funcionais, repito, e belos dos que conheci. ... Gostaria ... de rever o ginásio - acabado e conservado*".

A década de 1980 foi uma época muito atribulada para todo o município, o estado e país do ponto de vista climático, político e social.

Além disso, as grandes enchentes de 83 e 84 geraram desânimo, dúvidas, desencadeando desacertos administrativos e técnicos dos quais o Ginásio também não ficou de fora. Por exemplo, a tentativa de sua doação pela prefeitura a FURB, a qual declinou visto o péssimo estado de conservação do mesmo.

Em 1989, foi efetuado um levantamento geral da obra, a fim de que pudesse ser elaborado um projeto de reforma. O resultado desse levantamento revelou que a estrutura de concreto armado se achava em perfeito estado, o mesmo não acontecendo com a estrutura metálica da cobertura, essa em estado de deterioração. Apesar das advertências, nada foi feito para a mudança da situação.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Após o ano de 1989, as atividades esportivas foram diminuindo em função da falta de manutenção do local. Mas o ginásio continuou a ser utilizado em atividades alheias, inclusive com sobrecarga nas arquibancadas, em ocasiões de apresentação de bandas musicais. Esqueceram que o Galegão é um ginásio de esportes.

Tanto é que nos Jogos Abertos de 1991 houve restrições para a ocupação do local, e em 2003 a área do ginásio foi interditada pela justiça, por falta de segurança da estrutura da cobertura.

Em 2002, a Fundação Municipal de Esportes fez realizar um projeto de reestruturação da obra em todos os seus pormenores, coordenado pelo arquiteto-autor, o qual foi aprovado pelos órgãos competentes.

A falta de tempo hábil e a posse de nova gestão (2006) fizeram com que o projeto em questão passasse por uma nova avaliação e promessas de concretização, como segue: "*Já o sonho de ver o ginásio Sebastião Cruz (maior símbolo do esporte de Blumenau) revitalizado parece que vai mesmo tornar-se realidade. ... A intenção da prefeitura é concluir as obras ainda em 2006.*" (Colunista Cláudio Holzer, Jornal de Santa Catarina – Blumenau, 06.05.2006.). Mas vale lembrar que "*A participação de seu arquiteto deve ter destaque na coordenação dos trabalhos para evitar destruições de tão significativo patrimônio.*". (Carolina Viviane Nunes - Jornal de Santa Catarina, em 10.03.2006). E esta não vem acontecendo, apesar do meu esforço em torno desta obra.

7. Conclusão

O projeto do "Complexo Esportivo do Bairro da Velha" foi o resultado de um momento cultural e político e exprimiu a vocação esportiva da população blumenauense. Mais do que o benefício para o esporte, criou um ponto de encontro e descontração para o futuro da cidade.

O Galegão é uma obra que simboliza, através de sua arquitetura moderna, a ascensão de uma nova era do esporte blumenauense, assim como a "Turnhalle" o foi em sua época.

Apesar disso, nunca foi concluído e está abandonado. Causa espécie a falta de objetividade, de sensibilidade no trato, o abandono e a falta de percepção do sentido de conjunto em que o Ginásio é uma das partes integrantes, sendo sua plasticidade fruto das contingências de um projeto global.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Devemos empregar todos os nossos esforços no sentido de manter esta obra da moderna arquitetura esportiva em sua concepção estética original, evitando cair em devaneios culturais triviais e inadequados. A reforma deste Ginásio exige uma postura ética e estética de obra esportiva, eliminando-se quaisquer conotações de cunho burlesco.

O "Sebastião Cruz" deverá ser reabilitado e atualizado em toda a sua ampla estrutura, pois, todo o valor econômico a ser nele investido jamais ultrapassará o lucro e os momentos felizes que ele ainda proporcionará por longo tempo às gerações atuais e futuras.

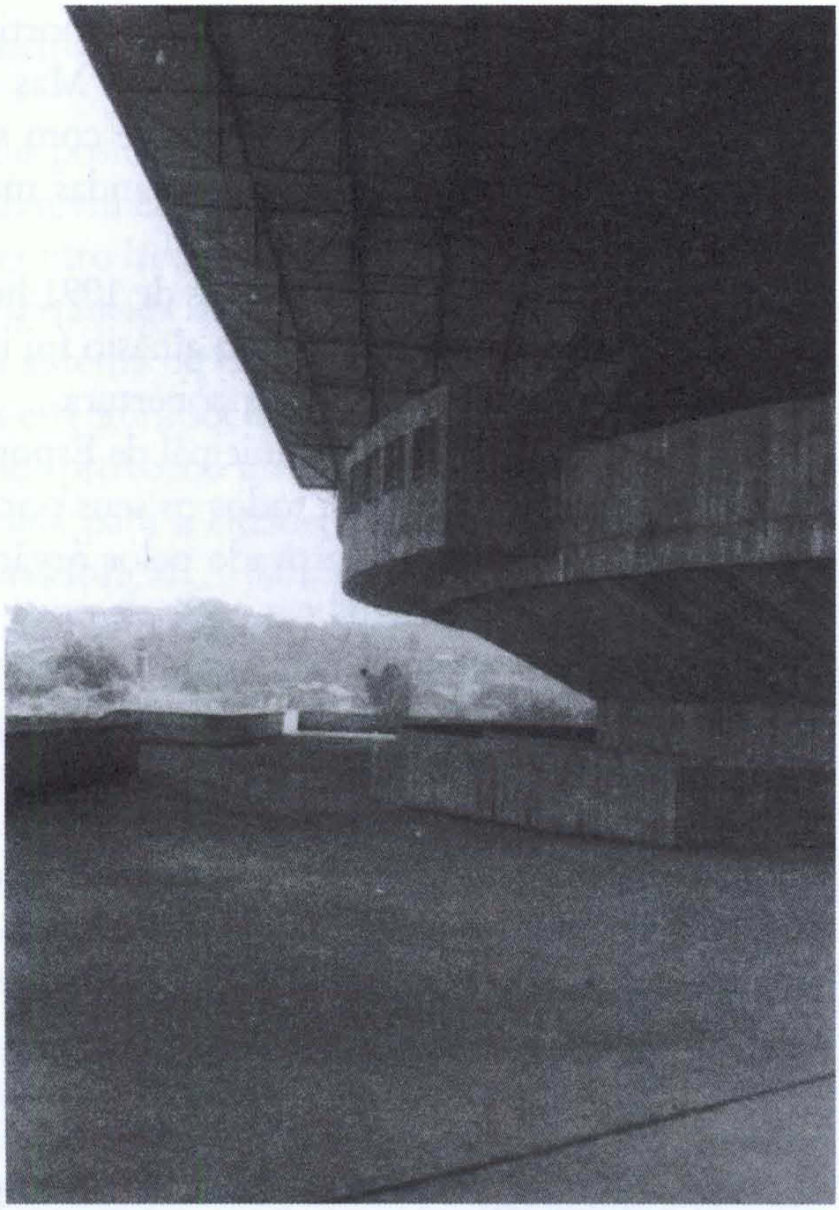


Foto: Detalhe da Esplanada. Cabines de Imprensa em Balanço.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

NOTAS DE FIM

2 Futuramente houve controvérsias quanto às medidas relativas ao handebol. As utilizadas foram as mínimas oficiais, 30,00 x 15,00m, face às dimensões da área do terreno cedida e o programa terem sido considerados inalteráveis, de acordo com as pesquisas realizadas em publicações esportivas oficiais, como:

Ortner, Rudol Sportbauten ed. Callwey – Munique 1956 pág 44.

Braecklein, Dr. Heinz et alii "Das Grosse Buch vom Sport"

Hallenhandball ed. Herder Freiburg im Breisgau Alemanha 1959/1968 pág 292.

Cisneros, Alfredo Plazola Arquitectura Deportiva Balonmano ed. Limusa Wiley S.A. México 1969 pág 105.

Quanto ao futebol de salão (futsal) em publicação de 1975, do trabalho organizado pelo Presidente em exercício da Federação Internacional de Futebol de Salão "FIFUSA", as seguintes dimensões: mínimas 24,00 x 14,00m e máximas 36,00 x 20,00m.

3 Na assinatura do Convênio estiveram presentes: Prefeito Carlos Curt Zadrosny, Governador Ivo Silveira, Presidente da C.M.E. Sr. Edgar Paulo Muller, Assessor Jurídico da Prefeitura Dr. Eunildo Rebelo, Deputado Abel Ávila dos Santos.

4 A reunião referida foi realizada com o então prefeito Felix Theiss, o reitor da FURB, Padre Orlando Murphy, Prof. Rivadávia Wollstein, Dr. Glauco Beduschi e membros da C.M.E., Egon Belz, Horst Roessel, Werner Siebert e Romeu Jaehrig.

5 Egon Belz, Horst Roessel, Werner Siebert e Wilberto Schürmann tiveram um novo encontro com o presidente Havelange e o diretor de Esportes Terrestres Sr. Hélio Babo. Este último, em visita a Blumenau, por ocasião do Brasileiro de Bolão, "*afirmou que não imaginava que Santa Catarina, especialmente Blumenau, estivesse tão preparada para disputas de esportes amadores*". (Jornal de Santa Catarina, 27.07.1973).

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

O complexo social urbano e as lógicas da cidade

Claudir von Dentz* e Edson von Dentz**

Artigos

Um estudo sobre a história do loteamento Dona Edite, de Blumenau/SC.[1]

1. Introdução

Inserido no contexto da cidade, o loteamento Dona Edite apresenta-se como um lugar periférico, de ocupação ilegal e de concentração de pobreza, contrastando com a imagem positiva criada sobre Blumenau como "cidade padrão" e "de primeiro mundo". Os traços presentes nas paisagens, nas edificações, nos documentos e na memória das pessoas que vivem neste lugar revelam um passado (in)comum, onde a história se constitui marcadamente pela injustiça, miséria, exclusão, exploração e marginalização de um povo. Trata-se de uma realidade gritante, motivo pelo qual consideramos desafiador e ao mesmo tempo necessário discutir e desenvolver este trabalho, tendo como foco o referido loteamento. O objetivo é refletir criticamente – a partir da recuperação da história e da realidade do loteamento Dona Edite – sobre o contexto social urbano e suas lógicas (ou não), etc.

* Claudir von Dentz é professor de Filosofia. Mestrando em Educação pela FURB/SC. Pesquisador membro do Grupo de Pesquisa em Filosofia e Educação - *Educogitans/FURB/SC.* Membro colaborador do Grupo de Pesquisa em Epistemologia e Teorias da Educação da UNICAMP – Episteduc/UNICAMP/SP. E-mail: claudirvon@yahoo.com.br

* Edson von Dentz é historiador, Especialista em História Social e Ensino de História. E-mail: evondentz@yahoo.com.br

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Nesta perspectiva, com o apoio de várias fontes e, principalmente, a partir da história de vida dos moradores, empenhamo-nos na tarefa de construir uma memória histórica, refletindo sobre processos de marginalização cultural, bem como sobre os conflitos e contradições que compõem o espaço urbano em questão.

Entrelaçando tempos, histórias e contextos, procuramos dar visibilidade à memória e experiência das pessoas que vivem no loteamento Dona Edite. As memórias evidenciam toda a diversidade social e cultural, constitutiva do local.

Mas, que importância tem hoje a história desse loteamento? Qual o mérito de explicitar as memórias e lembranças de gente viva, pobre e excluída? É mesmo necessidade conhecermos as histórias locais? Qual a contribuição deste estudo para a cidade de Blumenau? São perguntas que poderiam surgir naturalmente e que normalmente ocorrem. Contudo, consideramos importante responder a essas questões de forma mais elaborada e profunda, na intenção de superar os achismos e imediatismos deste tipo de abordagem.

Começaremos dizendo que vivemos num mundo socialmente construído e num país dividido por classe social, raça, etnia, gênero, entre outras hierarquizações. Portanto, a manutenção de referenciais de conhecimento histórico-culturais "tradicionais" e supostamente comuns a uma nação tende a reproduzir os padrões de desigualdade, dominação e exploração, tende a manter e reforçar as visões hegemônicas da classe dominante, de predomínio financeiro e racial (do branco e europeu), de superioridades étnicas, de opressão feminina e de falta de diálogo entre as idades.

Ao contrário, analisar a historicidade dessas desigualdades tendo como eixo a valorização das histórias locais e as trajetórias individuais e sociais dos seus diferentes sujeitos potencializa: 1) a compreensão dos processos estruturais, que estão na base da produção dos processos de discriminação e exclusão; 2) percepções e posicionamentos de superação das divisões existentes e das relações de poder; 3) o respeito e a problematização das diferenças culturais e sociais, o que propicia a ação transformadora enquanto movimento de superação da condição de exclusão em que vivem muitas pessoas; 4) um novo paradigma de desenvolvimento local que seja efetivamente sustentável; 5) uma ressignificação das concepções de ser

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

humano, sociedade, desenvolvimento sustentável, educação (pressupostos ontológicos), bem como dos pressupostos gnosiológicos e epistemológicos que dinamizam a relação público-privado na implementação das políticas de desenvolvimento historicamente exercitadas em nossa cidade; etc.

As histórias locais tradicionais costumam deixar boa parte da população à margem do processo de registro histórico. Não existe um sujeito único da história nacional ou local. Os lugares da memória e as historiografias locais geralmente evidenciam apenas a contribuição dos colonizadores. Porém, nenhum espaço social se constrói apenas com a colaboração de algumas poucas famílias, grupos ou pessoas. O cenário local possui marcas de todos os segmentos que o formaram ou formam. Essas marcas devem ser evidenciadas, não obstante as freqüentes lacunas nos museus, arquivos, monumentos e na produção historiográfica oficial que produzem e reproduzem uma determinada memória coletiva, com seus "esquecimentos". Destacamos a necessidade de se começar a criar arquivos e rememorações que dêem visibilidade aos diferentes sujeitos sociais e suas relações contraditórias.

Trabalhar com a história local abre trilhas na história social. É uma opção que implica na inclusão de todos os sujeitos sociais tanto nas narrativas históricas como nos lugares da memória. Trata-se de um trabalho que evidencia o lugar da gente comum na história e permite vasculhar, no nível micro, a sociedade em termos de poder e de dominação; que leva a conhecer os grupos e as relações sociais concretas dentro de um determinado contexto social e cultural. Também leva a discutir como se constroem as identidades dos diversos grupos no interior de relações de dominação e resistência.

A valorização das histórias locais é, pois, uma forma de contribuir para a afirmação de sujeitos conscientes de suas histórias pessoais e sociais, conhecedores dos lugares que ocupam no processo de construção local e nacional. A partir desse (re)conhecimento, quem sabe, teríamos cidadãos atuantes e responsáveis pela invenção do seu próprio futuro. Daí a importância de nos debruçar sobre o local, como o lugar onde se passa a vida; como o espaço percebido do cotidiano, das vizinhanças; o palco de conflitos e solidariedades, de confronto e diálogo entre representações e práticas; onde se fazem e re-fazem as relações sociais e se (re)constroem as identidades pessoais e coletivas.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Este trabalho pretende ainda, dentro de suas limitações, articular essas memórias e experiências ao contexto histórico do Vale do Itajaí e ao contexto da chamada "cultura urbana". Por isso, procuramos interligar tais experiências aos principais marcos do processo de ocupação, colonização e desenvolvimento da região.

2. Uma pesquisa sobre a história do loteamento Dona Edite: Proposta e trajetória

O processo de industrialização e urbanização da sociedade provocou mudanças significativas na maneira de viver das pessoas, transformando seus costumes, saberes e crenças. Não obstante, mudanças assim são geralmente acompanhadas por crises que podem marcar para sempre a vida e a memória de homens e mulheres que, em nome da sobrevivência, são obrigados a tais eventos. É, sobretudo com a intenção de refletir sobre essas mudanças que cunhamos o termo "cultura urbana". Objetiva-se, com isso, refletir criticamente sobre a experiência histórica do loteamento Dona Edite, como um espaço urbano periférico constituído a partir de um movimento forçado de migração, que, neste caso, deve ser compreendido como resultado do processo de industrialização e urbanização do Vale do Itajaí.

Conforme LIBANIO (2001, p. 32), o espaço urbano "não se reduz a sua dimensão física mensurável. Sua relevância maior lhe vem das "representações sociais", do "imaginário coletivo" que ele cria e que envolve o dia-a-dia das pessoas". Nesse sentido, o importante é valorizar as experiências de vida, a história oral dos moradores, definindo o espaço em questão como um "espaço urbano" e não tanto pela sua geografia.

Outra preocupação é captar os potenciais existentes na realidade do loteamento Dona Edite que possibilitam uma ruptura com a ordem estabelecida. Por isso, optamos por uma leitura da ruptura, antes que da ordem.

> A leitura da ordem atende de preferência à continuidade. [...] Assim, seu discurso prefere a ordem, a continuidade. Tem dificuldade de captar a mudança. Vê-a como moda transitória na esperança de que tudo volte como era antigamente. (LIBANIO, 2001, p. 24).

A ordem estabelecida se refere às lógicas internas da cidade. Ou seja,

> Quando se vive numa cidade, seguem-se suas regras, suas lógicas.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

> Desvendando-se tais lógicas, mais facilmente consegue-se viver nela de maneira consciente e livre. Deixar-se levar pelo caudal urbano de maneira inexorável gera a sensação de impotência. E contra ela temos a consciência crítica que nos dá os limites do navegar na correnteza e a eventual necessidade de remar contra em termos éticos. (LIBANIO, 2001, p. 16).

Uma vez situados nesta plataforma da ruptura – o que não significa ausência de compreensão acerca das lógicas internas da cidade, mas, antes, compreende uma superação da mera descrição e interpretação da ordem para lançarmo-nos ao plano da crítica construtiva e transformadora de tal realidade – partimos das perguntas que determinado contexto sociocultural e econômico levanta. Sem conhecer bem as perguntas não se tem respostas. Num primeiro momento, a pergunta da nossa reflexão é o loteamento Dona Edite: sua formação, seu contexto, sua origem, suas relações, sua situação e localização, seus problemas, etc. Num segundo momento, a pergunta volta-se sobre os sentimentos, as angústias, os anseios, os desejos, as experiências e as necessidades das pessoas. O loteamento, no percurso de sua história, interpela as pessoas e as pessoas interpelam o loteamento. Ocorre, assim, um processo recíproco e dialético de (trans) formação. A reconstituição lógico-histórica desse processo, feita a partir do confronto entre histórias, tempos e contextos, permitirá, esperamos, uma análise mais precisa sobre as relações e elementos significativos do processo de (trans)formação histórico do loteamento Dona Edite.

Segundo os manuais de pesquisa, o objeto de estudo precisa ser delimitado, separado e isolado. Esse requisito metodológico nos leva a supor a realidade "como susceptível de divisão em faces, esferas, zonas delimitadas, separadas mediante a abstração, a tematização ou a projeção".(GAMBOA, 1987, p. 81). Essa imagem nos leva a ver a realidade numa dimensão de extensão, de quantidade e de esquemas separados. Mas essa visão, embora facilite aparentemente o tratamento do objeto, reduz o mesmo a uma simples imagem fisicalista, a qual pretendemos evitar optando por uma abordagem mais ampla. É por isso que está entre nossas escolhas apresentar o objeto de pesquisa, imerso no seu contexto, concebendo a realidade como um "todo indivisível de entidades e significados" (KOSIK apud GAMBOA, 1987, p. 81) e os objetos singulares relacionados necessariamente com o todo social, econômico, político, histórico e cultu-

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

ral. É nessa relação com o todo que o singular encontra sua explicação e seu significado.

O contexto de nosso objeto singular – o Loteamento Dona Edite – passa pelas suas condições, pela sua organização e estrutura, por sua formação histórica, sua evolução, pelas políticas urbanas locais e nacionais, etc. É por isso que a recuperação do contexto é prioritária antes de apresentarmos os resultados da análise da realidade. Assim, vamos construindo o objeto concreto da pesquisa situando-o em seu contexto histórico, social, econômico, político e cultural.

Seguindo essa trajetória, fez-se necessário definirmos os instrumentos de pesquisa. Ou seja, que ferramenta utilizar para a coleta e tratamento dos dados e informações necessárias para a construção do concreto da pesquisa; para a recuperação do contexto em que o objeto se insere. Para o nosso caso, interessa a situação do loteamento Dona Edite no campo das relações que forma o complexo urbano. Algumas razões, que apresentamos já na introdução, nos levaram a optar pela utilização da "história oral" como principal instrumento de pesquisa.

A seguir, apresentamos alguns elementos que possibilitam uma visão geral do contexto em que o nosso objeto se insere. Relembramos, contudo, que os limites desta produção não permitem um detalhamento maior da pesquisa. Reduzimos-nos assim a uma breve explanação de alguns elementos que consideramos importantes para esta primeira comunicação acerca do nosso trabalho.

3. O loteamento Dona Edite no contexto urbano de Blumenau e região: percebendo o objeto como parte de um todo.

3.1 O Município de Blumenau: localização e contextualização

Localizado na região do Médio-Vale do Rio Itajaí, Blumenau teve sua fundação como colônia particular no dia 02 de setembro de 1850. Inicialmente, a colônia tinha como proprietário o senhor Dr. Hermann Bruno Otto Blumenau que, juntamente com mais 17 imigrantes alemães, deram início ao desmatamento e construção das primeiras habitações no local[2].

É de conhecimento público e também registrado por SIEBERT (2000a), no livro "Nosso Passado (In) comum", que o local escolhido para

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

a implantação da colônia foi o último trecho navegável do rio Itajaí-Açú. Este ponto fica hoje localizado nos arredores da prefeitura municipal da cidade. Outro ponto também considerado inicial situa-se próximo à desembocadura do ribeirão Garcia, não mais que 1500 metros distante da prefeitura. A história é contada por um historiador que trabalhou na demarcação das terras no período inicial do século XX:

> A primeira clareira foi aberta na desembocadura do Ribeirão da Velha, na beira da selva (boca da mata), onde foi erguida a primeira casa. Na seqüência dos trabalhos de implantação da colônia, fizeram derrubadas em grandes áreas de florestas nas margens do Ribeirão Garcia e, nas clareiras abertas, plantaram tanto grama para pastagem, como milho, aipim, batata e feijão preto, para consumo dos colonos. (DEEKE, 1995, p. 44).

A então Colônia Blumenau, que se desenvolvera as margens do rio Itajaí-Açú, já em 1880, torna-se município. Apesar da preservação desta data, as festividades de comemoração e oficialização da municipalização aconteceram somente três anos mais tarde, aos 10 dias de janeiro de 1883, devido à grande enchente que ocorrera naquele ano. Segundo SIEBERT (2000a), as cheias elevaram o nível do rio Itajaí-Açú à marca dos 15 metros e 30 centímetros. Muitas famílias perderam tudo. Os danos atingiram, de modo geral, toda a população.

Apesar da experiência já vivenciada em enchentes, um indicativo de que o local é impróprio para a habitação, à cidade foi sendo construída e se desenvolvendo próximo aos rios[3]. Esse fator chamou a atenção de muitos pesquisadores, dentre eles, Claudia Siebert co-autora da obra "Novos Olhares Sobre Blumenau"[4]. A autora destaca sobretudo o problema habitacional e ambiental de Blumenau. Ela alerta que o local é inadequado para a formação de cidade devido à possibilidade de inundações nos vales, bem como dos riscos em se construir imóveis nas encostas, já que a geografia da região é caracterizada pela presença de excessivas inclinações montanhosas.

Por outro lado, a região era preferida pelos antigos colonizadores. Os lotes ligados aos rios favoreciam o transporte e escoamento da produção, bem como à criação de animais.

Ao que tudo indica os mesmos fatores que possibilitaram a chegada dos colonos e o desenvolvimento inicial da colônia, principalmente a presença de rios, entre outros, mais tarde, na fase de urbanização, se tornam

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

obstáculos ao desenvolvimento da região. Esta ambigüidade encontra ainda outras formas de desdobramento. É o que se observa, por exemplo, na contradição entre desenvolvimento, urbanização, industrialização e consciência ecológica versus crescimento desordenado, ocupações ilegais e risco de enchentes, etc.

Em 1859, com 943 habitantes, a colônia Blumenau, até então propriedade particular, teve que ser incorporada à coroa imperial, já que o proprietário, o Dr. Blumenau não conseguiu dar continuidade ao processo de colonização devido à falta de recursos. As dívidas contraídas com o empreendimento o levaram a pedir auxílio ao imperador D. Pedro II, que acabou por incorporar o empreendimento à coroa como forma de pagamento. Deste modo, a colônia passa a ser, como várias outras, um empreendimento financiado e conduzido com dinheiro público, apesar de ter como representante o próprio fundador Dr. Blumenau. Com a ajuda do governo, Dr. Blumenau retoma o processo de colonização, aumentando o número de imigrantes principalmente alemães no empreendimento[5].

As novidades eram freqüentes em torno da nova cidade. Inspirados a transformar a região em um lugar desenvolvido e sustentável, os antigos colonizadores iniciam um processo de industrialização e comercialização dos produtos agrícolas. Este contexto é marcadamente caracterizado pela relação entre colonos e comerciantes (vendeiros) locais.

> As indústrias nasceram em um período em que a venda era o elemento que mantinha a indústria, e a agricultura ainda era a atividade econômica mais importante. Com isso, o "vendeiro" passa a ser também "industrial", participando ativamente do processo de industrialização com a instalação de fabricas ou do financiamento desta. [...] ...foram os recursos acumulados, provenientes da agricultura, que permitiram a ultrapassagem do estágio meramente agrícola da exploração econômica para a industrialização. (SCHÖRNER, 2000, p. 54).

As imagens criadas sobre a cidade selecionam fragmentos positivos da realidade urbana de Blumenau. Ao que parece, a industrialização aconteceu de maneira segura, já que os investimentos foram feitos a partir de recursos próprios obtidos com a produção agrícola e comercial. Há expressões típicas da época que revelam uma visão da cidade repassada para a população com o objetivo de atrair trabalhadores para as fábricas, a saber:

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

cidade com "padrão de Primeiro Mundo"; a "cidade jardim" e a "cidade-trabalho"[6].

A imagem melhorada e positiva da cidade fez com que Blumenau atingisse certo grau de desenvolvimento e certo status que lhe conferiu a marca de cidade-modelo. Por outro lado, as alterações nas relações sociais e de trabalho, provocadas pela distância criada entre os industriais e os trabalhadores, dão sinal de que o sistema de produção industrial exigiria sério planejamento e alterações na estrutura social e política da cidade. Ocorreu que a oferta de trabalho e renda provocou um êxodo demasiado com excessivo deslocamento populacional para a cidade, formando conglomerados urbanos nas proximidades das fábricas. A fábrica oferecia o emprego, mas não à estrutura habitacional e urbana necessária para o novo contexto urbano-industrial, o que provocou a formação de loteamentos clandestinos em locais com risco de inundação por enchentes e enxurradas, desmoronamentos etc.. Alguns autores, a exemplo de SCHÖRNER (2000), analisam esse contexto a partir da articulação de dois conceitos-chaves, qual seja: "Cidade Ilegal" e "Cidade Legal".

> "...a cidade legal, a cidade assistida pelos órgãos públicos, da infra-estrutura (calçamento, água, esgoto e ônibus), [...] ...cidade "ilegal", construída em loteamentos clandestinos e habitada por migrantes, por pessoas que sonham em serem incorporadas ao processo da cidade, de terem chances de crescerem e de viverem dignamente. Ou seja, são pessoas, trabalhadores que participam do processo de acumulação sem que possam beneficiar-se dos seus frutos, haja vista que para o capital os trabalhadores só interessam como fonte de acumulação, que é conseguida através da produção de mercadorias e outras riquezas." (SCHÖRNER, 2000, p. 81)

Nesse contexto é que se forma o Loteamento Dona Edite, no município de Blumenau, estado de Santa Catarina, objeto dessa pesquisa. O loteamento reflete o conceito de "Cidade Ilegal".

3.2 O Conceito de Periferia Urbana

No intuito de esclarecermos o que se entende por "periferia urbana" e o sentido que este termo adquire em nosso trabalho, seguimos com uma breve reflexão acerca desse conceito. Para isso, usaremos como referencial o texto de MOURA e ULTRAMARI: "O Que é Periferia Urbana" e o de

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

SIEBERT: "Blumenau Fim de Século: o (des) controle urbanístico e a exclusão sócio-espacial".

Um possível significado para termo periferia faz referência a um lugar distante de algum ponto tido como central. Todavia, este entendimento, meramente geométrico, não representa a verdadeira relação entre o centro e a periferia das cidades. Os afastamentos, as distâncias na realidade das cidades não são quantificáveis apenas pelas distâncias físicas ou geográficas entre os dois mundos. Tais distâncias são reveladas antes sim pelas condições sociais de vida evidenciadas pela nítida desigualdade entre os moradores dessas diferentes regiões da cidade.

Socialmente, as periferias são áreas de concentração de moradias da população de baixa renda, carentes dos serviços básicos essenciais, que sofrem os efeitos de longos deslocamentos para o trabalho, para o consumo. Nas áreas centrais a estrutura urbana está previamente disponível aos moradores. Cada uma das partes (centro e periferia) recebe valores específicos, cabendo aos excluídos do processo de produção e acumulação de capital viver nas regiões periféricas das cidades. Essa estrutura urbanística não acontece espontaneamente. É fruto de um processo social e econômico excludente e desigual. Nesse sentido, valendo-se dos termos de SIEBERT (2000b) podemos dizer que:

> Aqueles que se beneficiam do processo capitalista de acumulação podem se dar ao luxo de ocupar o espaço urbano legal, que é produzido dentro dos padrões urbanísticos oficiais. Estas áreas são mais valorizadas, por gozarem de melhor localização em termos de acessibilidade, condições ambientais (declividade, drenagem, poluição e estabilidade geológica) e atendimento de infra-estrutura e serviços urbanos. [...] aos excluídos da acumulação de capital, resta ocupar os espaços urbanos menos valorizados, [...] com pior condição de acesso, localizadas em áreas insalubres e/ou de risco, e não beneficiadas com infra-estrutura de serviços urbanos. Esta parte da cidade recebe diversas denominações: favelas, loteamentos clandestinos, invasões, ocupações desordenadas, focos de sub-moradia, guetos, assentamentos ilegais, etc. (p. 285-286).

A população da periferia é geralmente formada pelo conhecido "exército de reserva", ou seja, pela massa de trabalhadores desempregados à espera de uma vaga, expulsos pela rotatividade das empresas, pelas crises sucessivas da economia, etc. A periferia abriga, portanto, trabalhadores,

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

tação no novo espaço, são perceptíveis nos depoimentos dos moradores:

> "Você não sabe o que é sair do lugar onde a gente nasceu. A gente sofre muito. Tem que dexa lá tudo e ir pra outro lugar que tu não sabe como é. É muito triste. Meu Deus... não é fácil (choro). Quando a gente consegue serviço ainda vai, mais as veis a gente fica sem serviço, aí a coisa aperta. Nóis cheguemo passa apertado alguma veis. Não tinha dinhero e as criança choravam... (choro) Hoje sofro de depressão. Eu nunca mais fiquei boa..."[8].

> "O pior é quando a gente chega. Os primeros dia não é fácil. Aqui é tudo diferente. Lá nóis prantava e tinha o que come. Aqui é tudo no dinhero. Eu acho que vai se bom pra piasada. Pra nóis que samo veio não é fácil se acostuma. O meu marido queria volta logo no início. Ele dizia que isso aqui não era pra ele. Nois quase vortemo. Ma daí eu consegui um emprego numa casa aí... aí deu pra ir levando." [9]

A crise sofrida com o impacto da mudança de ambiente soma-se há uma série de outros problemas relacionados à saúde, educação, moradia, alimentação, saneamento, emprego, meio ambiente, etc. Muitas famílias vivem em condições subumanas, sem o mínimo necessário para uma vida digna.

Por volta dos anos 70, período de grandes transformações na agricultura brasileira, o movimento migratório aconteceu de forma intensa no sentido campo-cidade. É o chamado êxodo rural. A mecanização e o uso dos agrotóxicos substituíram o trabalho braçal, expulsando da roça uma grande leva de trabalhadores rurais. Por esse motivo, entre outros, o loteamento Dona Edite comporta majoritariamente ex-trabalhadores rurais. Estes, sem condições de permanecerem no campo, buscam na cidade alternativas de trabalho e renda para a família. Na falta de recursos e descapitalizados, esses migrantes passam a ocupar áreas clandestinas e impróprias para a habitação.

A seguir destacaremos alguns dos problemas que os moradores do loteamento Dona Edite enfrentam e que são decorrentes, em geral, do movimento de migração em massa em direção à cidade e do processo de exclusão provocado pela industrialização e urbanização.

3.3.1 A realidade do trabalho

Embora a maioria das pessoas que residem no loteamento Dona Edi-

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

te tenham sido atraídas pelas indústrias, são poucas as que realmente trabalham nelas. Em geral, a maioria das mulheres trabalha como "do lar", porque não têm onde deixar seus filhos; outras trabalham como domésticas. Os homens normalmente trabalham como serventes de pedreiro, pedreiros, motoristas, vendedores ambulantes, catadores de material reciclável, garis, etc.. Em alguns casos, o trabalho de coleta de lixo é a única alternativa. Vejamos o que nos conta um catador de materiais recicláveis:

> "É um serviço para quem não tem outro. É bem humilhante. Se nóis conseguisse outro emprego, dexava de cata papel. Mas enquanto não pinta outro serviço temo que continua nessa vida... tenho que levar pelo menos o leite."[10]

O trabalho com o "lixo" ainda é pouco difundido. Apenas um número reduzido de pessoas vive nessa condição. Porém, para muitos moradores do loteamento Dona Edite que vivem na extrema miséria esse trabalho representa uma saída, talvez o último recurso.

Uma das principais causas dessa situação é a agravante realidade do desemprego que atinge principalmente as pessoas com baixa escolaridade e que não dispõem de qualificação profissional. Poucos são os que têm um emprego fixo com carteira assinada. A grande maioria vive de "biscates". Frente a isso tudo, são comuns as fugas, isto é, as buscas por meios alternativos que anestesiem e possibilitem ver e viver esta realidade de uma maneira mais "romântica". Alguns depoimentos recolhidos por TINTI (2000) expressam bem esta realidade:

> "Quando a gente chegou e o meu marido não arrumava emprego, ele ficou muito nervoso, até ele não tomava e começou a tomar. Ele se sentia mal, porque saía pra procurar emprego e não achava. Daí, isso já era um problema, porque, no caso dele, ele não era viciado. Ele tomava e eu começava a me preocupar, por causa das crianças. Graças a Deus, ele encontrou emprego e não chegou a viciar. Aqui no loteamento tem uma porção de homem que tem problema de bebida, tem muitos que bebem e depois batem na mulher. Lá no sítio era mais difícil ver um homem assim, com problema de bebida, mesmo meus irmão, eles tinham medo do pai." (p.330-331).[11]

A realidade do trabalho, portanto, está ligada a uma série de problemas que afetam as pessoas que vivem no loteamento Dona Edite. A insatisfação econômica e a falta das condições básicas para uma vida digna tornam-se um agravante de outros problemas como os habitacionais,

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

afetivos, educacionais, etc. Dentre esses problemas, os que mais preocupam são as brigas e agressões domésticas, os roubos, o alcoolismo e as drogas em geral.

3.3.2 O problema habitacional

Ao relatarmos sobre a realidade do trabalho, já é possível imaginar as condições de moradia das famílias do loteamento Dona Edite. Um povo que com seu trabalho mal conseguem recursos para suprir as necessidades mais urgentes do cotidiano (comida, água, luz, etc.), obviamente tem condições de moradia precárias.

As casas são simples, sem muito conforto. Geralmente são construídas pelos próprios moradores, parte de alvenaria, parte de madeira, sem pintura, cobertas com pedaços de telhas de amianto. Em muitos casos, são remendadas com pranchas de compensados e/ou lonas.

(Foto 1: Arquivo dos Autores).

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Construídas em lugares impróprios, muitas casas correm risco de desabamento. Devido às inclinações do terreno os deslizamentos de terra são freqüentes. Situação que assombra a população local diariamente. As pessoas recordam de casos de deslizamento que soterrou casas por completo, como se observa no seguinte depoimento: "Esses dias mesmo o meu vizinho ali de baixo se não tivesse trabalhando teria sido morto porque sua casa veio abaixo..."[12]

O acesso às moradias é muito difícil. Por causa dos morros, há lugares onde é impossível construir ruas. As poucas ruas transitáveis não são pavimentadas e são muito estreitas. Apenas veículos de pequeno porte conseguem transitar nelas.

Quando abordados sobre esses problemas, os moradores expressam o sentimento de abandono do poder público em relação aos serviços de responsabilidade da prefeitura. Em conversa com um morador tivemos o seguinte depoimento:

> "O prefeito veio aqui, por incrível que pareça, pela primeira vez, mais foi pra inauguração da primeira rua calçada do nosso lugar e um desabamento aconteceu a uns 100 metro do lugar menos de 1 hora depois"[13].

Segundo os moradores, há muito tempo os órgãos públicos estão comentando sobre o calçamento das quase inacessíveis ruas do bairro. Alguns explicam que a prefeitura chegou a cobrar das famílias pelo calçamento das ruas. Muitas pessoas pagaram pelo serviço que nunca foi prestado.

Outro problema grave observado no loteamento é a falta de saneamento básico. Muitas famílias despejam o esgoto nos córregos que descem das montanhas. Conseqüentemente, o mau cheiro e as doenças causadas pela contaminação agravam ainda mais a situação precária das famílias do lugar.

3.3.3 A realidade da educação

O abandono do poder público para com os moradores do Loteamento Dona Edite acontece também em relação à educação. O lugar não possui escolas, creches ou qualquer estrutura própria para a educação. Grande parte dos adultos é analfabeta. As crianças precisam se deslocar longos trechos até a escola mais próxima. À distância e falta de incentivo desani-

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

ma as crianças. Por isso, o índice de desistência e reprovação é demasiadamente alto.

É fato que as pessoas do loteamento não vêem na educação uma necessidade. Muitos, principalmente os que vieram do meio rural, têm uma idéia diferenciada de educação. Para estes, educação é transmissão de conhecimentos; são os ensinamentos passados de "pai-pra-filho". À educação formal, técnica e/ou profissionalizante não faz parte do universo dessas pessoas. Ocorre assim uma indiferença em relação ao estudo dos filhos.

No ano de 2004 foi improvisada uma escola de alfabetização de jovens e adultos no local. O lugar era impróprio e não oferecia as condições mínimas necessárias para a educação. Esta escola, que atualmente não existe mais, permaneceu em funcionamento apenas dois anos.

Ademais, o próprio conteúdo programático das disciplinas escolares raramente inclui a realidade das pessoas que vivem no loteamento. Para eles, a educação das escolas é muito distante, a ponto de parecer irreal. O discurso selecionado como verdadeiro é o científico, a cultura erudita e assim por diante, enquanto a linguagem familiar dos alunos é geralmente desqualificada e considerada pelos próprios educadores como imprópria. Assim, a prática pedagógica geralmente se afirma a partir da idéia tradicional de educação vertical, em que o professor é o dono do saber e o aluno não tem saber algum. Cabe ao professor repassar para o aluno o "conhecimento". Isso acontece sob a utilização de métodos autoritários e inadequados para a educação, libertação e emancipação dos educandos.

Com base na temática do analfabetismo, Paulo Freire desenvolveu um trabalho pedagógico que coloca a Educação como processo libertador, através do qual as pessoas são agentes que operam e transformam o mundo. Nesta pedagogia libertadora o professor é um coordenador de atividades organizadas conjuntamente com os alunos. Uma opção importante é partir da linguagem dos alunos. Assim, a ação pedagógica acontece como um processo de educação libertador; de busca e de alcance da identidade pessoal, de grupos ou povos, pelo pensamento, pela ação e pela auto-determinação.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

4. Considerações finais

Com toda a gama de complexas ações, situações e espaços, processos e relações tratados no decorrer desta monografia, poderíamos indicar diversas teorias urbanísticas, com suas diferentes visões, concepções e métodos. Dar conta dessa diversidade seria por demais ambicioso, ainda que tivemos a preocupação de não ficar preso a apenas um ponto de vista da história e a uma teoria urbanística, procuramos, até certo ponto, considerando nossas limitações, valorizar essa diversidade.

Dispor de olhares sobre os períodos onde se intensificam as mobilizações espaciais, está entre nossos objetivos. São períodos onde predomina um sistema perverso de exclusão que se perpetua. Vemos as periferias como sendo lugar de abrigo a muitos sofredores desse processo de exclusão social e econômico. Por outro lado, úteis para o sistema dominador, como, produtores de excedentes de mão-de-obra; tornados massa de manobra.

A cidade vista da periferia é surpreendida como lugar de fuga e não um local ambiciado por sua estrutura, dinamismo e complexidade. A periferia é local que abriga as vitimas de um processo inconseqüente de desenvolvimento.

A história do loteamento Dona Edite revela os efeitos reais desse modelo de desenvolvimento calcado na super-valorização das políticas economicistas de corte neoliberal adotadas no Brasil nos últimos anos. Tudo leva a crer que a mudança não virá de fora, dos donos do poder. Ela precisa ser gestada no interior do loteamento, pois ali encontramos relações sociais que são características de uma sociedade nova. Os gestos de solidariedade que existe entre eles demonstram esse potencial.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC
Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

NOTAS DE FIM

1 O presente texto apresenta resultados parciais de pesquisa realizada por iniciativa particular dos autores abordando o problema da ocupação ilegal no contexto urbano de Blumenau e destacando, sobretudo, o caso do loteamento Dona Edite, localizado no bairro Velha, região oeste da cidade de Blumenau/SC. Agradecemos aos moradores (as) do loteamento Dona Edite pela abertura, disponibilidade e colaboração no trabalho de coleta de informações e de recuperação da memória histórica.

2 Ver SIEBERT (2000a).

3 Rio Ribeirão Garcia, Ribeirão da Velha, Itajaí-Açú, Ribeirão Testo, Ribeirão Itoupava, Ribeirão Fortaleza, Ribeirão Fresco, entre outros.

4 Claudia Siebert trabalha nesta obra sobre a evolução e problemática urbana em Blumenau.

5 Ver SIEBERT (2000a).

6 Ver HILLENSHEIM (2000b)

7 Ver MOURA e ULTRAMERI (1996)

8 Grifos nossos: entrevista em anotações concedida no dia 26 de outubro de 2005 no Loteamento Dona Edite. A pessoa entrevistada trabalha como auxiliar de enfermagem na rede pública municipal e mora no loteamento há 11 anos.

9 Grifos nossos: entrevista em anotações concedida no dia 18 de outubro de 2005 no Loteamento Dona Edite. A entrevistada trabalha, quando tem serviço, em casa, como costureira autônoma. Há períodos do ano em que a empresa fornecedora de tecido talhado diminui muito a produção. Então fica sem trabalho. Nunca, até agora, conseguiu assinar sua carteira de trabalho. Ela comenta que para se aposentar será um problema.

10 Grifos nossos: entrevista em anotações com um catador de material reciclável realizada no dia 26 de outubro de 2005.

11 Este depoimento foi relatado por Dione Lorena Tinti em sua participação no livro "Novos Olhares Sobre Blumenau", onde escreve sobre a questão das mulheres migrantes do Loteamento Dona Edite.

12 Grifos nossos: entrevista concedida no dia 22 de Novembro de 2005 no Loteamento Dona Edite, em anotações. O entrevistado trabalha de eletricista na Eletroaço Altona. Porém, também em seu caso, para uma empresa terceirizada, pois, segundo ele, não pode trabalhar diretamente para a Eletroaço Altona, pelo motivo de não possuir estudo suficiente. Como exigido pelos sigmas que a empresa possui. (esta empresa possui 5 sigmas)

13 Idem.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

AMADO, Janaína e **FERREIRA**, Marieta de Moraes (coord.). Usos e Abusos da História Oral. Rio de Janeiro, ed. Fundação Getúlio Vargas, 1996.

CHAUÍ, Marilena de Souza. Cultura e democracia: o discurso competente e outras falas. São Paulo: Cortez, 7ª. ed., 1997.

_____. O que é ideologia. São Paulo. Brasiliense, 1980, (Col. Primeiros Passos).

_____. Convite à Filosofia. São Paulo, ed. Ática, 6ª. ed., 1997.

DEEKE, José. O Município de Blumenau e a História de seu Desenvolvimento. Blumenau, ed. Nova Letra, 1995.

GAMBOA, Silvio Ancizar Sánchez. Epistemologia da Pesquisa em Educação: Estruturas Lógicas e Tendências Metodológicas, Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas, 1987. (Tese de Doutorado).

GAULKE, Clarisse. Religião e Pobreza: Situação do Loteamento Dona Edite, Blumenau, 1996 (Trabalho de Conclusão de Curso Apresentado a Universidade Regional de Blumenau – FURB)

GIANNOTTI, Vito. O que é Estrutura Sindical. São Paulo, 3ª ed., Editora Brasiliense, 1988 (Coleção Primeiros Passos, nº. 194).

HILLESHEIM, Jaime. As lutas pela participação na gestão da cidade: uma leitura a partir das Associações de Moradores de Blumenau. In: THEIS, IvoM., Fabrício R. L. TOMIO e MATTEDI, Marcos A. (Orgs.). Novos olhares sobre Blumenau: contribuições críticas sobre seu desenvolvimento recente. Blumenau: Editora da FURB, 2000b.

HILLESHEIM, Jaime. As Associações de Moradores na Cidade de Blumenau: Expressão das Contradições Urbanas. In: **THEIS**, Ivo Marcos, **TOMIO**, Fabrício Ricardo de Lima e **MATTEDI**, Marcos Antônio. (Orgs.). Nosso passado (in) comum: contribuições para o debate sobre a história e a historiografia de Blumenau. Blumenau:Editora da FURB, 2000a.

LIBANIO, João Batista. As Lógicas da Cidade: O Impacto Sobre a Fé e Sob o Impacto da Fé. São Paulo, SP, ed. Loyola, 2001.

LUCENA, Célia Toledo. Artes de lembrar e de inventar: (re) lembranças de migrantes. São Paulo: Arte e Ciência, 1999.

MORISSAWA, Mitsue. A História da Luta pela Terra e o MST, São Paulo, ed. Expressão Popular, 2001.

MOURA, Rosa e **ULTRAMARI**, Clovis. O que é Periferia Urbana, São Paulo, ed. Brasiliense, 1996 (Coleção Primeiros Passos).

RAUBER, Jaime J. **SOARES**, Marcio (Coord.). Apresentação de trabalhos científicos: normas e orientações práticas. Passo Fundo, ed. 3ª, Ed. Universitária, UPF, 2003.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

SCHÖRNER, Ancelmo. O Arco-Íris Encoberto: Jaraguá do Sul, o trabalho e a história: operários, colonos-operários e faccionistas, Joinville, SC; ed. Oficina Comunicações, 2000.

SIEBERT, Cláudia. A evolução urbana de Blumenau: a cidade se forma (1850-1938). In: THEIS, Ivo Marcos, TOMIO, Fabrício Ricardo de Lima e MATTEDI, Marcos Antônio. (Orgs.). Nosso passado (in) comum: contribuições para o debate sobre a história e a historiografia de Blumenau. Blumenau: Editora da FURB, 2000a.

SIEBERT, Cláudia. Blumenau fim de século: o (des) controle urbanístico e a exclusão sócio-espacial. In: THEIS, Ivo M., Fabrício R. L. TOMIO e MATTEDI, Marcos A. (Orgs.). Novos olhares sobre Blumenau: contribuições críticas sobre seu desenvolvimento recente. Blumenau: Editora da FURB, 2000b.

TOMIO, Fabrício Ricardo de Lima, Representação de Interesses do Empresariado Blumenauense – Um Exame da Dinâmica das Relações Estado/Sociedade Através da Atuação da ACIB e do SINTEX nas Décadas de 80 e 90, In: **THEIS**, Ivo M., Fabrício R. L. **TOMIO** e **MATTEDI**, Marcos A. (Orgs.). Novos olhares sobre Blumenau: contribuições críticas sobre seu desenvolvimento recente. Blumenau: Editora da FURB, 2000b.

TOMIO, Fabrício Ricardo de Lima. Breve História da Burguesia Industrial Têxtil Blumenauense. In: THEIS, Ivo Marcos, TOMIO, Fabrício Ricardo de Lima e MATTEDI, Marcos Antônio. (Orgs.). Nosso passado (in) comum: contribuições para o debate sobre a história e a historiografia de Blumenau. Blumenau: Editora da FURB, 2000a.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Imigração e Globalização

*Márcia Fagundes Barbosa**

Artigos

Trabalhar com as cartas e narrativas dos imigrantes alemães a partir do século XIX é entrar em contato com os discursos que fazem parte do processo de globalização mundial em andamento desde a conquista da América em 1492. O deslocamento de grandes massas populacionais gera a circulação de capital, de cultura, de imaginários nacionais, que em contato com a diferença, afirmam um novo tempo e um novo espaço.

Nestor Garcia Canclini situa a globalização na segunda metade do século XX, definindo as fases anteriores, a internacionalização e a transnacionalização, como processos preparatórios para o evento.[1] Concentrarei minha abordagem nesse primeiro momento, no qual se insere a fase das migrações. *A internacionalização*, portanto, é provocada pelas navegações transatlânticas, pela abertura comercial da Europa para o Oriente e a América Latina e, finalmente, pela colonização. É o momento de formação do mercado mundial, o qual é constituído pelas narrativas dos Antropólogos, comerciantes e imigrantes a partir de um lugar distante.

* Mestre em Literatura pela UFSC. Doutoranda em Teoria Literária pela mesma universidade.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Nesse momento, as informações que circulavam ainda estavam restringidas às sociedades e etnias bem delimitadas.[2]

As correspondências entre os imigrantes alemães e os parentes e amigos deixados na Alemanha estabelecem um fluxo de informações sobre os novos locais e as novas relações sociais e econômicas. Por isso, minha abordagem sobre o processo de globalização estará centrada nessas narrativas de vidas em outro lugar, as quais aproximam e multiplicam diferenças, diversificam culturas e pluralizam identidades. No caso das correspondências, a família é o principal elo de ligação entre os dois lugares, como rede e local de memória.

A carta de Phillip Bauer, filho de imigrantes, demonstra o quanto através do núcleo familiar as relações se estendem e conectam-se numa tentativa de recuperar a ruptura de uma origem imaginada.

> Querido tio, eu só conheço vocês por nome, pelas narrativas dos meus pais, e o senhor também ainda nunca me viu. Eu nasci aqui no Brasil e me chamo Phillip e sou um filho da irmã de vocês, Elisabeth. Meu desejo é também poder ainda ver vocês aí na linda Alemanha. Eu estou agora com trinta e cinco anos. Eu também tenho um irmão mais novo Julius, nós somos vizinhos, nossas terras localizam-se uma do lado da outra. Nós moramos a meia hora de distância dos meus pais. (...) Nós conversamos muito sobre vocês e quando meu pai está conosco na nossa rosse[3], então ele sempre deseja nossos troncos junto ao de vocês, ele fala assim: então seriam meus jovens ricos o suficiente.[4]

Vemos nessa passagem, a família e a Pátria como os fenômenos que dão continuidade e sustento para uma idéia de nação homogênea e horizontal, a qual não existe mais, ou mesmo nunca existiu. É, no entanto, nesse contato transatlântico no núcleo da família que os movimentos desruptivos de identidade, próprios da descontinuidade da migração, têm seus efeitos reais. Phillip Bauer incorpora a imagem da diferença, do contato com o novo, que se reitera na dupla inscrição cultural. O movimento migratório, como afirma Hall em relação à globalização cultural, afrouxa os laços entre cultura e lugar. A cultura nesse caso segue um processo de repetição-com-diferença, ou de reciprocidade-sem-começo[5], no surgimento de um nacionalismo desterritorializado, calcado na memória e na tradição. Para tratar da temporalidade disjuntiva da nação como contra-narrativa que desestrutura as fronteiras totalizadoras, Homi Bhabha traz a idéia do pedagógico e do performativo.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

> Na produção da nação como narração ocorre uma cisão entre a temporalidade continuísta, cumulativa, do pedagógico e a estratégia repetitiva, recorrente, do performativo. (...) O pedagógico funda sua autoridade narrativa em uma tradição do povo... que representa uma eternidade produzida por *autogeração*. O performativo intervém na soberania da autogeração da nação ao lançar uma sombra *entre* o povo como "imagem" e sua significação como signo diferenciador do Eu, distinto do Outro ou do Exterior.[6]

Assim, o movimento migratório desestabiliza a produção do nacional, enquanto continuidade, para produzir uma nova temporalidade permeada pela diferença. Nesse sentido, o discurso cultural se dá na ambivalência discursiva entre a retórica do pedagógico e a reação do performativo. Outra passagem da carta de Phillip Bauer mostra como se estabelecem essas relações entre continuidade e disjuntura temporais.

> Queridos amigos, aqui é bem diferente daí com vocês! Nós temos que conversar nós mesmos com nosso pastor. Nossa sociedade em Isabela ainda é muito pequena e claro que o pastor tem viagens todos os anos para fazer, o que às vezes dura três semanas até ele voltar, pois aqui os evangélicos moram muito longe uns dos outros. Aqui não tem carro a vapor como aí com vocês. Aonde meu irmão mora tem dez famílias que eles próprios construíram uma escola e isso é bom, sobretudo, para que a germanidade não morra. As escolas brasileiras estão agora dispostas em todos os lugares nas colônias alemãs. Os professores são pagos pelo governo.[6]

Percebemos aqui vários elementos de transculturação, de tradução cultural. Ao mesmo tempo em que Phillp Bauer nunca teve contato com o território alemão, fala deste com autoridade de conhecimento, adquirido pelo núcleo da família e da sociedade através da "memória cultural". Portanto, uma narrativa centrada na nação, mas uma nação desterritorializada que abrange uma perspectiva dupla de pertencimento. A escola e a religião funcionam nesse sistema de representação como elementos de auto-conservação da germanidade. Porém, o surgimento das escolas brasileiras nas comunidades de imigração desestabiliza um processo de continuidade totalizadora do cultural. Processo esse que já sofreu rasuras pelas intervenções do deslocamento histórico e territorial.

As transferências de informações, de pessoas, de objetos, de dinheiro, enfim de cultura entre a Europa e a América produzem um novo espaço e um novo tempo. Canclini afirma que esse fluxo transnacional de informa-

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

ções e dinheiro amplia o horizonte de cada cultura nacional, quando os rituais compartilhados flexibilizam fronteiras.[7] A carta de Wilhelm Müller[8] à sua mãe conta como as relações sociais e comerciais estavam estabelecidas na capital de Santa Catarina em 1885 com a participação dos imigrantes alemães.

> Desterro é a capital da Província de Santa Catarina. Conta com cerca de 5000 habitantes, a maioria brasileiros, porém também com alemães suficientes para terem sua própria vida social, seus próprios clubes, etc. Nas mãos dos alemães encontra-se toda a importação da Província bem como parte da importação da Província vizinha. [8]

Vemos aqui a reconfiguração do local através de atividades comerciais impulsionadas pelos imigrantes. Essa narrativa de Wilhelm Muller é particularmente interessante, pois ele não era um imigrante, mas estava no país de passagem. Sua experiência, portanto, é parte do processo de internacionalização, o qual através do desenvolvimento das companhias de navegação permitiu um maior fluxo de informações e de pessoas entre os lugares. Segundo Canclini, para tratar dos processos globalizadores "deve-se falar de gente que migra ou viaja, que não vive onde nasceu, que troca bens e mensagens com pessoas distantes... que conta histórias em grupo sobre o país que deixou". Enfim, é pensar na globalização partindo de vidas em outro lugar. Aborda o processo íntimo da globalização, revelado através dos relatos, como elemento fundamental para o entendimento do contatos interculturais.[9]

A carta de Franz Sallentien, assim como todas as outras cartas já mencionadas nesse estudo, traz exemplos desse contato íntimo, mas também nos dá a dimensão da existência pública. Os meios de comunicação, nesse caso os navios, são determinantes para processo intercultural.

> (...) quando eu queria entrar em mais detalhes, veio o Gaertner com a notícia de que o navio, cuja partida esperávamos que demorasse mais alguns dias, iria zarpar ainda naquela noite. Vocês precisam pois nos desculpar porque as notícias que envio agora são curtas; eu ainda preciso acertar assuntos de negócio com o Gaertner, de forma que hoje não posso mais pensar em escrever. Permitam que o Gaertner lhes conte intensa e detalhadamente tudo. Por intermédio dele envio algumas lembranças que peço aceitar carinhosamente e repartir entre vocês. Infelizmente não posso mandar tudo

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

> agora; assim seguem algumas pequenas lembranças doces do Brasil que vocês devem degustar, pensando em mim.[10]

Para o envio de cartas, presentes ou notícias havia sempre uma pessoa intermediária que entrava em contato pessoalmente com a família e amigos na Alemanha. Isso fica claro em todas as correspondências. "Logo que Mathias Schmitz voltou de sua viagem da Alemanha, fomos até ele para receber a carta de vocês do dia 18 de agosto de 1874. Mathias Schmitz nos contou o que ele conversou com vocês pessoalmente e que vocês certamente estariam logo conosco".[11] Essa prática manifesta contatos mais "concretos" entre as vivências contraditórias da interculturalidade. A estrutura de conexão entre as localidades centrava-se exclusivamente no suporte humano e no tempo compatível a ele.

Não se pode deixar de pensar o processo global como um empreendimento que aproxima as diferenças, mas que também gera desigualdades. O confroto de forças contraditórias homogeinizadoras gera relações assimétricas de poder. Os imigrantes alemães, deslocados no século XIX para o sul do Brasil, encontram num primeiro período uma política favorável para esse movimento. A extinção do tráfico de escravos africanos, iniciado por volta de 1850, e a política incentivadora de imigração européia são forças comuns da elite brasileira em "branquear" o país. O imigrante europeu, portanto, era considerado o ideal para a formação de uma nação branca, de civilização ocidental e economia capitalista. Essas aspirações iam ao encontro do discurso científico baseado numa idéia racista de evolução da espécie humana. Nesse contexto, portanto, os encontros interculturais entre os alemães e a população local (negros, índios e cablocos) gera relações assimétricas de poder cultural, nas quais o olhar do sujeito branco sobre o outro do novo continente é construído partir de preconceitos e discriminações. A imagem de um povo retrógrado e indolente legitima o vínculo europeu como necessário para o melhoramento das raças e o povoamento dos territórios. Dr. Hermann Otto Blumenau, entre outros intelectuais, realiza algumas publicações na Alemanha sobre o Brasil com o propósito de promover a emigração. São esses textos, portanto, que inauguram um olhar estrangeiro sobre essa região.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

> O brasileiro por ser uma mistura de raças, demonstra em seu caráter uma grande indolência, preguiça, sensualidade, sofre impetuosa paixão e irascibilidade, característica dos povos de países tropicais, como também gosta de enganar no comércio, tanto como o norte-americano, possuindo talento para esta arte.[12]

A difusão transatlântica de um mundo não europeu, a partir de perspectivas européias, consolida a reinvenção da América para o resto do mundo e, mais tarde, para a própria América. Sessenta e três anos após a publicação do livro de Dr. Blumenau, já iniciado um processo de nacionalização, vemos ainda a visão civilizadora da cultura germânica. Dr. Egas Moniz Barreto de Aragão[13], envia uma carta para publicação no jornal de Blumenau Urwaldsbote em 1913.

> Por ocasião do terceiro Congresso Brasileiro de Instrução Primária e Secundária, tive o ensejo de apresentar uma memória intitulada: "A língua alemã como elemento indispensável à cultura geral". Esta memória, conscienciosamente documentada, mereceu a aprovação unânime da Terceira Comissão e os mais francos elogios do relator, Dr. J. Gustavo dos Santos. (...) Não sei o que seja a língua brasileira, a não ser o tupi. Tive ímpetos de lembrar ao fogoso orador que a verdadeira língua nacional seria neste caso, uma mixórdia de português, tupy e africano. Sendo a maioria dos atuais brasileiros o produto da fusão do lusitano, do negro e do caboclo(...)[14]

Percebe-se como o discurso da supremacia cultural européia está incorporado no discurso da elite intelectual brasileira. Portanto, o confronto das diferenças de forma incompatível é gerado pela processo de globalização, o qual reconfigura locais e subjetividades. O encontro intercultural entre Europa e América Latina dá continuidade a histórica relações de hierarquia na forma de lidar com as diferenças. Como reflete Canclini, "continuamos vendo a civilização européia como fonte de racionalidade e... da inovação que, em suma, melhora e amplia a modernidade".[15]

As correspondências dos imigrantes alemães, portanto, revelam o encontro e a disputa de diferentes forças e valores que no espaço contraditório da alteridade, resignificou e reinventou uma totalidade possível (reformada), com a qual articulamos nossa identidade até hoje.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

NOTAS DE FIM

1 CANCLNI, Nestor Garcia. ***A Globalização imaginada***. Trad. Sérgio Molina, São Paulo: Ed. Iluminuras Ltda, 2003. p. 41

2 Idem, *op. cit.* p. 42

3 Phillip Bauer ao redigir a carta usa a palavra "rosse" para se referir à roça. A palavra correspondente em Alemão seria "Feld".

4 BAUER, Phillip. Carta aos Tios. Santa Isabela, 20 de julho de 1889. (traduzida por mim). Acervo particular de Toni Vidal.

5 HALL, Stuart. Pensando na diáspora: reflexões sobre a terra no exterior. In: _ Da diáspora: identidades e mediações culturais. Organização Liv Sovik, Belo Horizonte: Editora UFMG/ Brasília: Unesco, 2003. p. 36-7

6 BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Trad. Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001. p.207-9

6 BAUER, *op. cit.*

7 CANCLINI, *op. cit.* p. 51

8 Cristian Gustav Wilhelm Muller era irmão de Fritz Muller por parte de pai. Doutor em biologia veio para o Brasil fazer um estágio de 2 anos junto a seu irmão na área de zoologia.

8 MÜLLER, Wilhelm. Carta à Shophie Agnes (1885). Trad. Cezar Zillig. In: *Blumenau em Cadernos.* – TOMO XI – n. 7 – Julho – 1999. p. 9

9 CANCLINI, *op. cit.* p. 46

10 SALLENTIEN, *op. cit.* p. 47

11 BAUER, Georg Friedric. Carta ao irmão e cunhados. Santa Isabel, 24 de abril de 1876. Traduzida por mim. Acervo particular de Toni Vidal.

12 BLUMENAU, Hermann. O sul do Brasil e suas referências à emigração e colonização alemã. In: *Um alemão nos trópicos: Dr. Blumenau e a política Colonizadora no sul do Brasil.* Organização: Cristina Ferreira, Sueli Maria Vanzuita Petry; Tradução Curt Willy Hennings, Annemarie Fouquet Schünke. Blumenau: Cultura em Movimento: Instituto Blumenau 150 anos, 1999. P. 53

13 Dr. Egas Moniz B. de Aragão, médico e professor da Faculdade de Medicina da Bahia e do Ginásio Estadual, era um defensor da cultura germânica e considerado jornalista combativo e incentivador do *Volksverein*, Associação Popular de cunho político e ideológico, surgida em Blumenau no ano de 1901.

14 DE ARAGÃO, Egas Moniz Barreto. Carta da Bahia enviada ao Urwaldsbote de Blumenau. In: *Blumenau em Cadernos* – Tomo XLI – n. 2 – fevereiro – 2000. p. 11-2

15 CANCLINI, *op. cit.* p. 83.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Lembranças do Hotel Restaurante Delphy

Dr. Walmor Erwin Belz[1]

Memórias

No número 773 da Rua 15 de Novembro estava localizado o Hotel Delphy com o seu famoso restaurante, na década de 40 a 60 . Este local foi o centro de encontro da juventude de Blumenau. Em seu lugar, hoje está erguido o Shopping Hering. Ah! Delphy das boas recordações!

Paramos de escrever e ficamos a nos lembrar daqueles tempos: Minha mãe, Dona Fina[2] , a excepcional cozinheira. Hoje seria uma "Grand Maitre". Quem não a conheceu! O Sr. Erwin Belz, gentil homem; e hoje, nosso famoso Maitre Ignácio Thiago, do Tabajara; e a inestimável Maria, com seus pastéis vespertinos.

Lá atrás do caramanchão que protegia a entrada do hotel com seu longo banco de madeira, era onde a juventude da época fazia seus encontros. Discutiam seus problemas, avaliavam os filmes do Cine Busch, combinavam os bailes, as tardes dançantes, o futebol, falavam de literatura, planejavam seus fins de semana e, naturalmente, a temporada de verão nas praias.

BLUMENAU em Cadernos

1 Emérito da Academia Catarinense de Medicina

2 Delphina Belz

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Domingo à noite, acontecia o tradicional "footing" da Rua 15 de Novembro, de 19 às 22 horas, com cineminha ao ar livre, gratuito. O problema dos namoros, a ansiedade conflitual da juventude de então, as fofocas.

Dona Fina, a matriarca, com seus conselhos era o repositório das aflições, aconselhava e orientava os jovens em suas dificuldades e até fazia às vezes de banco, emprestando o dinheiro para pagar colégio aos menos prevenidos com seus parcos recursos. Alimentava a turma, sem muitas vezes cobrar.

Após os bailes, a turma reunia-se no hotel para degustar as coxas de galinha e outros quitutes. O grupo formado por Eunildo Lázaro Rebelo, Massita[3], Alcides Machado, Guinther Oste, Nagel Milton Marinho, Ladislau Rusovski e a "Jeunesse Doré" da época: Nelly Roseck , Brigitte Bernardes, Marily Deeke, Tita[4], Adelgunte Groebel, Crista Jensen Bauer, Guinha[5], Edite Poerner, mais tarde Tuti[6], Pacheco[7], Horácio Santos Rebelo, Edir Reinert Rozeck, e outros que me falha a memória.

Freqüentavam também o restaurante, como pensionistas, o grupo de futebol como: Nicolau, Testinha, Renê, campeões Estaduais do Olímpico em 1949. Também funcionários do Banco do Brasil como Eimar Heinecke, Paulo Emílio, Ernesto Meyer, Eutraclídio dos Santos, Raul B. Lima, Elmar e Camilo. Havia também muitos estudantes de outras cidades, viajantes ilustres e executivos da época.

Banquetes eram realizados para festejos de vitória no âmbito do futebol, quer vencesse o Grêmio Esportivo Olímpico ou o Palmeiras Futebol Clube, arqui-rivais, embora nossa família pertencesse ao Olímpico.

Foi realmente uma época em que a sociedade desfrutava de um restaurante sem igual, onde as divergências políticas, sociais, empresariais, futebolísticas e até filosóficas eram discutidas com alto sentido de fraternidade.

3 Dr. Moacir Werner
4 Ilka Maria Reinert Siqueira
5 Walmira Belz
6 Waldiria Belz Pacheco
7 Antonio Pacheco

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

À tarde, reuniam-se para o famoso café com pastéis, os Steinbach e outros comerciantes da vizinhança. Os Grande e os Longo também.

Hoje, cada um segue seu caminho, e todos que lerem estas notas hão de lembrar-se daquela época, com carinho e saudade, maravilhados com o carinho que receberam da Dona Fina e do Sr. Erwin, que, certamente, do alto e serenamente, no regaço do Senhor, olham por todos.

Foto: Rua 15 de Novembro, com vista do Delphy Hotel e Restaurante.
Desfile do Centenário de Blumenau

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Com automóvel e câmera rumo às Cataratas do Iguaçu

Dr. Heinrich Christian Zimmermann[1]

Memórias

O texto que se intitula *"Com automóvel e câmera rumo às cataratas do Iguaçu"*, é o resultado das lembranças, observações e registros feitos pelo alemão Dr. Heinrich Christian Zimmermann, o qual, acompanhado da filha Hanne Julia Zimmermann, noiva na época do jovem médico Dr. Carlos Gofferjé, realizaram, no ano de 1949, uma viagem de recreio ao Paraguai. Constituída de uma verdadeira odisséia, o relato de viagem foi escrito pelo Dr. Zimmermann.

Os originais manuscritos em língua alemã encontram-se em poder da família Gofferjé. O trabalho de tradução coube ao colaborador da revista, o médico Dr. Cezar Zillig. Desta forma, foi possível trazer para os leitores a viagem realizada por estes três personagens. Para identificar o autor do texto, a filha Hanne Gofferjé incluiu dados biográficos referentes ao Dr. Heinrich Christian Zimmermann. Eis o texto:

O Dr. Heinrich Christian Zimmermann nasceu em 20 de abril de 1888, filho do casal Hartmann e Julie, viúva de Wagner, em Kassel, Alemanha. Concluída a escola secundária, ele estudou odontologia em Berlim e Hamburgo. Finalizou seu curso

BLUMENAU em Cadernos

[1] O autor é alemão. Formou-se em Odontologia. A tradução do texto é um trabalho do Dr. Cezar Zillig.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

com distinção, para com 20 anos se dedicar à sua profissão.

Sua primeira atuação foi em Oldenburg e posteriormente em Berlim. Inscreveu-se para exercer o cargo de assistente em odontologia na Batávia, nas Índias Holandesas para o período de dois anos. Ao retornar à Alemanha, transferiu-se para a Iugoslávia, onde conheceu Kaethe Hofmann, que mais tarde veio a ser sua esposa. Trabalhou em Zagreb, mas devido ao início da Primeira Guerra Mundial (1914), teve que interromper sua carreira para ser engajado como soldado e seguir mobilizado como dentista num lazareto de guerra, na França.

Com o término da guerra, Dr. Zimmermann retornou para a Iugoslávia para desposar a jovem noiva que o aguardava. O casal emigrou para os EUA (Detroit). Para praticar a profissão, submeteu-se a um novo exame. Seguindo sugestão de um amigo, emigrou em 1924, da América do Norte para o Brasil. Primeiramente em Joinville, onde atuou até 1933, transferindo-se depois para Blumenau, onde fixou sua definitiva residência.

Aqui, após exercer a profissão por um período de 31 anos, aposentou-se (1964), para se entregar à merecida aposentadoria aos 76 anos. A sua dedicação na área da odontologia totalizou 56 anos. Em 13 de junho de 1974, aos 82 anos, faleceu a esposa. Ele sobreviveu 13 anos depois. Em 31 de agosto de 1987, faleceu com 99 anos e 4 meses e 10 dias.

Desfrutou de uma saúde física e intelectual relativamente boa até pouco antes de sua morte. Deixou duas filhas: Margot Elisabeth, casada com o Sr. Walter Kaese; e Hanne Julia, casada com Dr. Carlos Gofferjé; cinco netos e seis bisnetos. Dr. Heinrich Zimmermann amealhou aqui em Blumenau, graças a seu *Leutseligen Geselligkeit* e sua permanente disposição para ajudar, o respeito e a amizade de seus concidadãos.

Vamos então ao relato de viagem:

"Com automóvel e câmera rumo às Cataratas do Iguaçu"

"Quando Deus pretende de fato demonstrar sua graça a alguém
Ele então encaminha-o para o imenso mundo
Apontando-lhe suas maravilhas
Em montanhas e vales, em bosques e campos".

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Quando nós, ou seja, eu e meus jovens amigos, em 13 de julho de 1949, embarcamos em Blumenau no auto que deveria nos conduzir por quase 2000 km através de terras brasileiras, os corações dispararam. Um planejamento de meses iria se tornar realidade, visitar as mais lindas cataratas do mundo, seguindo por terra em estradas secundárias, evitando as habituais vias de trânsito. Após tomar as últimas providências e abastecimentos em Curitiba e acondicionada a barraca cedida pelo Museu Paranaense, deixamos Curitiba às 9 da manhã de 15 de julho. Seguindo por Ponta Grossa, Imbituba e Prudentópolis alcançou-se Guarapuava, onde estava previsto o pernoite. Quando logo após o jantar, às 7h30min da noite no "Bretter Hotel", em Guarapuava, uma robusta pulga pulou da toalha de mesa em um de nossos amigos, nos assaltou uma desconfiança. Um simples olhar no assim chamado "quarto" foi suficiente para optarmos por seguir viagem durante a noite mesmo. Ainda estávamos muito exigentes; posteriormente nossos conceitos se tornaram mais modestos.

À meia-noite, acampamos pela primeira vez em Rio Cavernoso. Justamente quando estávamos com tudo montado, principiou a chover, e embora mortos de cansados, estávamos felizes por podermos nos enfiar sob nossas cobertas. Na manhã seguinte, quando desmontamos a barraca, constatamos que nosso acampamento era almofadado por pontudos seixos, o que correspondia com o que sentíamos em certas partes do corpo; mas, escapamos do "Hotel das Pulgas". Pelas sete da manhã, atravessamos o rio numa balsa. Caía uma fina chuva e as estradas de lama principiavam a se tornar lisas como sabão.

Passamos por dentro do rio Canta-Galo, uma vez que ali não existia balsa. A estrada se tornava cada vez pior e montanhosa, o carro trepava sobre blocos de rocha e atolava-se na lama. Para aliviar o motor nas subidas íngremes, seguíamos alguns trechos a pé. Na estrada, que mais parecia um leito de rio lavado e muito inclinada, pouco antes de Vila Virmond, tivemos uma pane na bomba de óleo do freio e nossos jovens amigos necessitaram de duas horas para fazer o conserto em meio à densa lama vermelha.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Dificuldades no percurso rumo às Cataratas do Iguaçu - Passagem pelo rio "Canta-galo" - 1949

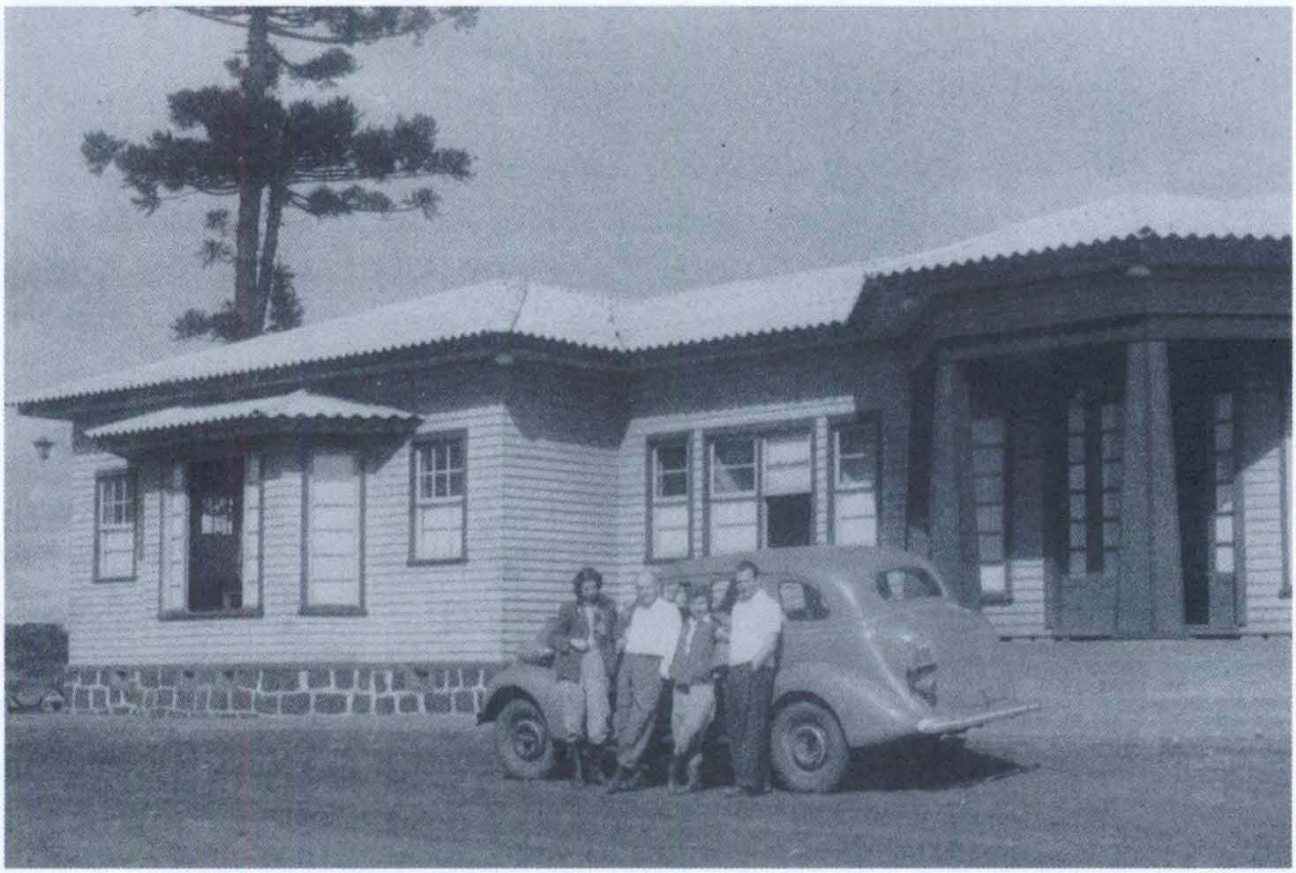
Felizmente, residiam no vale colonos poloneses, onde pudemos nos lavar. Uma Sra. trouxe café quente e nós tínhamos nossas provisões depois retomamos a viagem revigorados.

Tendo passado o rio Tapera, que é intransponível por ocasião de enchentes, chegamos em Laranjeiras no final da tarde. Através de um decreto do Presidente Getúlio Vargas, este lugar foi declarado capital do Território Iguaçu e recebeu o nome de Iguaçu. Com dispêndio de elevadas somas construíram-se aqui um moderno quartel, hotel, instalações administrativas e residências para funcionários. Hoje, o lugar se chama novamente Laranjeiras. Foz do Iguaçu segue sendo a capital desta infinita região, as construções estão abandonadas e em ruínas. O lugar inteiro dava a impressão de uma cidade de mineradores de ouro abandonada, como se vê freqüentemente no cinema. O hotel, com salas para bailes, jogos e restaurantes, na parede um grande espelho e um quadro do general Dutra, que devia estar se perguntando como os seus antecessores investiram tão mal os recursos do povo. O hotel foi arrendado pelo governo e, como tudo o mais, consagrado ao apodrecimento. Se não fosse por uma grande serraria e

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

este acampamento de fim de mundo, não se encontraria mais pessoa alguma, exceto índios de uma aldeia das proximidades.



Um registro fotográfico em frente ao Hotel em Laranjeiras - 1949.

Na manhã de domingo, o tempo se apresentou limpo e ousou-se seguir viagem. À uma e meia da tarde deixamos Laranjeiras e tomamos a "Estrada Estratégica", a qual era primorosa, mas que infelizmente não assegurou nossa alegria por muito tempo, pois a mesma só estava pronta em alguns pontos. Esta via estratégica se encontrava em construção há seis anos, nós acabamos por conhecer todas as suas malácias, se bem que involuntariamente, uma vez que nos perdemos neste labirinto durante o dia e durante a noite.

Depois que nosso chofer dirigiu quase ininterruptamente das 13h30min até às 4h da manhã, quando ele literalmente desabou, decidiu-se por dormir no carro, apesar da gélida noite.

Às 6h da manhã de segunda-feira, prosseguimos a viagem, alcançando-se Foz do Iguaçu às 8h15min, completando-se três dias exatos de viagem. Encontramos um hotel de primeira classe, onde pudemos nos banhar

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

e voltar a dormir numa cama! Na hora do almoço de segunda-feira, visitamos o Padre Martinho Seitz, a quem fomos recomendados e onde fomos recepcionados da forma mais amistosa e imediatamente nos pusemos a elaborar o programa de prosseguimento da viagem. Como a lancha que sobe o Paraná até Porto Mendes só parte na terça cedo, aproveitamos a oportunidade para ir até Guaíra, ou seja, "Sete Quedas". Padre Martinho nos acompanhou até Porto Santa Helena, onde ele tinha um compromisso funcional, e com isto estávamos em boa companhia.

Estava um frio de rachar, quando deixamos, pela manhã, Foz do Iguaçu. Uma densa neblina pairava sobre o rio Paraná. Alguns soldados, uns "sertanejos" e um homem sinistro, enorme, com um olhar perscrutador que inspirava pouca confiança, eram os passageiros. Padre Martinho nos informou que adentramos em regiões onde a vida das pessoas vale muito pouco, fato corroborado pelo brilho do cano niquelado do revólver na cinta do nosso vizinho. Percebemos que nosso barco seguia em ziguezague e que o pequeno motor diesel trabalhava pesado; quando a neblina se dispersou, vimos como era violenta a correnteza. Como necessitamos de dois dias para subir 120km de rio, deu para se avaliar que correntezas tínhamos que vencer. O rio, através de sua colossal correnteza e de seus turbilhões selvagens, que freqüentemente constituem vales, não permitem que o Paraná corra numa única direção. A superfície da água freqüentemente sai do nível, formando verdadeiros degraus, fazendo com que a navegação seja muito penosa.

O Paraná consta como o quinto maior rio do mundo, com seus 4.390km de comprimento, dos quais 1.871 km correm em terras brasileiras. Após ter formado a Ilha Grande (Alto Paraná), ele reúne seus dois braços numa largura de 5km. Profundidades de 30 até 250 metros foram medidas. Corre sobre o leito escarpado e talhado em rocha, o que explica os muitos e furiosos redemoinhos.

O segmento inferior separa Brasil e Paraguai, cujo direito de ser navegado por Argentina, Paraguai e Brasil foi determinado por sentença judicial.

Como o rio em alguns lugares é muito estreito, floresce ali o banditismo. Bandos inteiros vêm do Paraguai e assaltam os poucos povoados do lado brasileiro. A floresta infinita de ambos os lados torna qualquer perseguição impossível. Estes "Sertões do Iguaçu" constituem uma região muito espe-

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

cial e os pesquisadores viajantes a tem descrito como uma espécie de "Amazônia". Para os brasileiros, até há pouco, estes fins de mundo, estas selvas, eram totalmente desconhecidos como se elas não fossem um pedaço do Brasil. Na realidade, nestes locais denominados de "portos", onde o nosso barco fez paradas, se escutava mais o guarani, a língua indígena e o espanhol do que o português. Nos diversos atracadouros reconhecíveis por uma mera clareira, nas margens ou um banco de areia, o nosso barco aportava quando chamado por alguém que desejava embarcar.

Aportamos à tardinha em um dos tais portos, "Porto Santa Helena". Durante a viagem, tivemos oportunidade de conhecer melhor os nossos companheiros de viagem, especialmente o portador do enorme e reluzente revólver e um chapeuzinho de palha para criança no alto da cabeça. Resultou que o Sr. Oscar se revelou sendo descendente de alemães, tinha uma grande propriedade florestal nas proximidades de Santa Helena que ele estava derrubando e cujos troncos eram levados rio acima. Ele era tido como um homem muito rico, seu impecável alemão surpreendeu e, naturalmente, o entendimento entre nós se estabeleceu de imediato. O Senhor Oscar nos prometeu pernoite em Santa Helena e desta forma sapateamos os mais de 100 metros talude acima em companhia do Padre Martinho e do já mencionado gigante, que se revelou prestativo no transporte de nossa bagagem que, por precaução, resolvemos não deixar no barco.

A "cidade portuária" Santa Helena se compunha de uma casa de madeira mambembe, um chiqueiro e um galinheiro. Na casa de madeira, se localizava a venda que supria os madeireiros com mantimentos onde a "Paraguaita", a cachaça dos sertões, representava um grande papel.

Ao chegarmos, a venda estava cheia de figuras duvidosas e perguntamos, um tanto desconfiados, ao padre que estava para nos deixar e seguir para o interior com o Senhor Oscar, se não seria preferível voltarmos e dormirmos no barco.

Nós seríamos agradavelmente surpreendidos!! Senhor Rosário, o proprietário da venda, e sua família nos colocaram suas camas à nossa disposição e assim os dois jovens e eu pudemos curtir os colchões "Vales e montanhas", enquanto que os jovens da casa tiveram que dormir sobre o balcão, ignorando o cheiro de fumo e cebolas. No sertão, ainda vigorava o sagrado direito do hóspede, e no interior de sua casa o proprietário, em caso de um

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

assalto, protegeria seu hóspede e seus pertences.

Nosso "sinistro gigante" também pernoitou na mesma casa e dele ouvimos que ele viajava rio acima diversas vezes no ano para fazer negócios com a madeira, tratar de concessões de terras e tarefas do gênero para resolver. Freqüentemente, ele penetrava nas florestas mais recônditas e em regiões perigosas, mas afirmou que suas melhores armas ainda eram os seus punhos que eram mais temíveis que um revólver. Quando mais tarde ele nos estendeu a mão para se despedir, não duvidamos da veracidade de suas palavras!

À noite ainda, ao sentarmos juntos, se comentou de um assalto ocorrido há dois dias acima de Santa Helena, praticado por bandidos paraguaios. O proprietário da mata (Madeireiro) liquidou, com tiros na cabeça, dois dos sujeitos; com isto se estabeleceu um verdadeiro tiroteio. A família e o madeireiro, gravemente ferido, puderam salvar-se, fugindo para a mata. Numa área de 350Km² moravam ali, segundo dados oficiais, 600 pessoas.

Para que não suspeitem que conto histórias de horror, traduzo livremente a seguir o relato de Cesar Martínez, que viajou pelos "Sertões do Iguaçu". Porto Santa Helena: o lugar era triste, chicoteado pelo vento que uivava nas árvores gigantes e freqüentemente soava como um gemido nesta infinita solidão. Tínhamos pago um policial que deveria ficar aqui como um guarda. Eram seis horas da tarde, as sombras de nosso barco se projetavam sobre as águas do demoníaco rio Paraná e fazíamos preparativos para a partida para a Foz do Iguaçu. O policial bem armado, que além de tudo era um homem forte e grande, já caiu em grande prostração antecipadamente. Quando ele viu os amigos se afastando, principiou a gritar como se fora perseguido, rolou a íngreme ribanceira abaixo, ajoelhou-se na margem implorando em nome de todos os santos para que o mestre do barco não o abandonasse ali neste inferno verde. Palavras de Cesar Martínez.

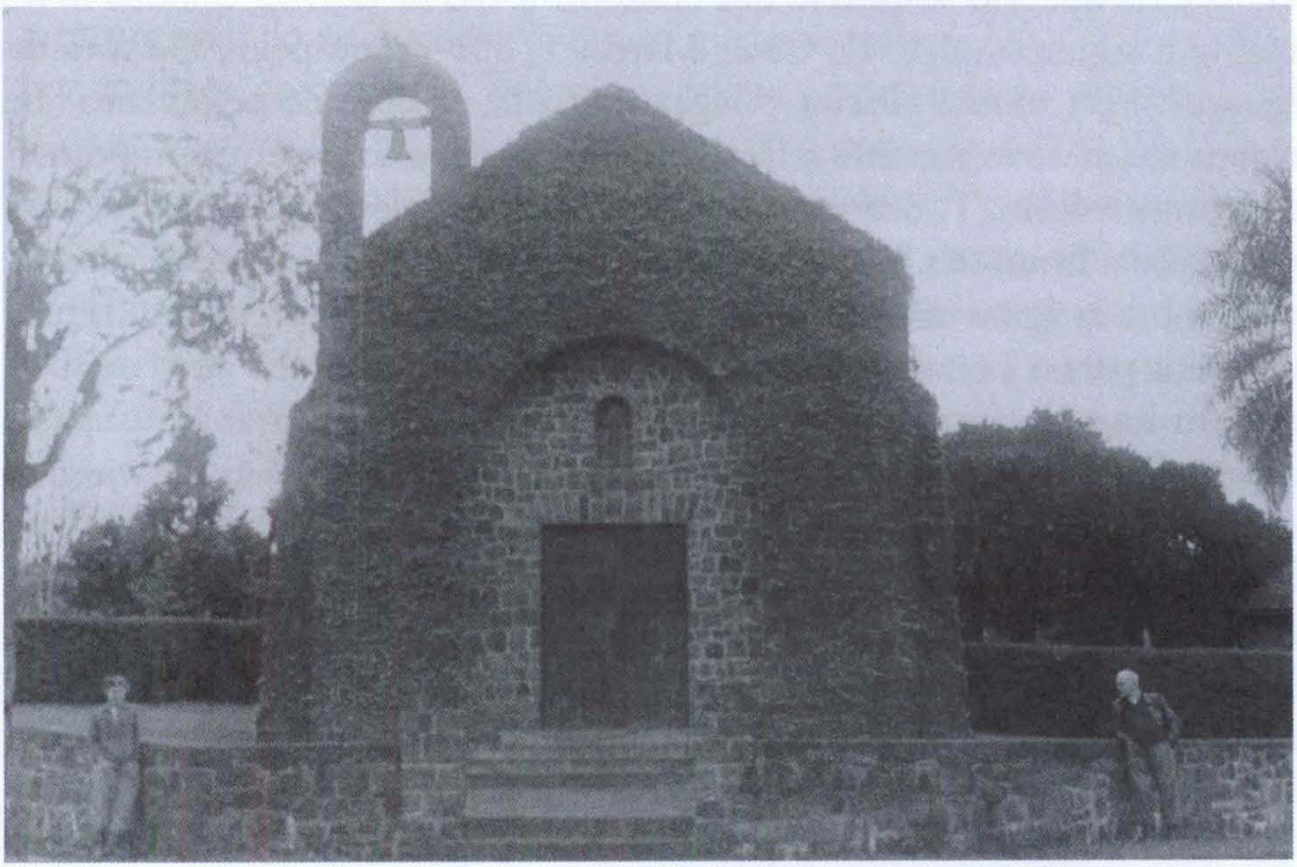
Na manhã de 20 de julho, às 6h, nossa viagem prosseguiu, e à tarde alcançamos Porto Mendes. Este pequeno porto foi instalado pela Cia. Mate Laranjeiras S.A.. Esta sociedade era constituída por argentinos, ingleses e brasileiros, dispunha de um capital de muitos milhões e era tida como uma das companhias mais influentes da América do Sul. Suas matas e plantações de mate ocupavam uma gigantesca área, as quais foram caracterizadas como propriedade estrangeira e desapropriadas pelo governo brasileiro há

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

cerca de dois anos e imediatamente arrendadas novamente à própria empresa. A firma possuía em Porto Mendes uma ferrovia que transportava madeira e mate de Guaíra, uma vez que de Porto Mendes até as cachoeiras de "Sete Quedas" o rio não é mais navegável. Nós utilizamos desta ferrovia e chegamos bem chacoalhados e cansados em Guaíra, às oito horas da noite. Aí se localizava o formidável Hotel da Companhia, onde pudemos novamente dormir em boas camas até a clara manhã seguinte. Como foi grande a surpresa quando na límpida manhã se via um local asseado que me lembrou as aldeias da Índia colonial.

Que ali eram os ingleses que ditavam o ritmo, se comprovava através de muitas impressões: uma igreja construída em antigo estilo britânico enfeitava, na acepção da palavra, o conceito de "rua principal", sombreada por grandes árvores plantadas simetricamente. Reparamos que em diversos cantos havia placas com a inscrição: "Ajude a conservar limpo Guaíra".



Igreja construída em antigo estilo britânico - Guaíra - 1949.

Consta que parte do telhado da igreja acima citada é coberta com telhas que foram encontradas nas ruínas da velha Guaíra. Esta velha Guaíra,

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

acima das "Sete Quedas", foi fundada no início de 1557 por Dias de Melgarejo. À frente de 100 espanhóis e cerca de 1000 índios Guaranis, ele penetrou até a confluência do Paraná com o Piquiri, denominando o lugar de "Ciudad Real del Guairá". Melgarejo e o soldado Aleixo Garcia logo aprenderam o idioma dos índios Tupis, e com isto estabeleceram um bom contato com os mesmos. Aleixo Garcia e outros soldados foram mandados de volta para S. Vicente com um rico achado em ouro e cristais, mas foram mortos pelos índios no caminho. Com a chegada dos primeiros Jesuítas em Guaíra, estes assumiram a administração. Como toda a região era rica em cobre e mineral de ferro, se erigiram as primeiras ferrarias e fundições, e logo após curto espaço de tempo já se fundiam ferramentas e sinos, e surgiram grandes povoados com extensas plantações. Os índios readquiriram sua confiança no "homem branco", pois antes da chegada dos Jesuítas, eles haviam sido caçados pelos Bandeirantes para serem escravizados. Muito antes que um europeu soubesse algo da existência do novo mundo, viviam aqui em grandes tribos e bem organizados.

Havia caminhos do Leste e do Sudeste da terra até o Atlântico. Ao Norte alcançavam até o império Inca, motivo que também explica porque a língua Guarani adotou palavras dos Incas e dos Quichuas. Romário Martins relata em seu livro "Guairacá" sobre o heróico cacique do mesmo nome que defendeu sua terra contra os bandeirantes. Os jesuítas conseguiram se manter em Guaíra até 1632, quando eclodiu uma luta declarada e um prolongado cerco e o bandeirante paulista Antônio Raposo Tavares conquistou a triste fama de ter arrasado florescentes povoamentos. Milhares de índios foram assassinados, e os padres sobreviventes foram levados acorrentados para S. Vicente. Nunca mais este local foi reerguido, mas suas ruínas testemunham a avareza e a crueldade do "homem branco".

Ao contrário dos bandeirantes, hoje festejados como heróis - bandidos seria uma denominação melhor - necessita-se aqui reverenciar um homem a quem o Brasil deve um infinito agradecimento: General Cândido Mariano Rondon! Este excelente homem empregou quase sua vida toda na selva em contato com os índios e foi ele que exigiu no Congresso Nacional que fossem criadas as reservas indígenas para melhorar a vida destes pobres seres que eram explorados pelos brancos e dizimados anualmente por doenças epidêmicas. Não se pode deixar de mencionar que foi ele quem

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

firmou as fronteiras do Brasil com os países vizinhos que em parte percorriam florestas imensas. Barros Cassal diz em seu "O Poema da Raça": "Ao General Cândido Mariano Rondon, o guia do Brasil nos rumos do sertão, do índio e do porvir".

Após este pequeno devaneio, retornamos a Guaíra de hoje, onde a parte da manhã foi utilizada para visitar os sistemas de transporte e outras instalações da Cia. Mate Laranjeiras.

Ao meio-dia, uma agradável surpresa me aguardava no hotel, onde reencontrei um velho conhecido de Joinville, o Capitão Ubirajara Brandão. A alegria foi recíproca ao nos revermos aqui nestes limites da civilização, após dezesseis anos. Cap. Brandão era o comandante local e ao mesmo tempo Juiz. Ele tinha um efetivo de 200 homens como patrulheiros de fronteira em seu "quartel" coberto de palha. Um jipe nos foi colocado à disposição e o Cap. Brandão insistiu em nos conduzir pessoalmente até as cachoeiras.

Para mim as "Sete Quedas" foram o grande acontecimento de nossa viagem. Jamais esquecerei estas rochas negras fendidas em sua majestosa solitude através das quais o esbravejante Paraná segue seu curso.

Estas águas cantam, sussurrantes, da vida e da morte, e das antepassadas estirpes humanas e ao presente fazem saber que é mais forte a tudo o que podemos ver e pegar, é a proximidade do eterno desconhecido.

O rio Paraná, depois de formar a Ilha Grande, unifica seus dois braços numa largura de 5km. Esta colossal quantidade de água nas "Sete Quedas" mergulha num leito rochoso de apenas 60m de largura!

Os Bandeirantes ouviram falar de um rio de ouro, e, em sua ganância, confundiram velhos mitos indígenas com a realidade. Quando o arco-íris se mostra sobre as cataratas, a água se precipita como um ouro líquido. E isto é compreensível, pois os índios adoradores do sol que então aqui viviam, tinham como um dos elementos da mitologia a crença de que todos os espíritos residiam nas cataratas.

A língua guarani possui a palavra *Verá* = "o iluminado", e da mitologia Incaica origina-se a palavra *Virá* (Uirá) = "O criador". De fato, estas violentas águas que desde o remoto passado turbilhonam sobre estas rochas, demonstram que nada neste mundo é "acaso", mas sim que tudo se passa segundo leis preestabelecidas e que o "Será!" está no início de tudo. As palavras de Goethe reiteradamente me vinham à memória: "Ah, a visão

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

foi tão enorme que tive de me sentir verdadeiramente como um anão".

Por três vezes estivemos na região das "Sete Quedas" e cada vez me senti novamente impressionado. Se o tempo não fosse contado, eu poderia ficar uma semana ou mais em Guaíra, junto às quedas. Embora as cataratas do Iguaçu sejam maiores em extensão e quantidade de água, eu, no entanto cantei a grande canção das "Sete Quedas". Aqui me senti junto à fonte da criação, na oficina de Deus. O trovejante Paraná, em seu arcaico leito, trouxe a questão do "porquê" da vida. Como nos sentimos importantes na luta do dia-a-dia, ambicionando por bens inteiramente perecíveis! A Natureza, com o eterno jogo de forças dos céus e terra, deve nos ensinar que qualquer aquisição que for acima do estritamente necessário para sobreviver é prejudicial para o íntimo das pessoas e totalmente desnecessária. Um antigo pensamento diz: "Pois mil dias lhe são como um dia e como uma vigília, e nós, no entanto, levamos nossa vida a nada como uma ladainha". O homem deve trabalhar e formar valores, mas a aquisição de bens materiais nunca deve se tornar um fim em si.

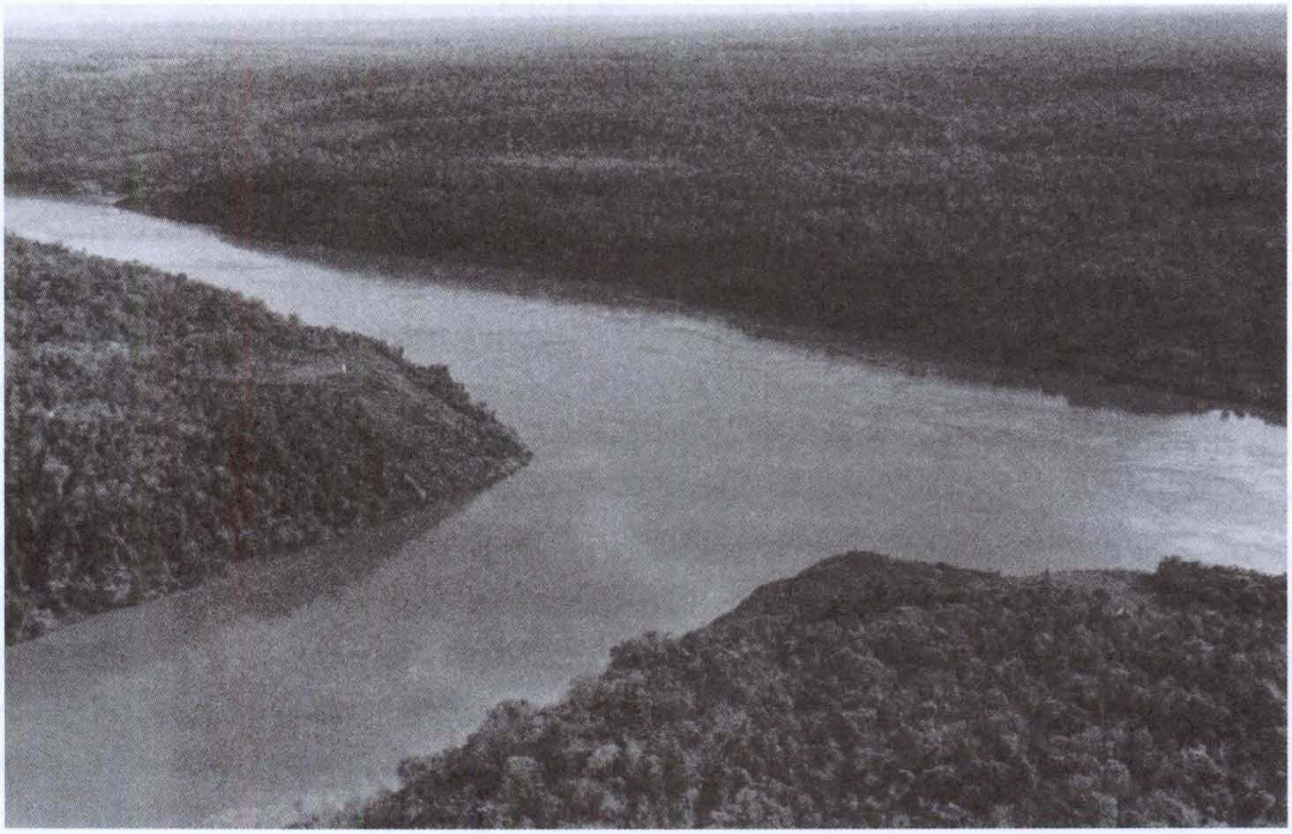
Assim, o Paraná com as suas "Sete Quedas", com sua solidão pétrea e muda, trouxe-me toda uma filosofia de vida que preencheu meu coração e oxalá sempre venha a preenchê-lo, com gratidão ao eterno criador que me ensinou e já permitiu que eu testemunhasse tanto de suas belezas e de seu poder na natureza e no mundo.

Por meio da gentileza do Capitão Ubirajara Brandão e do comandante do aeroporto de Guaíra pudemos voltar graciosamente para Foz do Iguaçu com o avião militar que chega semanalmente. No dia anterior, ainda fizemos nossa visita de despedida ao quartel e nos separamos com um cordial aperto de mão do Cap. Ubirajara, que nos demonstrara tanta amizade.

Às sete horas da manhã, levantamos vôo de Guaíra, admirando mais uma vez as "Sete Quedas", agora da perspectiva dos pássaros. A viagem de vinda na qual necessitamos dois dias de barco, foi feita em apenas 45 minutos. Agora vimos o que significa sertão e selva. Quase a viagem toda e até onde a vista alcançava sobre o território paraguaio não se via nada, além de pampas e campo ácido. Para o lado brasileiro, selva e mais selva sem interrupção por algum povoado ou clareira. Uma vista interessante foi a confluência das três fronteiras, ou seja, o desembocar do Iguaçu no Paraná, com as margens fluviais do Paraguai, Argentina e Brasil.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense



Confluência das três fronteiras: o desembocar do Iguaçu no Paraná com as margens fluviais do Paraguai, Argentina e Brasil - 1949.

Às 7h45min, aterrissamos no belo e exemplar aeroporto de Foz do Iguaçu. O prédio da administração obedece ao estilo colonial brasileiro e as instalações internas são de um excepcional bom gosto. O aeroporto foi construído durante o governo de Getúlio Vargas para o parque nacional e pode ser comparado com qualquer aeroporto de grandes cidades. A cidade, Foz do Iguaçu, causa uma triste impressão. Os habitantes quase não trabalham e vivem exclusivamente do contrabando. É localizada no sopé de um morro, que se estende até as gargantas do Paraná. Nas ruas crescem laranjeiras, cujas frutas podem ser colhidas sem se pedir licença.

No outro lado do morro, ao sul, corre o Iguaçu, que separa o Brasil da Argentina. Para se alcançar o porto, precisava-se descer um acentuado declive, numa escalada de meia hora, sendo que em dias de chuva o mesmo se transformava num escorregador. Como num cortejo de formigas carregadeiras, os contrabandistas – na maioria famílias com um bando de filhos – todos carregados com pesados sacos às costas, seguiam garganta acima. Principalmente se carregava trigo argentino morro acima, o qual era

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

superior ao brasileiro, e além disto custava 50% mais barato. Este contrabando dos "pequenos" se dava sob os olhos dos postos de aduana da Argentina e do Brasil. Os grandes muambeiros trabalhavam à noite!!

No lado argentino, se encontra o Porto Aguirre, onde se via belos prédios da administração, a rua escalonada e asfaltada com os desembarcadouros. (A conformação escalonada ocorria devido às oscilações do nível da água do Iguaçu que chega a variar até 30 metros). Não era de se admirar que os argentinos olhavam para o atrasado lado brasileiro com um certo desdém, pois eram de encabular ao se contemplar de Porto Aguirre para as descuidadas margens brasileiras, cobertas de brenhas e altas capoeiras.

Para resumir, o aeroporto e o hotel de primeira classe eram as únicas coisas dignas de menção em Foz do Iguaçu.

Decidimos acampar no Parque da Reserva Natural, diretamente junto às cachoeiras do Iguaçu. Da Foz até as cataratas tivemos que viajar 16 km. A estrada era de primeira, já construída visando o trânsito de turistas.

Sei, de fontes oficiais, que as cataratas do Iguaçu ultrapassam em 16 metros as grandes quedas do Niágara. As cataratas do Niágara possuem uma largura das quedas de água de 2.600 metros, enquanto que as Cataratas do Iguaçu ostentam uma largura de 4.000 metros. As quedas do Niágara já são conhecidas no mundo todo há mais de 100 anos, sendo que foi há apenas cerca de 20 anos que os primeiros turistas se deslocaram para o Iguaçu. Até agora, felizmente, o formidável potencial energético ainda não foi explorado industrialmente e exibem sua intocável beleza à contemplação. Mesmo assim o já respeitável trânsito turístico, organizado por agentes de turismo, emporcalhavam através de todas as maneiras possíveis de insensatez as trilhas e mirantes criados nos parques de proteção argentino e brasileiro, lançando chepas de cigarros, embalagens de filmes, latas etc. Foi uma realidade que tenho encontrado em todos os lugares, com exceção das Índias Holandesas. Como será então que será quando estiver concluído o hotel de luxo, ora em construção, situado diretamente junto às cataratas!!

Do lado brasileiro, o que mais me impressionou foi o salto Floriano. O bramir regular do Floriano, como o troar baixo e profundo de um órgão de igreja, quando então os meus pensamentos novamente devanearam para as rochas de Cabeçudas... Como era diversa a rebentação com seus duros

Digitalizado Selo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

golpes, destruindo aqui e reconstruindo acolá, enquanto que o ritmo regular das águas precipitantes remetia ao eterno universo existente no rio. Toda a natureza era, no lado brasileiro, mais dura e mais fria, diferenciando-se da paisagem Argentina junto às cataratas, excetuando-se a "Garganta do Diabo". Pensei nas palavras que o poeta Adalbert Richter escreveu ao contemplar as cataratas de Krimmler, no Tirol, que eu também tive a graça de conhecer:

Sente-se como se participasse
do último dia da criação
Defronte do próprio Deus Pai
Assombrado por assistir
Seus milagres nos sagrados primórdios
Como ele prateia toda a terra
Tornando-a num liqüefeito sino
Plangendo o "amém" de sua criação
Através da iluminada pompa celeste.

À noite, na barraca, não foi muito gostoso, uma vez que nossa companheira Rose B. teve que ser levada para uma cabana próxima com mais de 40° graus de febre, necessitando de cuidados freqüentes. Por isto, já desmontamos nossa barraca cedinho, na manhã seguinte, e ao meio-dia já estávamos novamente em Foz do Iguaçu. A planejada excursão para Porto Bertoni teve que ser abortada, uma vez que Rose B. apresentava sinais de uma infecção pulmonar.

Sobre Porto Bertoni deve se acrescentar que o sábio suíço, Dr. Moisés Bertoni, há cerca de 50 anos se estabeleceu no lado paraguaio, dedicando-se solitariamente a grandes pesquisas científicas, sendo que dos seus trabalhos os seguintes são os mais conhecidos:

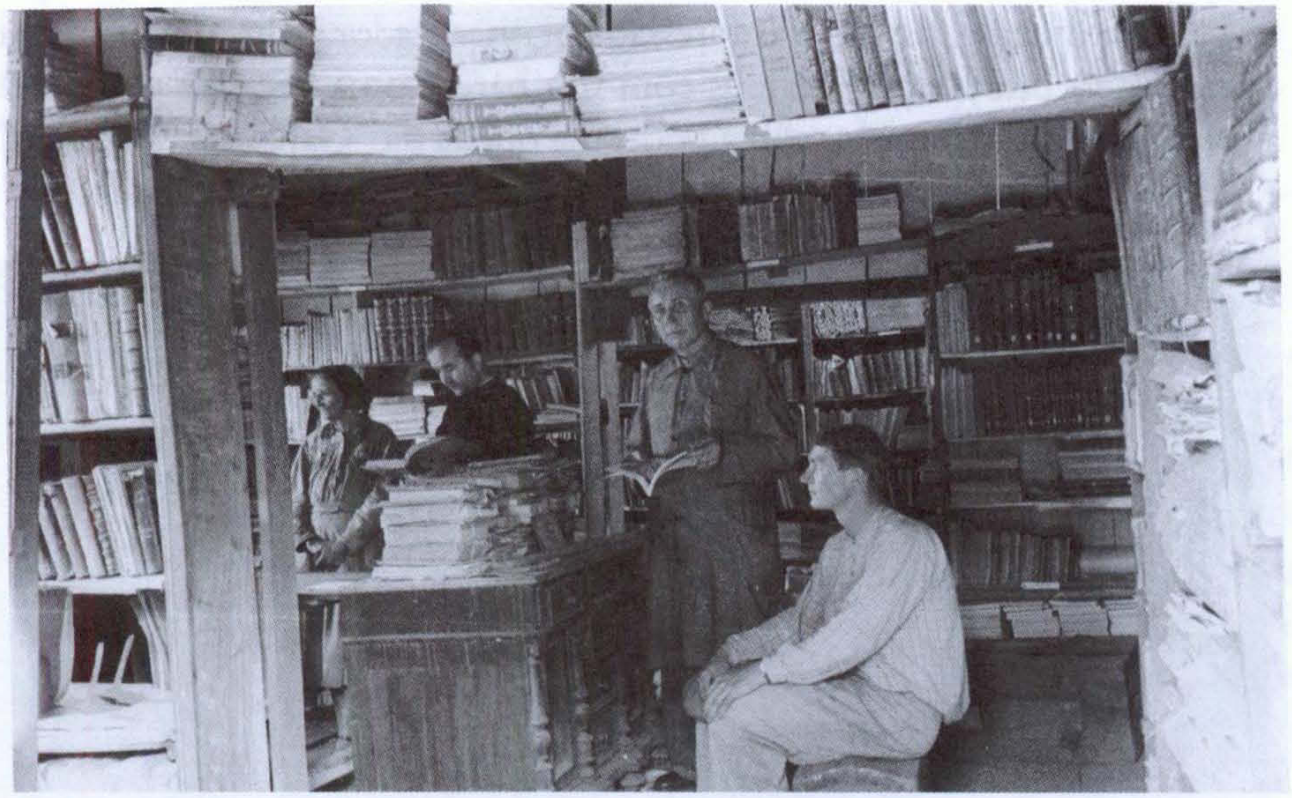
"Descriptión Física y Economica del Paraguay"
"Condiciones generales de la vida organica"
"Influencia de la lengua Guarani en Sud America y Antillas". (Editora e impressora própria do Dr. B.)
"Aperçu Ethnograpfique Préliminaire du Paraguay Oriental et du Haut Paraná".

Estas obras se encontram na Biblioteca Nacional em Assunção. Além disto, o Dr. B. elaborou o primeiro dicionário da língua guarani. Ele se

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

correspondia com muitas sociedades científicas da Europa, fazendo-o em alemão, espanhol e francês; pequenos artigos ele mesmo imprimia e compunha com uma imprensa manual. Logo após sua chegada na selva, desposou uma paraguaia que era analfabeta. Seus filhos cresceram nas mesmas condições e aí principiou a tragédia deste grande erudito que se afastou cada vez mais do mundo e manteve contato quase que só com índios. Quando uma enfermidade cardíaca progressivamente lhe tolheu a mobilidade, ele passava dias e noites atrás da porta fechada de sua cabana de tábuas em meio a sua biblioteca de mais de mil volumes.



Vista do interior da Biblioteca do pesquisador suíço Dr. Moisés Bertoni - 1949.

Algumas semanas antes de sua morte, ele foi removido para Foz do Iguaçu. Era um homem simples, descendente de alemães. Eu pude ver sua fotografia e seu leito de morte. Sua herança motivou uma desavença entre seus filhos. Uma das filhas, que ainda reside em Porto Bertoni, não cedia os livros e manuscritos e quando há alguns anos o Museu Paranaense ofereceu uma elevada soma pela biblioteca, não se chegou a um acordo. Segundo o Padre Martinho, atualmente grande parte dos livros e manuscritos foram destruídos pela umidade e pelos insetos. Assim foi melhor para mim, ou melhor, para nós, termos sidos poupados desta triste visão.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Apesar de suspensa a viagem, a tarde não foi perdida; eu passei-a com proveitosos diálogos com Padre Martinho e a excelente música em seu quarto de estudos fez com que me fosse inesquecível.

Para a manhã seguinte estava programada uma visita ao lado argentino, e o Padre Martinho nos acompanhou. Fomos apresentados à Chefe Médica do município, uma argentina de origem alemã, Dra. Schwartz, e visitamos o primoroso Hospital de Porto Aguirre. A recepção que aí encontramos foi muito amistosa. A ambulância nos conduziu até o hotel, distante cerca de 20 km, ou seja, diretamente nas imediações das cataratas. As instalações da Reserva Natural foram aí elaboradas com mais sentido e respeito pela natureza e, assim, a impressão foi encantadora, diria, mais ternas que do lado brasileiro. Viajamos com um barco, uma vez que o nível da água permitia, diretamente sob a poderosa queda da "Garganta do Diabo", e verdadeiramente ela merece este nome, pois tem algo de demoníaco.

Um registro fotográfico diante da poderosa queda da "Garganta do Diabo" - 1949.

Novamente ali era a natureza o órgão que tinha a dizer sobre si própria. As medonhas catapultadas de energia, invisíveis de centenas, talvez milhares de gêneros, envoltos pela escuridão da mata que a tudo recobriam impedindo o acesso através de barreiras naturais. Talvez foram os índios Guaranis os que avistaram as cataratas pela vez primeira, uma vez que no

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

nome I Guazu, o I significa grande; e Guazu, água.

Estas águas tiveram sobre mim uma atração magnética, um impulso para penetrar naquele eterno universo, fugir de toda a tralha de um sepultamento "cristão". Padre Martinho me afirmou posteriormente que em todas as ocasiões de suas freqüentes visitas, sempre percebe uma sensação de atração. Creio que não haja um melhor símbolo da essência humana do que este, o bramir de uma catarata transiluminada pelos raios solares de uma garganta em arco. Como ouro e prata subindo aos céus e se dissipando pulverizada. Nesta eterna luta pela sobrevivência sobre esta Terra, cada um se julga, embora que de forma imperfeita, o mais importante e precioso. Importante e apressada, a formiga transporta sua carga exatamente como faz o homem, resultando na egoística luta pela sobrevivência de uns contra os outros. Por quê?? Indiferente e infalível, a morte decompõe as formas e a matéria resultante permite que novas formas surjam. E, portanto, enquanto escrevo estas linhas, sob uma maravilhosa noite de luar junto ao mar de Cabeçudas, sou feliz por viver e poder reconhecer tudo isto.

No final da tarde, retornamos ao hotel, onde a ambulância do Hospital de Porto Aguirre nos esperava. A Dra. Schwartz nos recebeu com a mesa posta para o chá e por uma hora mantivemos uma animada conversa. À noite, com sinceros agradecimentos, deixamos o território argentino. No hotel, acabava de entrar um bando de turistas, um colorido amontoado de gente, barulhentos e presunçosos; mais tarde, soubemos que eles, ao todo, ficaram 20 minutos junto às cataratas, certamente sem deixar de ter deixado seus cartões de visita em forma de cigarros e embalagens de filmes. Nossas opiniões foram unânimes: "É preferível ficar em casa do que viajar desta maneira". Mudará somente quando se estabelecer uma compatibilidade entre os hotéis de luxo e a prodigiosa natureza divina com todas as suas maravilhas e belezas.

Ainda passamos alguns dias em Foz do Iguaçu, uma vez que tivemos que aguardar por um avião da "Panair", enquanto que nossos dois jovens acompanhantes viajaram de volta de automóvel. Na manhã de despedida, o céu estava azul e o sol brilhante. Sobrevoamos as cataratas e uma vez mais o olhar vagueou sobre esta eterna beleza. Um enorme arco-íris, com suas cores luminosas, nos deu as despedidas.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Burocracia & Governo

Transcrições de documentos extraídos de fontes originais localizadas no Acervo do Arquivo Público do Estado[1].

591

Ill.mo e Ex.mo Snr.

Com officio de 16 de Novembro pr. p. tomei a liberdade, apresentar ao esclarecido juizo de V.ª Ex.ª o projecto de algumas posturas, destinadas para no districto d'esta colonia removerem differentes graves embaraços e inconvenientes ao publico transito, conservação das pontes, remoção das cansellas etc. etc.

Este projecto foi remettido, quanto me consta, á Camara municipal de Itajahy e eu não tive mais noticia d'elle.

No entretanto infelizmente os ditos inconvenientes ficão subsistindo e acho-me constantemente embaraçado com queixas e clamores, á que não posso remediar, bem como lutando com abusos, á que não me he dado, pôr termo.

Venho pois rogar tão respeitosamente quão instantemente (sic), V.ª Ex.ª queira recommendar á referida Camara, para que com urgencia preste

[1] Transcrição: Elton Cardoso. Estagiário do Curso de História. Revisão: Prof. Cristina Ferreira.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

sua informação á respeito, com o fim de facilitar huma breve resolução sobre este assumpto sempre mais urgente para o interesse publico em esta colonia.

Deos Guarde á V.ª Ex.ª - Colonia Blumenau, 15 de Fevereiro de 1865.
Ill.mo Ex.mo Snr.
Dr. Alexandre Rodriguez da Silva Chaves
D.mo Presidente da Provincia

O Director
Dr. H.Blumenau.

592

Ill.mo e Ex.mo Snr.

Para occorrer ás despezas da colonia á meu cargo no proximo trimestre de Abril a Junho, venho respeitosamente rogar, V.ª Ex.ª queira dignar-se, de mandar pagar ao meu procurador no decurso do proximo mez de Março a quantia de Rs: 12:685$000, quarta parte da importancia, que o Governo Imperial concedeo para a mesma colonia no corrente exercicio.

Além d'isto cumpre-me sollicitar a entrega ao mesmo procurador da quantia de Rs: 400$000, proveniente do augmento da gratificação do medico d'esta colonia, o D.or Knoblauch, que pelo aviso do Ministerio da Agricultura de 16 de Janeiro pr. p., á mim dirigido, foi elevada de hum conto e duzentos mil reis á dous contos, á datar do principio do corrente anno. Este augmento porém não foi previsto nem determinado no orçamento das despezas d'esta colonia no corrente exercicio financeiro, ao qual cabem ainda dois trimestres do mesmo, e por esta razão não tenho á disposição a correspondente quantia de 400$, que acima solicitei e sobre a qual ao seu pagamento extraordinario se fez communicação á Thesouraria da Fazenda, segundo me foi participado pelo Ministerio da Agricultura. Achando-me autorisado para pagar, faltão-me porém os fundos para este fim e venho pois, sollicital-os á V.ª Ex.ª.

Deos Guarde á V.ª Ex.ª - Colonia Blumenau, 15 de Fevereiro de 1865.
Ill.mo Ex.mo Snr.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Dr. Alexandre Rodriguez da Silva Chaves
D.mo Presidente da Provincia

O Director
Dr. H.Blumenau.

593

Ill.mo e Ex.mo Snr.

Autorisado como fui pelo aviso de V.ª Ex.ª de 30 de Julho pr. p., para mandar fabricar 1500 cadernetas de contas para o uso dos devedores do Governo, existentes nas colonias d'esta província, só ha pouco tempo podia encommenda-las, porque tive em pessoa de cuidar na côrte do papel conveniente pautado. Achão-se porém n'este momento na minha mão já humas 200 e para os meiados do mez de Abril todas ellas serão enviadas ao Delegado das Terras publicas, como V.ª Ex.ª mo ordenou.

Como tive a satisfacção de contratal-as pelo preço extraordinariamente rasoavel de 270 reis cada hum exemplar, em lugar de 350 a 400 reis, como a principio havia calculado, a despeza importa em 405$000 pelas cadernetas e mais 5$000 pelas despezas miudas de caixão etc e o transporte á villa, em cujo porto devem ser embarcadas para essa capital.

Rogo pois respeitosamente V.ª Ex.ª queira mandar pagar ao meu procurador a quantia supra de Rs: 410$000 visto que já adiantei ao encadernador 200$000 e que elle tem de receber o resto em proporção ao numero das cadernetas, que em cada semana me entrega.

Este numero de 1500 exemplares, sendo 550 para Blumenau, 375 para Theresopolis, 375 para Itajahy Mirim e 200 para St.ª Isabel, chegará comtudo apenas ou nem mesmo chegará para as actuaes necessidades e não hão de ficar algumas ou numero muito insufficiente para as necessidades dos immigrantes, que nos proximos annos se podem esperar. He porém de summa conveniencia, que o imigrante desde sua chegada se ache na posse de sua caderneta e para prevenir a sua falta no momento, em que com

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

maior urgencia se carece d'ellas, era sem duvida conveniente mandar fabricar ainda hum mil ou mil e quinhentos exemplares e confial-os á guarda da Delegacia das Terras, á quem os directores logo havião de pedir o numero, de que ainda necessitarem desde já ou no futuro.

Se acaso V.ª Ex.ª approvar esta minha proposição, da melhor vontade me prestarei em encommendar desde já o necessario papel pautado /: na côrte :/ e dispôr todos os arranjos, para que as proprias cadernetas no mais breve fiquem apromptadas. Em tal caso não posso porém deixar, de respeitosamente pedir breve resposta e ainda, V.ª Ex.ª queria dignar-se, de mandar pagar a correspondente quantia ao meu procurador, visto que não posso bem expor-me ao perigo, de ver cahir nos exercicios findos e logo com muita pena dever reclamar a mesma quantia, se meu substituto aqui, ou meu procurador na capital acaso se esquecerem, de pedir á tempo o pagamento, ou ainda a remessa das cadernetas se demorar por algumas semanas além do fim do corrente exercicio financeiro.

Deos Guarde á V.ª Ex.ª - Colonia Blumenau, 15 de Fevereiro de 1865.
Ill.mo e Ex.mo Snr.
Dr. Alexandre Rodriguez da Silva Chaves
D.mo Presidente da Provincia
O Director
Dr. H. Blumenau.

594

Ill.mo e Ex.mo Snr.

Em additamento ao meu officio de 15 d'este mez, em que referi sobre as cadernetas de contas de colonos, cumpre-me rectificar hum erro que commetti. Não podendo conferir n'aquella data o contrato concluido com o encadernador, por se achar sob as chaves do guardalivros, que n'aquelle dia foi ausente na inspecção de algumas pontes em construcção, não havia tomado em conta, que eu devia fornecer o papel especialmente pautado para este mister. A importancia do mesmo, sendo 4 resmas á 8$000 e 2$000 despezas de caixão, carretes, frete etc até cá, em summa Rs 34$000 deve pois ainda ser ajuntada, á que sollicitei á V.ª Ex.ª com 410$000, de maneira

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

que a quantia ou despeza total he de 444$000.

Rogo portanto, V.ª Ex.ª queira dignar-se de mandar ao meu procurador esta mesma quantia de 444$000, em lugar de 410$000 que havia sollicitado.

O preço das cadernetas assim he de 293 rs por cada hum exemplar, o que ainda assim se pode considerar como muito rasoavel, sendo que anteriormente em differentes lugares se me pedirão 320 a 340 rs com inferior papel em branco.

O preço (293 rs) regulará tambem, se V.ª Ex.ª quizer encommendar ainda novas cadernetas em maior numero, como propuz no meu referido officio.

Tomo a liberdade de juntar hum exemplar das cadernetas como amostra.

Deos Guarde á V.ª Ex.ª - Colonia Blumenau, 19 de Fevereiro de 1865.

Ill.mo e Ex.mo Snr.

Dr. Alexandre Rodriguez da Silva Chaves

D.mo Presidente da Provincia

O Director

Dr. H. Blumenau

595

Ill.mo Ex.mo Snr.

Por aviso de 15 de Dezembro pr. p. V.ª Ex.ª me ordenou, restituir a Christiano Rauche a quantia de Rs: 36$000, rebate da quantia de Rs: 300$000, que no acto da compra da sua terra não lhe foi levado em conta, e á Frederico Strobel a de 41$800 reis importancia da reducção no preço da sua sorte, que V.ª Ex.ª lhe concedeo, como a mesma reducção por esta direcção já fora concedida aos visinhos do referido Strobel, que ainda devem ao Governo a importancia das suas terras e se achavão em analogo caso e situação.

As referidas quantias, no total de Rs: 77$800, já forão pagas na minha ausencia, mas não existe credito para despeza d'esta natureza no orça-

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

mento das despesas d'esta colonia, por que me tenho á dirigir, não sendo possivel, como realmente he, tiral-a dos "Extraordinarios".

Não me resta pois senão aproveitar para este fim a "Receita das terras vendidas" e com ella com toda a razão, como me parece, estas despezas devem ser feitas, quando existir saldo, ou deverão ser pagas directamente pela Fazenda Nacional, em cujos cofres tenho de entregar e entreguei a mesma receita, se acaso não existir saldo no cofre d'esta direcção.

Não sabendo porém, se assim ando acertado, e podendo se dar ainda no futuro casos de taes restituições, peço respeitosamente, V.ª Ex.ª queira favorecer-me com algum aviso sobre este assumpto, que me sirva de futura regra.

Deos Guarde á V.ª Ex.ª - Colonia Blumenau, 18 de Fevereiro de 1865.

Ill.mo e Ex.mo Snr.

Dr. Alexandre Rodriguez da Silva Chaves.

D.mo Presidente da Provincia

etc etc etc

O Director

Dr. H Blumenau

596

Ill.mo Ex.mo Snr.

Tendo-se-me apresentado o ex-soldado Julio Amberg, Prussiano, distribui-lhe uma sorte de terra em conformidade com o aviso de V. Ex.ª de 7 de Dezembro proximo passado. O mesmo reclamou porém ainda as etapes por um anno, que allega lhe competirem segundo o artigo 5º do respectivo contracto, que abaixo transcrevo. Não me competindo a interpretação deste artigo, e menos ainda o pagamento sem autorização especial, vejo-me na necessidade de rejeitar este caso á decisão de V.Ex.ª e isto tanto mais quanto esta despesa, segundo me parece, não poderá correr por conta do Ministério da Agricultura e sim do da Guerra. Para as proprias diarias dos colonos o dito Amberg não tem direito, visto que é solteiro.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Deus Guarde a V. Ex.ª - Colonia Blumenau em 15 de Fevereiro de 1865. - Il.mo Ex.mo Snr. Dr. Alexandre Rodrigues da Silva Chaves - Dig.mo Presidente da Provincia – O Director Dr. Hermann Blumenau – Transcripção do artigo 5º do contracto concluindo em Hamburgo em 29 de Abril de 1851 entre o Conselheiro S. do Rego Barros e o Soldado Julio Amberg. Os contractados entrarão de posse das terras ou no fim do contracto, ou quando licenciados; neste caso, isto é, quando licenciados, o Snr. Amberg Julio só terá direito á etape[2] até finalizar o seu contracto. No fim do contracto terá as mesmas vantagens, isto é, á etape simples mas somente por espaço de um anno. Se porém o contractado não pretender terras, receberá do Governo Imperial passagem livre para a Europa, e mais um premio em dinheiro de quinze thalers da Prussia, em moeda do paíz ao cambio corrente.

Conforme o original emitido ao Ill.mo Sr. Ministro da Agricultura com officio de 7 de Março de 1865.

O Official Chefe de Secção

Ricardo José de Souza.

597

Ill.mo e Ex.mo Snr.

Tendo o colono Júlio Klueger comprado á esta direcção huma sorte de terras de 50000 braças quadradas á 3 reis e pago á vista a quantia de Rs 100$000, evidenciou-se logo pelos primeiros derubados (sic), que a qualidade da mesma foi muito inferior e o preço proporcionalmente exagerado. O comprador pedio pois, que fosse reduzido por hum terço, isso he á 2 rs pela braça quadrada, e attento á qualidade do terreno em questão, acho, que este preço de hum lado he bem razoavel e vantajoso para a fazenda publica e do outro equitativo para o comprador.

2 Etape: palavra extraída do francês étape, significado: obra, carreira, campanha, cada uma das partes que pode ser desenvolvido as partes de um negocio.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Peço pois respeitosamente, V.ª Ex.ª queira autorisar-me para effectuar a reducção, sollicitada pelo dito Klueger, de 150$000 á 100$000 comtudo extinguindo nos competentes livros pois a quantia de Rs: 50$000.

Deos Guarde á V.ª Ex.ª - Colonia Blumenau, 19 de Fevereiro de 1865.

Ill.mo e Ex.mo Snr.

Dr. Alexandre Rodriguez da Silva Chaves.

D.mo Presidente da Provincia

O Director

Dr. H Blumenau

599

Ill.mo e Ex.mo Snr.

Constando-me, que n'este rio Itajahy assú se requestão assignaturas e se pretende á V.ª Ex.ª apresentar huma petição, com o fim de sollicitar a fundação de huma Colonia Nacional nas terras dos ribeirões grande e pequeno do Gaspar, Freguezia S. Pedro Apostolo, julgo do meu dever, participar a V.ª Ex.ª que estas terras pertencem ao territorio privativo d'esta colônia, sendo que o seu districto urbano em grande parte já se acha vendido e povoado, e que no districto rural já procedi aos trabalhos preparatorios, para pouco á pouco incluil-o no circulo da effectiva colonisação. Estes preparativos, constantes de medições, conveniente divisão ou repartição de sortes de terra e factura de picadas e caminhos, em dous ou tres mezes serão acabados, e então ali poderá comprar terras, quem se sujeitar ao regime da colonia, estabelecido sobre as instrucções e ordems em vigor. E não só os immigrantes estrangeiros, como os filhos do paiz, de que já numero existe estabelecido na colônia, podem entrar na mesma e adquirir terras ficando todos com as mesmas e iguaes vantagems e obrigações, unicamente excepto as diarias e mais adiantamentos, aos quais teem direito somente os immigrantes, recem chegados de fora do paiz com familia, que não possuem meios alguns.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Como porém desde quatro annos he observada a muita acertada regra, filha das ordems do Governo Imperial e sustentada pelos antecessores de V.ª Ex.ª, de que a colonisação sobretudo fique dirigida para os lados de Dª. Francisca e da Serra e só em estas partes aos colonos se conceda a venda de terras á praso, devendo ellas serem pagas á vista nos demais districtos, que são os do Gàspar e da Itoupava, tal regra á muitos não agrada e não querem o pagar á vista no Gàspar, nem estabelecer-se em outras partes á prazo.

Comtudo tambem não faltão compradores á vista para aquella localidade e sendo as terras, ali sitas, de subido valor, em pouco tempo serão vendidas á dinheiro, e isto tanto mais, quanto as ultimas medições evidenciarão, que superfície disponivel e aproveitavel não chega nem á metade da, que até agora se presumia. Ha de assim resultar huma receita líquida, que não he para desprezar.

Por todos estes motivos, e como a venda á prazo nos indicados dous districtos d'esta colonia havia de não só contrariar as ordems existentes e até agora observadas, como ainda e seriamente comprometter e contrariar a futura marcha da colonisação e do estabelecimento de novos immigrantes, e emfim, como he útil para brasileiros e allemães, que se estabeleção misturados, aprendendo e ensinando-se mutuamente, e n'isto consiste um dos principais fims da colonisação, venho respeitosamente pedir, V.ª Ex.ª queira manter em vigor e não alterar as ordems e regras existentes e até agora seguidas por esta Direção na venda das terras.

Deos Guarde á V.ª Ex.ª - Colonia Blumenau, 27 de Março de 1865.

Ill.mo e Ex.mo Snr.

Dr. Alexandre Rodriguez da Silva Chaves

D.mo Presidente da Provincia

O Director

Dr. H Blumenau.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

600

Ill.mo e Ex.mo Snr.

Em additamento ao officio, em que sollicitei á V.ª Ex.ª o pagamento de 410$000 por conta das cadernetas de colonos, tenho a dizer que por engano em esta conta não foi incluido o preço do papel pautado para este fim, sendo quatro resmas á 8$000 e as despezas de despacho, caretes, frete etc., na importância de 2$000.

Venho pois respeitosamente pedir, Vª. Exª. queira mandar pagar esta quantia de 34$000 ao meu procurador em esta capital por conta e como saldo das referidas cadernetas de que entreguei agora 500 ao Delegado das Terras publicas, sendo o resto de mil exemplares remettido até o mez de Maio.

Deos Guarde á V.ª Ex.ª - Desterro, 31 de Março de 1865.

Ill.mo e Ex.mo Snr.

Dr. Alexandre Rodriguez da Silva Chaves

D.mo Presidente da Provincia

O Director da Col.ª Blumenau

Dr. H Blumenau

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Encontro com a infância

Urda Alice Klueger[1]

Crônicas do cotidiano

Faz dois dias que me encontrei com a minha Infância no Bairro Itoupava Seca, perto da Eletro-Aço, e eu ia em pé na garupa da bicicleta do meu pai! Como numa voragem, o coração me carregou no Tempo e retrocedeu até a época em que quem vivera aquilo fora eu, e embora quem fosse em pé na garupa da bicicleta de um pai de uns trinta e poucos anos fosse um garoto de uns dez, espadaúdo para a idade, bem alimentado e com o cabelo loiro espetado à escovinha, de repente era eu quem estava ali, e era mesmo meu pai, que também teria, na época, uns trinta e tantos anos.

Então, de repente, era como estar dentro de um filme real, a infância me cercando em girândolas, e eu, menina já de escola andando em pé no bagageiro da bicicleta do meu pai, segurando nele com toda aquela total confiança que crianças pequenas tem nos pais, os pés metidos em calçados "Sete Vidas", os vestidinhos coloridos que minha mãe costurava voando ao vento, o cabelo curto cortado pelo barbeiro Schoenfelder, pois ninguém confiava que criança

1 Escritora – Membro da Academia Catarinense de Letras - SC. – Historiadora - Blumenau, 22 de julho de 2006.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

assim arteira como eu conseguisse manter em ordem cabelos compridos, e como eu queria ter as longas tranças da minha prima Lori Passold!

Andar em pé no bagageiro da bicicleta do meu pai era o meu orgulho, a minha marca, já que nenhuma outra criança andava assim! Ficava cheia de pose, arriscando passos de trapézio, sem o menor medo de cair. Aquele bagageiro de bicicleta era como se fosse um palco onde eu podia viver todas as fantasias, e respirando profundamente eu as vivia na imaginação, e penso que, naquela Blumenau da década de 1960, com seus 60.000 habitantes e suas ruas sem calçamento, não havia quem não prestasse atenção naquela menina corajosa que não temia andar em pé no bagageiro da bicicleta do seu pai!

Mais cedo ou mais tarde, naqueles tempos, alguém sempre acabava dizendo, quando me conhecia comportadamente ao lado da minha mãe, vindo da missa: "Ah! Mas esta é aquela menina que anda em pé na bicicleta!" – e eu fazia de conta que não, mas inchava de orgulho, por estar sendo reconhecida pela minha marca pessoal e por ter tanta coragem!

E então, nas segundas-feiras, que era o dia de folga do meu pai, andávamos por aí tudo, desde a buscar tangerinas no Garcia Alto até a ir comer algum maravilhoso doce com nata batida na Confeitaria Söcher, na cidade (ah! Até hoje chamamos o centro de Blumenau de cidade, como o fazíamos no passado, fazendo com que os novos moradores achem engraçado!), e para ir-se à cidade, era necessário calçar-se os sapatos brancos de Nugget e as meiazinhas coloridas, deixar de lado os "Sete vidas!" Nossa Rua XV já era calçada de paralelepípedos (guardei um lá em casa, quando fizeram o novo calçamento), e por aquela pista tão moderna meu pai disparava de bicicleta e o vento zunia nos meus ouvidos, enquanto, de pé, me apoiava com toda a confiança nos ombros dele!

Então, faz dois dias, encontrei-me com a minha infância na rua de asfalto lá perto da Eletro Aço! Aquele menino e o pai dele eram como eu e o meu pai, e apressei o carro, no movimento congestionado, para ver direito como era aquele pai, pois talvez fosse o meu! O menino eu via bem, e é claro que devíamos ter coisas em comum, e assim pelas costas aquele pai tinha a vitalidade e a idade que o meu teria quando eu era criança – mas o trânsito não me deixou emparelhar com aquela bicicleta que, em conluio com o Tempo, fizera com que eu fosse como que abduzida para o Passado!

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Acabei por ter que me contentar em me manter em harmonia com o fluxo de automóveis e ver a bicicleta com a minha infância disparar lá para a frente, quando a sinaleira fechou. Não consegui ver o rosto daquele ciclista que talvez fosse o meu pai!

Ficou a força das lembranças, no entanto, e toda a torrente de emoções que veio com elas! Como os canais de comunicação com o Tempo e o Espaço ficam livres e cheios de sensibilidade quando a gente é feliz!

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Cidades e Colônias alemãs em Santa Catarina[1]

Blumenau

Ernst Von Hesse Wartegg[2]

Fragmentos da história de Blumenau

Blumenau pertence às cidades mais citadas no Brasil, e com sua comunidade quase que exclusivamente alemã ocupa o primeiro lugar. Em obras colonizadoras é citada como modelo de empreendimento, trabalho e perseverança de colonos alemães. Da modesta colônia fundada em 1850 por Dr. Hermann Blumenau, de Braunschweig, e seus 17 companheiros, bem na floresta de Santa Catarina, desenvolveu-se hoje a comunidade de 50.000 almas, entre as quais 37.000 são alemães. Isto não ocorreu com o auxílio do Estado ou auxílio de fora, mas sim por força própria. Alcançou um significado tão grande no Brasil que justamente em sua região surgiu o fantasma do "perigo alemão".

O viajante alemão vem com grande expectativa a esta região que é considerada o centro da cultura teuto-brasileira. Ainda não existe uma ferrovia para Blumenau. Para chegar, ele pode somente fa-

---

[1] Der Urwaldsbote. Nr. 72. (7.03.1914) - (Sábado) Ano 21. Primeira página: Tradução de Edith Sophia Eimer.

[2] Pesquisador e autor de viagens. Em 1913 veio ao Brasil pela segunda vez para fins de estudo. Desta vez sua visita visava especialmente os Estados do Sul. Esteve em várias partes do mundo para divulgar as condições dos alemães em outros países. A ele se deve descrições de viagens sobre a China, Japão, Mares do Sul, Índia, Sião, África, América do Norte, México, Argentina etc.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

zer uso do pequeno vapor que parte do porto de Itajaí, que sobe o rio do mesmo nome ou então, chegar via estação ferroviária em Jaraguá, no norte do Estado, e numa viagem de um dia e meio, atravessando os morros, é possível alcançar a cavalo ou de carruagem a cidade de Blumenau.

Este caminho eu também escolhi. A terra é muito bonita e frutífera. As propriedades estão crescendo, quanto mais nos aproximamos de Blumenau.

A estrada Altona é um belo quadro da cultura alemã que mais se encontraria em Thürnigen na Alemanha, do que no sul do Brasil. Com muita expectativa continua-se a viagem ao centro da cidade. De uma elevação nos cumprimenta uma igreja, a qual se une a um grande convento. Nas margens das ruas não calçadas vemos vários estabelecimentos comerciais, sendo alguns de dois andares.

Na ponte que corta um rio adjacente para dentro do Itajaí se vê um grande hotel, e do outro lado bonitas residências cobertas por frondosas palmeiras. Isto enfim, é Blumenau! Seguimos um pouco mais adiante, e a rua nos leva outra vez ao campo aberto, saímos de Blumenau!

A primeira impressão é, sem dúvida, de uma grande decepção! A maioria dos visitantes espera encontrar uma espécie de Chicago no sul do Brasil e só encontra uma modesta aldeia semelhante a Thürnigen, que aos poucos se desenvolveu numa cidade, mas à qual ainda faltam os traços característicos de uma cidade.

Blumenau provavelmente nem foi imaginado, por seu fundador como cidade, mas só como centro de uma Colônia e como tal continua até o presente momento. O seu significado, tamanho e força econômica não se encontram na cidadezinha de hoje somente, mas também em suas cercanias, no campo, por mais de cem quilômetros.

A cidadezinha com seus cerca de 2.000 habitantes é somente o centro de uma colônia, o "centro da cidade" como é chamado aqui no Brasil, e os 50.000 moradores estão distribuídos nas terras que a circundam e constituem o "Município de Blumenau". Sua extensão abrange mais ou menos o condado de Hessen. Quando se observa que todos os interesses encontram-se em Blumenau e verificar o quanto ela é o centro espiritual das autoridades e do comércio de toda esta região, pode-se, então, verificar o

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

significado de Blumenau e o que os seus moradores conseguiram realizar. Então, admirado, tira-se o chapéu.

Imaginem o que custa para uma força colonial européia erguer uma colônia numa região inóspita de floresta além mar e da extensão de um condado de Hessen, e ali instalar 50.000 brancos e levá-los à uma vida tranqüila e digna! Para isto são necessárias frotas de expedições, batalhões de tropas coloniais, sangrentas lutas com os selvagens e, principalmente, milhões em dinheiro.

Olhem em sua volta no mundo tropical, leiam a história das fundações coloniais: onde na terra existe uma colônia como Blumenau, que foi fundada por um punhado de imigrantes, que como auxílio só tinham a vontade férrea de vencer, perseverança e disposição ao sacrifício os levaram a um bem estar.

O estado no qual ela se encontra não custou mais do que cerca de 6 milhões de marcos, distribuídos em 60 anos, e esta soma já se complementou outra vez com a venda das terras, e o Estado já arrecadou em dobro esta soma através dos impostos.

Tudo mais que era necessário, fizeram os colonos. Eles construíram centenas de quilômetros de estrada através da floresta tropical, construíram suas casas sobre o lodaçal, transformaram a floresta em frutíferas plantações, criaram gado e aves no valor de milhões, fundaram confortáveis lares para suas famílias, mas com isto não só pensando em seu próprio lar, mas sacrificaram-se muito pela própria comunidade.

Com o ganho de seu trabalho, preferiram passar necessidades, construíram mais de 100 escolas e igrejas, construíram casas para professores e pastores, sustentaram tudo com dinheiro próprio, pagaram contribuições para construção de pontes e estradas, organizaram-se mesmo contra os peles vermelhas, que aqui e ali ainda atacam as propriedades, e cuidam tão bem desta área de 10.000 km² do município e no qual quase não são necessários policiais.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Cidades e Colônias alemãs em Santa Catarina[3].
Blumenau
Continuação do número 72.

Nos relatórios anuais que o senhor Schrader gentilmente pôs a minha disposição, encontram-se interessantes pormenores a respeito da população de Blumenau. Desde sua fundação, no ano de 1850, vieram da Alemanha 13.000 pessoas, da Áustria 4.000, da Rússia 4.000 russos de idioma alemão e polonês, num total de 21.000. Entre o restante de imigrantes que não dominam o idioma alemão estão 2.000 italianos e nem 100 brasileiros, mas que com os anos já aprenderam a língua alemã.

Assim é compreensível que durante minha viagem e permanência em cidades maiores quase não ouvi o idioma nacional. Fala-se o português e também o alemão e é ensinado na maioria das escolas, mas o alemão é o idioma popular. E também continuará a ser, e apesar dos alemães terem se transformado em bons brasileiros, estão longe de conspirar contra o Brasil, ou pretenderem fundar no estado um outro estado.

Mas quem fala aqui do desleixo do caráter alemão como já aconteceu, comete uma injustiça contra a nova geração. Ela se apega aos costumes alemães, à maneira de ser e ao idioma. A população imigrada alia-se à prole aqui nascida, que é quase igual em número.

A fertilidade do abençoado trecho de terra que se tornou a nova pátria dos alemães, parece que também foi repassada ao homem. Crescem os casamentos como as laranjas nas árvores e uma dúzia de crianças são exceção à regra. De onde também os colonos vão conseguir mão-de-obra para cuidar de suas terras? Novos imigrantes só vêm aos pingos. Com quinze, dezoito anos, as crianças são grandes e fortes o bastante para ajudar na roça.

Com vinte e poucos anos casam e logo chegam os pequenos imigrantes louros e crescem, povoam a terra sem que o Estado precise pagar só um centavo. Esta jovem geração é o melhor sangue que o Brasil pode apresentar. Envolvidos com a terra, e com as condições na Colônia desde o berço, grandes, fortes e cheios de disposição alemã, seguem, uma vez casados,

[3] Der Urwaldsbote Nr. 73 - 11 de Março de 1914 (Quarta-feira) Ano 21.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

para o Oeste, na terra ainda não cultivada e transformam a floresta em férteis campos.

Toda esta flor, esta cultura, partiu originariamente de Blumenau. Blumenau com tenaz perseverança autodependente, lutou pelos primeiros tempos difíceis, enfrentou muitos obstáculos e desgraças. Ali surgiram más colheitas, a peste levou grande parte do gado e o estado vizinho do Paraná boicotou a grande exportação de açúcar para lá e, em 1911 a cidade foi atingida por uma terrível enchente.

O rio Itajaí que corta a cidade transbordou, as casas foram invadidas pelas águas, muitas até o segundo andar. Os prejuízos foram enormes. A mim pareceu quase impossível imaginar que o quarto que eu ocupava no Hotel Holetz havia sido invadido pelas águas, mas o cônsul alemão, também mostrou-me em sua casa a marca de 2,5 metros de tão alta que chegou a água, e ainda hoje as paredes estão úmidas. As camas e cômodos boiavam pelas quadras de Blumenau. Na Biblioteca do Reitor da escola alemã as folhas dos livros estão grudadas, e quando são abertas nos as vemos envoltas pela poeira lamacenta do rio.

Nestas dificuldades os moradores se conservaram muito unidos e auxiliaram-se mutuamente. O grande convento dos Franciscanos, no qual os frades alemães ensinam a juventude sem distinção de raça ou credo, abriram suas portas para receber os infelizes blumenauenses, e durante algum tempo centenas deles receberam alimentação e abrigo, tudo por seus meios modestos.

Quem tomar conhecimento da muita desgraça que atingiu Blumenau e os grandes sacrifícios que fizeram para chegar onde hoje estão, a cidade parece bem mais simpática do que do primeiro momento que se tem da mesma.

A comprida e única rua, que do outro lado do convento leva em direção à ponte e passando esta, alcança a Ponta Aguda, ganha em significado e vida, e cada casa, cada jardim extraído da terra selvagem é observada com atenção. A estrada e o local de nascimento da florescente cultura alemã que se expandiu sobre todo o Estado e continuará também sendo como a cultura alemã dos camponeses saxões em Subenbürgen ou do outro lado do Wolga.

Aqui se erguem casas comerciais que só oferecem artigos alemães, e

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

aos quais se deve o crescimento da importação vinda da Alemanha para Santa Catarina, que é maior que em qualquer outro lugar do planeta.

Aqui se encontram as duas livrarias e a redação dos dois jornais alemães "Der Urwaldsbote" e "Blumenauer Zeitung", que muito contribuíram para a conservação do caráter alemão entre os colonos e ambos são lidos em todo o Estado. Aqui também se encontra o Clube Germânia, onde à tarde as autoridades da cidade reúnem-se para trocar idéias.

Cidades e Colônias alemãs em Santa Catarina[4].
Blumenau
Continuação do número 73

Num canto, entre o rio Itajaí e um pequeno afluente, localiza-se um parque bem tratado com um monumento do fundador da cidade, Dr. Blumenau cuja viúva ainda vive em Braunschweig. Entre palmeiras, pinheiros e arbustos de Cróton, com suas folhas avermelhadas, olha-se a extensão do rio, em cujas margens estão ancoradas as embarcações que vão em direção a Itajaí.

A ida rio abaixo leva cinco a seis horas, mas depende das marés que às vezes invadem até Blumenau. As poucas ruas que a cidade apresenta ficam encostadas a beiradas e encostas de barro que caem aos poucos.

A mais bonita rua é aquela larga no centro da cidade, que leva o nome do Dr. Blumenau com sua dupla fila de palmeiras. Ali se encontrava a casa, hoje desaparecida do fundador, ao lado a escola alemã com cinco classes e uma saleta.

O excelente professorado levou-a a ponto de até altos funcionários do Estado e também o inspetor escolar brasileiro enviarem seus filhos para esta escola. Que alegre criançada se encontra aqui todo dia! Quantos quadros bonitos da velha pátria podemos ver ali! Seus pais também ainda continuam ligados ao velho teatro "Frohsinn" em frente à escola que é um verdadeiro símbolo.

Do outro lado ainda vemos bonitas vilas, e ao longo da estrada para Itajaí, entre a mesma e o rio, há algumas belas casas escondidas atrás de

[4] Fonte: Der Urwaldsbote Nr. 74 - 14 de Março de 1914 (Sábado).Ano 21.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

bonitos jardins. Acima das mesmas ergue-se o hospital alemão, e do outro lado, numa elevação, a igreja evangélica onde ao lado foi agora terminada a construção da casa do pastor.

Nas cercanias surgiram algumas imponentes construções fabris e outras, as quais se destacam as de fabricação de pregos, arame farpado, artigos têxteis, sabão, velas e erva mate, refinarias de açúcar e naturalmente fabricantes de cerveja.

Isto é o que se apresenta de mais importante na estatística de Blumenau. Mas é preciso imaginar o quadro da cidade de modo bem diferente de um distrito industrial alemão.

Blumenau bem que poderia tirar seu nome de uma várzea de flores, pois, por toda parte encontra-se florescendo abundante flora tropical, limoeiros transformam-se em cercas vivas, laranjas amarelas aparecem nas árvores e entre os bambuzeiros surgem belas flores brancas, rosas e vermelhas, também encontram-se as mesmas flores em volta das varandas.

Cada casa mostra um estilo diferente de construção e cada uma foi decorada conforme o gosto do seu proprietário, mas sempre transmitindo tranqüilidade e paz, e sobre cada porta de entrada pode se ler: "Meu lar, meu mundo".

Toda a cidade de Blumenau aspira calor, bem estar e confortabilidade. E que continue assim também, mesmo que esta pequena cidade seja uma vez aberta ao grande tráfego. Este trânsito logo virá a despertar Blumenau de seu sonho de bela adormecida.

No "Frohsinn", e no Hotel Holetz, os senhores me falaram sobre a ferrovia que finalmente aconteceu, e que Blumenau tanto esperava. Apesar Blumenau já ´possuir um trecho de ferrovia através do romântico Vale do Itajaí pelo Salto Weissbach, à bonita cidade de Indaial para Hammônia, o centro da cidade da grande colônia alemã Hansa. Para esta ferrovia Blumenau teve que dar certa garantia de juros.

Vindo de Salto Weissbach e Pomerode tive que cruzar o rio de balsa na minha carruagem. A balsa no meio do rio ficou presa numa pedra e só depois de meia hora de esforço foi libertada. Logo abaixo vi a nova ponte férrea, que alguns dias mais tarde seria solenemente entregue pelo governador.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Ele veio especialmente para esta cerimônia da capital Florianópolis, pois, ama Blumenau como pessoalmente me disse. Os blumenauenses também lhe agradecem o auxílio prestado por ocasião da enchente e o homenagearam com um banquete.

Mas apesar da ferrovia para a Hansa, Blumenau estava por assim dizer no seco. Agora será construída, pelo banco alemão, a ferrovia entre Itajaí e Blumenau, e além da Hamonia através do Estado até a fronteira da Argentina, onde encontrará conexão até Buenos Aires.

Esta ferrovia Catarinense também abrirá a região oeste onde se expande o rio Itajaí e ali encontramos terras muito frutíferas. Já algumas centenas de famílias italianas se transferiram para lá. Esperamos que jovens alemães sigam seu exemplo para que neste trecho também seja conservada a cultura alemã.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Quem escreve o que e onde

Enéas Athanázio[1]

Autores Catarinenses

Catarinense de Joinville, Waldyr Norberto Schubert foi carioca por trinta anos e hoje é mineiro de Três Corações, terra de Godofredo Rangel. Como costuma dizer, é "catamineiroca." Poeta e escritor, também faz desenhos técnicos que "ajudaram a erguer residências, indústrias, hidrelétricas, hotéis e aeroportos." Em 2003 publicou o livro "Brincando de Viver" (Excelsior Editora – Três Corações – MG) reunindo páginas de memórias de seus dias de menino na cidade onde nasceu. São recordações cheias de saudade e revestidas de um lirismo poético que nos prende até o fim, degustando cada página como se estivéssemos revivendo nossa própria infância. Essa capacidade de integrar o leitor ao meio descrito é que faz o segredo das grandes memórias, tão diferentes e distanciadas das biografias que semelham relatórios. Aqui ele invoca a rua de sua menice, os amigos inesquecíveis, os rios que cortam a cidade, as figuras curiosas que ficaram na lembrança, os fantasmas, os colégios, as corridas de bicicleta, o trem, os pais e, naturalmente, as enchentes, esse fantasma líquido que povoa o universo de todo catarinense, sempre à espreita dos níveis das águas.

[1] Escritor e Advogado.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

É um livro delicioso, bem escrito, de texto vivo e ágil. Está de parabéns o nosso conterrâneo exilado, cuja obra precisa ser melhor conhecida e divulgada por aqui. (Contatos com o escritor: Rua Dr. Anísio Lopes Vieira, 6 1 7 – Santa Teresa – CEP 37410-000 – TRÊS CORAÇÕES – MG).

"Memória da Antropologia no Sul do Brasil", organizado pelo antropólogo Sílvio Coelho dos Santos (Editora da UFSC/Associação Brasileira de Antropologia – Florianópolis – 2006), reúne três ensaios que focalizam a história e a evolução dos estudos antropológicos em nossa região, desde os pioneiros da disciplina até os dias de hoje. Sílvio Coelho dos Santos focaliza o nosso Estado, Cecília Maria Vieira Helm o Paraná e Sérgio Alves Teixeira o Rio Grande do Sul, fornecendo ao leitor um panorama amplo e minucioso do que ocorreu com essa ciência desde sua chegada discreta e tímida. O livro é rico em informações biográficas, bibliografia específica e iconografia. No que respeita ao Estado, o autor do ensaio respectivo unifica e sistematiza acontecimentos em geral conhecidos, embora dispersos, permitindo uma visão de conjunto antes difícil ou impossível. Partindo dos pioneiros do estudo e do ensino da Antropologia, como Oswaldo Rodrigues Cabral, e mestres da velha Faculdade Catarinense de Filosofia, acentua a luta abnegada de Henrique da Silva Fontes e João David Ferreira Lima, de quem cheguei a ser aluno, na concretização de escolas para o ensino, o estudo e a prática antropológica. Nessa batalha longa e sofrida, Sílvio Coelho dos Santos teve ativa participação, agindo, lecionando, escrevendo, realizando trabalhos de campo, o que lhe confere lugar destacado. Faz justiça a outros estudiosos, como João Alfredo Rohr, o padre arqueólogo, Egon Schaden, o primeiro antropólogo catarinense, e outras figuras que se destacaram no magistério e no conhecimento da disciplina. Acentua a importância da criação do Instituto de Antropologia, que depois virou Museu, a expansão da cadeira, a criação da pós-graduação e do mestrado, atingindo a amplitude atual. Evidencia-se do relato a dedicação do autor à questão indígena, não apenas estudando tudo que lhes diz respeito mas também publicando obras de importância sobre o tema e até mesmo tomando iniciativas de ordem prática em benefício dos indígenas que vivem no Estado.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Em relação aos Estados vizinhos, os autores dos ensaios realizam trabalhos semelhantes, desvendando a história da Antropologia no Paraná e no Rio Grande, sem esquecer seus expoentes, em especial as figuras do médico paranaense José Loureiro Fernandes e do padre gaúcho Balduíno Rambo, os primeiros catedráticos da disciplina em seus Estados e que, ao lado de Oswaldo Rodrigues Cabral, são considerados os fundadores. O livro, em boa hora lançado, faz justiça aos que tanto lutaram pela implantação e difusão da fascinante ciência em nossa região e constitui um documento único, daqui em diante referência obrigatória nas pesquisas sobre o tema.

A Fundação Cultural de Chapecó (FCC) e a Associação Chapecoense de Escritores (ACHE) promoveram, em conjunto, o II Concurso Nacional de Literatura, desta vez dedicado aos gêneros do conto e da poesia. Bem organizado e divulgado, o certame pretende se afirmar como evento nacional, a exemplo de outros existentes em diversas cidades, e contou com invejável participação de candidatos, revelando a boa repercussão alcançada. Cinco vencedores de cada categoria terão os trabalhos publicados em antologia que será lançada em novembro. Poderão ainda associar-se à ACHE, na condição de sócios-correspondentes.

O renomado crítico, historiador da Literatura Catarinense e professor emérito da UFSC Celestino Sachet, comentando o mais recente número do "Jornal do Enéas", endereçou-me as seguintes palavras: "Florianópolis, 19 de junho de 2006. Meu caro Enéas, Mais uma vez, o teu jornal possibilitou-me uma viagem através da prosa e da poesia do Brasil. E, não é "puxação", o teu magnífico poema em prosa "Meus Campos Gerais." Me refiro, de modo especial, à frase: "O mato cresceu! Nele o vento que corre livre faz uma zoada forte, sacudindo de leve as copadas, e as palavras ecoam de um jeito estranho no interior do pequeno templo." Essa comunhão entre o vento presente e as vozes distantes estabeleceram uma concretude de mistério."

Muito grato, amigo e mestre! Suas palavras iluminaram um dia cinzento e frio.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Em visita à cidade paranaense de União da Vitória, convidado para um "café literário" promovido pela Academia local, recebi livros de diversos autores daquela região e de vários gêneros. São os seguintes: "Do mundo das minhas saudades", crônicas de Jocely Lona Cleto, repletas de recordações da cidade, do rio e, acima de tudo, do trem que deixou tantas saudades; "Porto União da Vitória – Um rio em minha vida", de Cordovan Frederico de Melo Júnior, abordando a história regional, com ênfase para a navegação fluvial e a onipresença do rio Iguaçu na vida local; "Coisas que tocam...", crônicas de Therezinha Leony Wolff, abordando os mais variados aspectos da vida comunitária com toques de genuína saudade; "Minha cidade mestiça", de Affonso Reis Teixeira Filho, crônicas muito vivas e coloridas sobre a vida urbana; "Exultação e Longevidade", de Helena Klotz, e "Poemas Azul-Violáceos", de Yeda Cordeiro Ramirez, ambos de poemas, em sua maioria exaltando fatos e gentes da terra. É toda uma literatura impregnada de telurismo, focalizando o passado e o presente da cidade e da região, e formando um conjunto revelador da preocupação geral com a preservação da memória. Oxalá todas as cidades dispusessem de tantas e tão ricas fontes de informação. É desse conjunto de eventos locais que se extrai a visão geral. Em vários deles o prefácio e a revisão vêm assinados pela Profa. Fahena Porto Horbatiuk, denunciando a presença forte dessa incansável batalhadora das letras e da cultura.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Para proceder a assinatura da Revista ou sua renovação, assim como receber números antigos ou tomos completos encadernados, procure-nos.

Abaixo informamos nossos preços:

- Assinatura nova: R$ 70,00 (anual = 6 números)
- Renovação da assinatura: R$ 55,00 (anual = 6 números)
- Tomos anteriores (encadernados com capa dura): R$ 80,00
- Exemplares avulsos: R$ 10,00 (edições dos anos 70 a 2003)
  R$ 10,00 (anos 60)
  R$ 10,00 (anos 50)
- Encadernação R$ 30,00 o volume (até 1997, um volume para cada tomo. De 1998 em diante, dois volumes por tomo.
- Tomo completo encadernado: R$ 120,00 (para tomos de 1998 em diante). Para tomos de anos anteriores, solicitar orçamento.

( ) Sim, desejo assinar a revista *Blumenau em Cadernos* para o ano de **2006** (Tomo 47). Anexo a este cupom, a quantia de R$ .....,00 (..... reais) conforme opções de pagamento abaixo.

Formas de pagamento:

( ) Vale Postal – Fundação Cultural de Blumenau – Blumenau em Cadernos

( ) Depósito no BESC – conta 77.995-2 – Agência 003. Após o pagamento, passar FAX do recibo de depósito com o nome do depositante, para nosso controle.

( ) Cheque - Banco: ..... Número do Cheque: .....

Dados do Assinante:

Nome:_____

Endereço:_____

Bairro: _____ Cx. Postal: _____

CEP: _____-_____ Fone para contato: _____

Cidade: _____ Estado: _____

_____

Assinatura

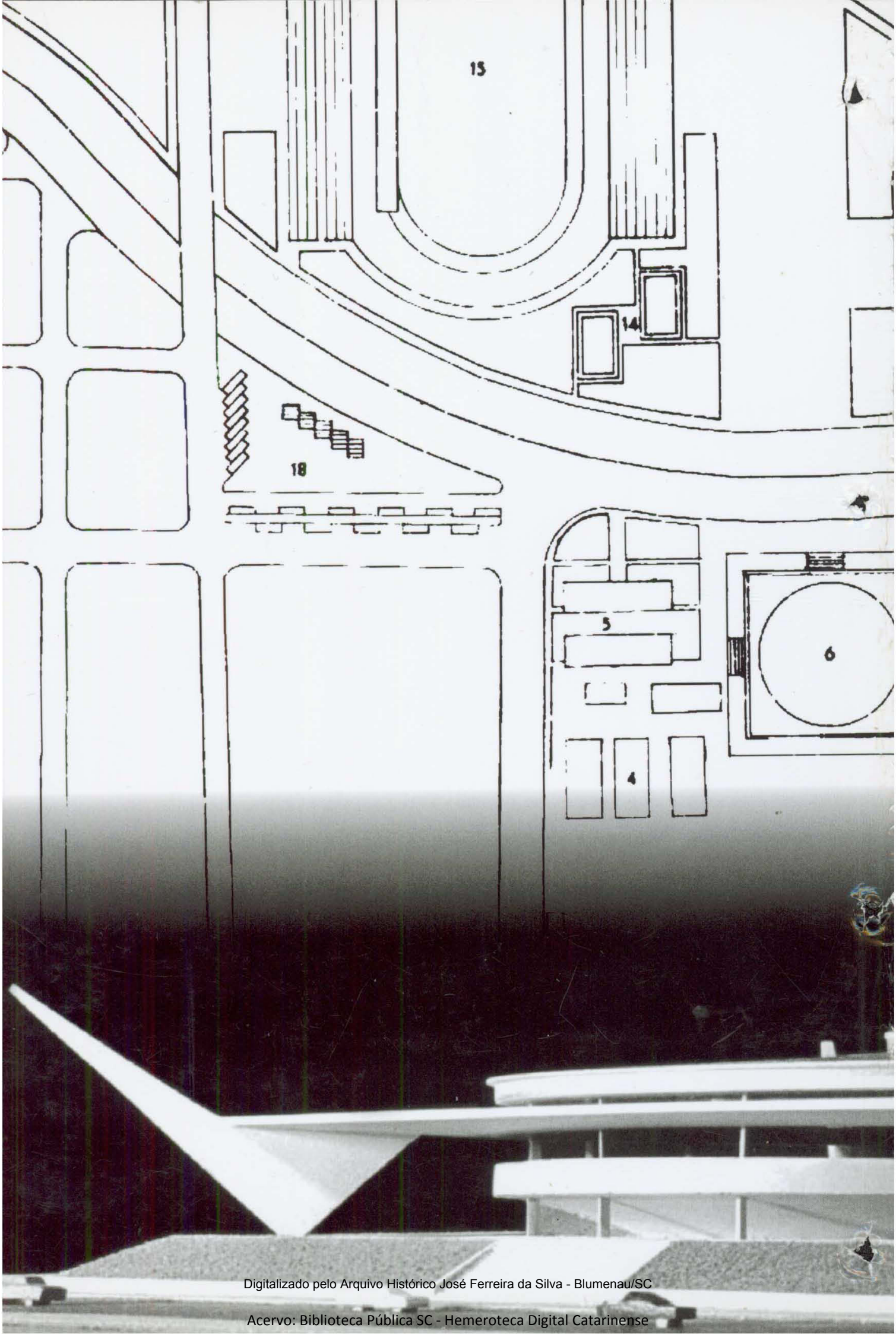
Arquivo Histórico José Ferreira da Silva

Caixa Postal 425 - Cep 89015–010 - – Fone: (47) 3326-6990 – Fax (47) 3326-6874

Blumenau (SC) – E-mail: arquivohistorico@fcblu.com.br

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense



Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense